



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
MARIA CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**PROFESSORES E SEUS REPERTÓRIOS SOBRE
CINEMA E EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rozangela Martins da Silva

Santa Maria, RS, Brasil.

2015

PROFESSORES E SEUS REPERTÓRIOS SOBRE CINEMA E EDUCAÇÃO

ROZANGELA MARTINS DA SILVA

Dissertação apresentada à banca examinadora do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/ RS) como requisito parcial a obtenção do título de **Mestre em Educação.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valeska Fortes de
Oliveira**

Santa Maria, RS, Brasil

2015

371.33523

S586c

Silva, Rozangela Martins

Professores e seus repertórios sobre cinema e educação / Rozangela Martins da Silva. Santa Maria-RS : UFSM, 2015.

97f. :il.

Orientadora: Valeska Fortes de Oliveira

Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação .

1. Cinema na educação. 2. Linguagem cinematográfica. 3. Formação de professores e cinema. 4. Imaginário Social. I.Título.

CDD: 22ed.

Elaborada por Rozangela Martins da Silva. CRB 2/1019

© 2015

Todos os direitos autorais reservados a Rozangela Martins da Silva.

A reprodução de parte ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

Endereço: Rua doze, n.2010. Bairro da Luz, Santa Maria, RS CEP.97110-680

Fone(0xx) 55 32225678; email:ufesme@ct.ufsm.br

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova
a Dissertação de Mestrado

**PROFESSORES E SEUS REPERTÓRIOS SOBRE CINEMA E
EDUCAÇÃO**

elaborado por

Rozangela Martins da Silva

Como requisito de como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em
Educação.

COMISSÃO EXAMINADORA:

.....
Valeska Fortes de Oliveira, Dr^a.
(Presidente/Orientador)

.....
Celso Ilgo Henz, Dr. (UFSM/RS)

.....
Deonir Luis Kurek, Dr (UNIOESTE)

Santa Maria, 12 de junho de 2015

Para encontrar alguma coisa que realmente gostem encontrem algo que sejam capazes de amar de verdade. E quando o encontrarem lutem com todas as forças que tiverem pelo seu tesouro. E assim vocês terão o tesouro pelo qual lutaram. E irão adquirir o hábito de abraçar as coisas de coração. Este é o verdadeiro tesouro.

Extraído da obra: a escola vai ao cinema de Inês Teixeira

AGRADECIMENTOS

A Deus que me inspira, me orienta, me conduz, sem o qual nada seria possível.

A meus irmãos pela força, pelo carinho.

A minha mãe Hortência, meu exemplo de vida, de fé, de sabedoria. Que sempre me incentivou, sempre acreditou nas minhas escolhas.

A meus filhos Douglas, Adeline e Rafael, meus companheirinhos de jornada, por vocês, fui mais além do que poderia imaginar. Vocês são minha mais intensa inspiração.

A meu esposo Fernandisson pelo companheirismo, pelo carinho, por me animar nos momentos difíceis.

Aos meus colegas do Mestrado, que sempre por meio das mídias sociais estiverem me incentivando a não desanimar de mais essa etapa da minha vida.

Ao grupo GEPEIS, pelas experiências enriquecedoras.

A minha Orientadora, professora Valeska Fortes de Oliveira, que com sua sabedoria me fez trilhar os caminhos necessários para a realização desse sonho.

Aos professores da banca, que tiveram o olhar sensível sobre essa produção e muito me enriqueceram com suas críticas.

Aos professores colaboradores da pesquisa: Hélio Márcio, Jonierson, Kerley, Marcio Palácios e Ana Paula. Obrigada pela disponibilidade e atenção. Sem vocês este trabalho não seria possível.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

CINEMA E EDUCAÇÃO: OS PROFESSORES, SEUS IMAGINÁRIOS E SUAS RELAÇÕES COM O AUDIOVISUAL

AUTORA: ROZANGELA MARTINS DA SILVA
ORIENTADORA: VALESKA FORTES DE OLIVEIRA
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 12 de junho de 2015.

Esta pesquisa intitulada “Cinema e educação: os professores, seus imaginários e suas relações com o audiovisual” está inserida na linha de pesquisa LP1 Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria. A presente dissertação pretendeu investigar quais os imaginários construídos sobre a sétima arte e seu uso na escola e, como o cinema está sendo retratado nas práticas educativas de professores do Instituto Federal de Tocantins (IFTO) *Campus* Araguaína. Para embasamento teórico, deste estudo, enfocamos autores que tratam de formação de professores, cinema e educação e imaginário social, dentre os quais estão: Castoriadis (1982), Oliveira (2012); Duarte (2002), Fresquet (2013), Imbernon, Nóvoa (2009), Deleuze (1985) e Bergala (2008). A abordagem teórico metodológica utilizada é a qualitativa. Como instrumento e procedimento de coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco docentes do Curso de Informática Integrado ao Ensino Médio, a fim de se compreender as possibilidades de utilização do cinema no espaço escolar, suas representações sobre o cinema nacional e suas concepções sobre cinema e conhecimento. Os dados coletados foram explorados com o apoio da análise temática de Bardin (1977). Os resultados permitem a inferência de quatro eixos temáticos: *cinema na vida*, *cinema no espaço escolar*, *cinema nacional e cinema e conhecimento*. Constatou-se que os professores veem no cinema um aliado, um instrumento de grande relevância na construção e enriquecimento do conhecimento, porém, muitos ainda não conseguem utilizar o cinema em toda sua potencialidade. A grande maioria dos professores não tiveram uma formação específica para trabalhar com o cinema, não participaram de simpósios, congressos, fóruns sobre a temática. Sendo assim, uns buscam mais, outros menos, ir aprendendo no cotidiano, como desenvolver suas práticas envolvendo o cinema. Verificou-se que o cinema nacional é pouco conhecido e, conseqüentemente, pouco valorizado. Também foi visto na pesquisa que pode ser ampliado o uso do cinema, a partir do potencial da sétima arte na formação das novas gerações. Dessa forma, evidencia-se nesse estudo que é essencial que sejam viabilizados cursos de formação continuada no Campus, onde se desenvolva trabalhos, enfatizando o cinema como arte, como criação, no desenvolvimento da alteridade, na ampliação dos imaginários e dos saberes. Acredita-se que partir dessas atividades torne-se viável a construção do conhecimento também pelo viés cinematográfico, possibilitando-se o (re)pensar das práticas educativas. Desse modo busca-se ver o cinema como potencia criadora e não apenas como recurso pedagógico de entretenimento ou de ilustração de conteúdo.

Palavras chave: Cinema. Formação de professores. Educação. Imaginário social.

ABSTRACT

This research is entitled: Cinema and Education: teachers, their imaginaries and relations with the visual audio. It is part of the post-graduation program at Universidade Federal de Santa Maria. This work investigates how cinema has been worked at Instituto Federal do Tocantins, Campus Araguaína. This investigation is theoretically based on scholars who study cinema, education, and social imaginary. They are Castoriadis (1982), Oliveira (2012); Duarte (2002), Fresquet (2013), Imbernon, Nóvoa (2009), Deleuze (1985) and Bergala (2008). This is a qualitative research. As a data generation, device semi-structured interviews were done with five teachers who teach students from the course of Computer Science Integrated to High School. One of our goals was to understand some possibilities of using cinema at school as a tool to empower teachers' teaching practice. National cinema investigation also was inserted and highlighted here. Bardin's analyzes theory (1977) was used to analyze this data's research. Results point four relevant thematic area: cinema in the life, cinema at school, national cinema and knowledge and cinema. Teachers see cinema as a strong tool to produce knowledge and make it accessible to students in a certain way that only through the Seventh Art can do. However, some of them do not take much profit from cinema because they were not specifically prepared for that purpose. In this way, some get more profit than others do in how to explore this art's potential. National cinema is few known; consequently, it is not valued as much as it should. It is mentioned how cinema can help in the education and new generation formation can take profit from it. In overview, this work points a need of offering opportunities where teachers can be exposed to different and specifically training aiming to empower to use cinema in their classes. The great majority of teachers did not have specific training to work with cinema, did not participate in symposia, conferences, forums on the topic. Thus, each seeking more, some less, go learning in everyday life, how to develop their practices involving the cinema. It appeared that the national cinema is little known and hence undervalued. It has also been seen in research that can be expanded using the cinema, from the potential of the seventh art in the formation of new generations. Thus, it is evident that this study is essential that made possible continuing education courses on the campus, which develops work, emphasizing the cinema as art, like creation, development of otherness, the expansion of the imaginary and knowledge. It is believed that from these activities are feasible the construction of knowledge also the cinematic bias is to enable you to (re) thinking of educational practices. Thus, we seek to see the film as a creative power and not just as an entertainment educational resource or content illustration.

Keywords: Cinema. Teacher training. Education. Social imaginary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1– Mapa do Tocantins.....	17
Figura 2– Cotidiano da cidade de Cametá-PA.....	18
Fotografia 1 – Boneca do cacho do açaizeiro.....	19
Fotografia 2 – Participação em Encontro de Estudante de biblioteconomia.....	23
Quadro 1 – Características dos colaboradores da pesquisa.....	33
Figura 3 – Eixos temáticos.....	39
Quadro 2 – Identificação de eixos e subeixos temáticos.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ARAGUAINA: CIDADE EM EXPANSÃO	15
3	AS DIFICULDADES PODIAM DESANIMAR, MAS A INQUIETAÇÃO NÃO DEIXOU. UM SONHO, UMA HISTÓRIA	18
4	OS COLABORADORES E OS TRAJETOS METODOLÓGICOS	30
5	UM OLHAR SOBRE O CINEMA NO CAMPUS ARAGUAÍNA	42
5.1	Cinema na vida	42
5.1.1	O gosto pelo cinema	43
5.2	Cinema no espaço escolar	44
5.2.1	Utilização do filme, do vídeo em sala de aula	44
5.2.2	Metodologias usando o audiovisual	48
5.2.3	Experiências positivas com o audiovisual	53
5.2.4	Pontos positivos e negativos do cinema no Campus	56
5.2.5	Facilidades e dificuldades da utilização do cinema na escola, no Campus	62
5.2.6	O lugar do cinema na escola	64
5.3	Cinema nacional	71
5.3.1	Visão sobre o cinema nacional	71
5.4	Cinema e conhecimento	79
5.4.1	O cinema como espaço socializador e de produção de significados	86
6	QUANTO MAIS APRENDEMOS, MAIS NOS CERTIFICAMOS QUE TEMOS MUITO A APREENDER	93
	REFERÊNCIAS	98
	APÊNDICE	105

1 INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade marcada pelas grandes e constantes transformações em todos os níveis e inclui-se aqui, o nível educacional. Não é de hoje que se observa que não há ser humano capaz de acompanhar a imensidão de informações lançadas todos os dias no nosso cotidiano.

Conseqüentemente, crescem de modo acelerado as competências e as exigências de saberes nesse cenário. Um dos profissionais que necessitam estar em permanente aprendizado para conseguir acompanhar tamanha evolução, na sociedade contemporânea, é o professor. As tecnologias da informação e das comunicações expandiram as fronteiras de acesso às informações e aos conhecimentos, logo, há um número gigantesco de pessoas que dispõem diariamente de novas informações, que vão se constituindo em novos saberes.

Os professores precisam conceber maneiras de estar a todo o momento se atualizando, inovando suas metodologias de ensino, suas práticas pedagógicas. Portanto, é vital haver uma busca intensa de novas aprendizagens. Não é mais possível acreditar que os estudantes de hoje não possuam esse ou aquele conhecimento, que vão para sala de aula por que não sabem de nada e o professor como o grande mestre, vai para passar o seu saber. Em muitos aspectos, os estudantes sabem tanto quanto o professor; e é imprescindível utilizar isso para o crescimento de ambos.

Deparamo-nos, hoje, com diversificados métodos de se desenvolver os saberes, as competências e as aprendizagens seja na educação formal, seja na informal. Dentre esses, está o cinema, a utilização da linguagem cinematográfica como dispositivo que visa fortalecer o processo de ensino aprendizagem, o processo de formação pessoal e profissional, que tem o objetivo de ampliar a visão de mundo das pessoas.

No decorrer da minha trajetória educacional, sempre entendi que a utilização de filmes em sala de aula, era apenas para entretenimento, apenas para prender a atenção do aluno, devido à ausência de algum professor. Ao iniciar minhas vivências com o Grupo de Pesquisa em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que desenvolve trabalhos sobre imaginário social, sobre cinema e formação de professores, fui percebendo que o cinema abre portas para significantes aprendizagens, que ele pode potencializar nossos conhecimentos.

No entendimento de que muito se pode aprender com a sétima arte, também por ser mãe de aluno, ser membro da Comissão de pais do Campus e estar sempre preocupada em contribuir no desenvolvimento de uma educação de qualidade nessa instituição, meu local de

trabalho, decidi desenvolver essa pesquisa, voltada a investigar quais seriam os imaginários dos professores do Médio integrado de informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO) - *Campus Araguaína* - construídos a respeito da sétima arte; como o cinema é desenvolvido em sala de aula e como está sendo retratado em suas práticas educativas. Também busquei averiguar qual o imaginário dos docentes a respeito do cinema nacional e sua recente legislação.

Há muitas mudanças na forma de se ver, compreender e interpretar o cinema como dispositivo de formação, porém, infelizmente, ainda é grande o número de alunos, professores e escolas, completamente alheias a essas transformações ocorridas no cenário cinema e educação.

Objetivando colaborar no desenvolvimento educacional e conseqüentemente no enriquecimento econômico-social e cultural da população araguainense, o IFTO, veio unir forças às demais instituições educacionais presentes na cidade. No momento, o IFTO – *Campus Araguaína* oferta os seguintes cursos técnicos: Análises clínicas, Enfermagem, Informática para a Internet, Vigilância em Saúde e Informática- estes últimos integrados ao Ensino médio. Também lançou seu primeiro curso superior, o de Análises e Desenvolvimento de Sistemas. Conforme dados dos Projetos Pedagógicos dos Cursos, as ofertas de cursos estão voltadas à promoção da qualificação profissional, visando atender uma crescente demanda de profissionais.

A necessidade de articular a educação profissional ao desenvolvimento local e regional trouxe para população de Araguaína e região, possibilidades de melhor qualificação profissional frente às adversidades, e reais necessidades dessa região. Diante disso, a implementação de cursos pertinentes às demandas do mercado de trabalho dessa região, aliadas à prática social é o foco desta instituição de ensino. (IFTO, 2013, p.7)

No IFTO – *Campus Araguaína*, o local preferencialmente utilizado pelos professores no início dessa pesquisa para exibição de filmes era o auditório, por ser o único local que comporta mais pessoas e por ter uma estrutura mais propícia a exibição de filmes. Porém, devido o racionamento de energia, os professores não podem mais utilizar o auditório para esses fins, somente as salas de aula. O Campus foi uma adaptação de uma escola estadual de enfermagem, logo não foi pensado para o desenvolvimento de uma Instituição Federal como o Instituto. Desde sua criação até o momento são sérios os problemas de falta de estrutura e falta de espaço para ampliação das estruturas físicas do Campus.

Acredito ser importante retratar como o cinema está presente na vida dos professores do IFTO, porque visualmente, não há uma valorização dessa arte, nessa parte do Brasil, como

vemos em Santa Maria – RS, que é onde estou cursando esse mestrado. O objetivo geral da pesquisa foi investigar como o cinema está sendo retratado nas práticas educativas de professores do Instituto Federal de Tocantins - IFTO – Campus Araguaína. Meus objetivos específicos foram conhecer o imaginário dos professores sobre o cinema e o uso de filmes ou outros materiais audiovisuais nas aulas; compreender outras possibilidades para a sétima arte através das experiências vividas pelos professores; conhecer as representações sobre o cinema nacional dos docentes do IFTO e também buscar compreender os processos auto formativos desses professores.

Para efeito da pesquisa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com cinco professores do Curso de Informática Integrado ao Ensino Médio que utilizam o cinema em suas aulas. Os dados da pesquisa foram analisados à luz da técnica de análise de dados de Laurence Bardin.

A investigação se ancorou numa abordagem qualitativa, pois é o tipo de método que é adequado quando se quer estudar a realidade, os costumes, os símbolos, as crenças e os comportamentos de determinados grupos sociais. Os aprendizados, os significados, as vivências e experiências são elementos de grande relevância nesse estudo e o método qualitativo privilegia esses fenômenos sociais.

Para melhor compreensão, a pesquisa foi dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo temos a introdução, que traz a apresentação da pesquisa e a descrição do contexto onde a mesma foi realizada. O segundo capítulo é uma narrativa da minha trajetória de vida, e confesso que minha vida é de certo modo permeada de histórias, de narrativas que sempre me conquistaram. Gosto muito de ficar atenta às histórias que as pessoas mais idosas contam sobre suas experiências, dificuldades, suas maneiras de entender e de interpretar determinadas situações. Esse capítulo é uma narrativa das minhas vivências como ribeirinha da cidade de Cametá- PA, um pouco de minha juventude e de algumas tribulações que tive até chegar ao mestrado.

No terceiro capítulo apresento os colaboradores, explana sobre os aspectos metodológicos, o material de coleta utilizado e o processo das entrevistas que resultou nas grandes temáticas da pesquisa. No quarto capítulo apresento os dados já analisados das entrevistas, as falas dos nossos colaboradores, suas experiências e suas metodologias com o cinema em sala de aula.

E por fim, o último capítulo denominado “quanto mais aprendemos, mais nos certificamos que temos muito a apreender” exponho as possíveis contribuições da pesquisa, as aspirações que me fizeram enxergar, que quanto mais se aprende, mais se tem a aprender,

que mesmo nas dificuldades temos que nos lançar aos desafios e intervir de forma positiva na nossa realidade.

2 ARAGUAÍNA: cidade em expansão

O IFTO foi constituído pela integração da Escola Técnica Federal de Palmas e da Escola Agrotécnica Federal de Araguatins e foi criado pela Lei 11.892/2008, que instituiu a Rede Federal de Educação profissional, científica e tecnológica. Atualmente o IFTO possui onze campi, situados nas cidades de Araguaína, Araguatins, Dianópolis, Gurupi, Palmas, Paraíso, Porto Nacional, Colinas do Tocantins, Lagoa da Confusão, Pedro Afonso e Formoso do Araguaína em pleno funcionamento. São mais de sessenta cursos, do nível básico – nos ensinos fundamental, médio e superior. Também desenvolve a educação à distância, com a oferta de educação técnica em dezesseis pólos.

A missão do IFTO é proporcionar uma educação técnica, científica e tecnológica de qualidade, que possibilite melhoria de vida para os tocantinenses e que contribua no desenvolvimento econômico, social, cultural e econômico do Tocantins. (IFTO, 2013). Dentre os diversos campi implantados no Estado do Tocantins, enfatizaremos o da cidade de Araguaína, que só foi possível mediante a federalização da antiga Escola Técnica de Enfermagem, situada na cidade. O mesmo visa contribuir no desenvolvimento da cidade de Araguaína e região e foi implantado em 2009.

Situado entre os Rios Lontra e Andorinhas, o território de Araguaína foi ocupado primeiramente por índios da etnia Carajás. Mas só foi em 1876 que os primeiros migrantes chegaram à região, vindos da cidade de Paranaguá do Piauí. Os primeiros moradores foram a família do Sr. João Batista da Silva, que procuraram se estabelecer a margem direita do Rio Lontra.

Por ser um local propício a ataques de índios e de animais selvagens, o povoado foi denominado de Livra-nos Deus. Nesse mesmo ano, chegaram mais pessoas da família do Sr. João Batista, ampliando a comunidade e seu nome foi mudado para Lontra, devido ao Rio que se erguia majestoso, contribuindo sobremaneira para o desenvolvimento da região. Somente em 1948, o povoado passou a se chamar Araguaína, com a criação de Filadélfia, que passou a integrar a região, foi denominado assim em homenagem ao Rio Araguaia, já de grande importância para os moradores (HISTÓRIA de Araguaína)

Em 1953, com a Lei Municipal nº 86, é que o povoado de Araguaína, passou a ser considerado Distrito. A Lei Municipal nº 52, de 2º de julho de 1958, foi que autorizou o desmembramento do Distrito. O Município de Araguaína foi criado pela Lei Estadual nº 2.125 de 14 de novembro de 1958, tendo sido instalado oficialmente em 01 de janeiro de

1959. O desenvolvimento econômico-social se deu somente a partir de 1960, com a construção da rodovia Belém-Brasília, apoiado nas atividades do setor primário, especialmente a pecuária, por isso mesmo era conhecida como a capital do “Boi gordo”. Araguaína está situada na parte norte do Brasil, mais precisamente na Microrregião do Extremo Norte do Tocantins, denominada “Bico do Papagaio”, pertencente à Amazônia Legal.

No período de 1960 a 1975, a cidade apresentou um acentuado crescimento econômico, tornando-se a quarta maior cidade do Estado de Goiás. Porém, em 1989, com a criação do Estado do Tocantins, Araguaína tornou-se a maior cidade do Estado, sendo vista como possível capital do Estado. Contudo, essa ideia não se concretizou, uma parte da população migrou para Palmas, onde foi construída a Capital do Estado, provocando uma estagnação da economia da cidade.

Apesar de tudo, Araguaína cresceu e segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2014, a cidade é a segunda maior do Estado em termos populacionais, perdendo apenas para a capital Palmas, que tem uma população de 265.409 habitantes, enquanto que Araguaína tem 167.176. A estabilidade econômica da cidade é provida pela pecuária, a agricultura, o comércio, indústrias e o setor de serviços sendo considerada como a “capital econômica do Estado”. (IBGE, 2014)

Araguaína está em crescente expansão, é vista como referência no Estado em termos de Saúde e educação, atende não só aos municípios vizinhos, mas também ao Sul do Pará e Maranhão. Uma pesquisa realizada pela Revista VEJA, em 2010, aponta Araguaína como uma das vinte metrópoles do futuro e enfatiza que o setor de serviços é o que mais tem crescido nos últimos anos:

O consumo no comércio de Araguaína cresce 7% ao ano, e todas as pessoas que moram em raio de 200 quilômetros dependem da cidade, que abastece, além do Tocantins, o sudeste do Pará e o sudoeste do Maranhão. A população do Tocantins e esses dois Estados que dependem de Araguaína somam um total de 1,7 milhão de pessoas. (ARAGUAINA, 2010).

Devido as várias transformações sociais, espaciais, culturais e os grandes investimentos proporcionados a cidade, em decorrência, entre outros da construção da Rodovia Belém – Brasília (BR-153), a cidade de Araguaína que teve origem num pequeno povoado denominado livra-nos-Deus, desponta no século XXI, como uma cidade média regional com uma localização estratégica (figura 1) que favorece o acesso de outras cidades e Estados vizinhos aos seus serviços e produtos, que exerce grande influência no desenvolvimento do Estado, como enfatiza Morais (2014, p.57)

é preciso compreender a cidade de Araguaína como uma cidade média, em função do vínculo estabelecido com seu entorno, da influência que exerce, dos serviços que oferece, da dinâmica econômica que desenvolve, bem como de sua importância e do papel estratégico de centro gestor regional no estado do Tocantins



Figura 1- Mapa do Tocantins
Fonte: Guia geográfico do Tocantins

Certamente, o IFTO Araguaína contribuirá ainda mais no desenvolvimento e crescimento econômico, cultural, político e social da cidade. Muitos estudantes das primeiras turmas que concluíram os cursos de enfermagem, Análises Clínicas, Gerência em saúde, Informática para internet e do Curso de Informática integrado ao ensino médio do IFTO, já estão atuando como profissionais nas diversas instituições de saúde, clínicas, empresas e laboratórios da cidade.

3 AS DIFICULDADES PODIAM DESANIMAR, MAS A INQUIETAÇÃO NÃO DEIXOU. UM SONHO, UMA HISTÓRIA



Figura 2 – Cotidiano da cidade de Cametá
Fonte: Google imagens

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos. (Fernando Pessoa)

Aqui descreverei um pouco da trajetória de vida dessa pessoa que hoje é mãe e pai, estudante, trabalhadora, que é incansável no pensar de que sempre se pode fazer um pouco mais, que acredita que mesmo diante das barreiras, das dificuldades, não se deve recuar e buscar o caminho mais fácil, mas ao contrário, ser como um rio, que contorna os obstáculos e chega onde precisa, onde almeja.

Recordar minha infância e de boa parte de minha adolescência é lembrar essas cenas de rio, de mar, do cantar dos passarinhos e do cheiro de mato. É embarcar numa viagem mágica onde o que vale é se encantar com as coisas mais simples da vida. Sou filha de família ribeirinha, da cidade de Cametá, no Pará.

A cidade de Cametá, fundada em 1635, é uma das mais antigas cidades amazônicas e está localizada à margem esquerda do Rio Tocantins no Estado do Pará. A denominação Cametá é de origem Tupi, referindo-se ao fato dos seus primeiros habitantes, no caso os índios Camutás, da família dos Tupinambás, construírem casas para espera de caça nos troncos

de árvores, conhecidas como “Caa-muta”, na linguagem nativa, “Caa” significava mato e “muta” degrau, armação, elevação.

Atribui-se a Frei Cristóvão de São José, um frade capuchinho, o episódio da fundação do primeiro povoado, por volta do ano de 1620, que deu origem ao município de Cametá. A fundação do povoado foi possível devido ao trabalho realizado pelo frade junto aos integrantes da tribo dos Camutás, conhecidos como os habitantes originais das terras localizadas à margem esquerda do rio Tocantins. (CAMPUS, 2013)

Cametá teve grande participação no movimento da cabanagem e também na Adesão do Pará à independência do Brasil. Conhecida como “terra dos notáveis”, em referência a grandes nomes na política e da história da cidade como: Cônego Siqueira Mendes, Ângelo Custódio, Padre Prudêncio, Deodoro de Mendonça, dentre outros. Devido as suas riquíssimas construções, que datam do século XVIII, recebeu o título de Patrimônio Histórico Nacional. Cametá é também uma cidade tradicional quanto à religiosidade e são vários os eventos religiosos que são tradições na cidade. (CAMETÁ, 2010).

Ainda sobre minha infância recordo das muitas brincadeiras junto com meus irmãos, brincávamos de bandeirinha, elástico, escravo de Jorge, pira cola, queimada, pião, etc.. Lembro também que, devido às condições financeiras, não tínhamos brinquedos de loja e nossa boneca (fotografia 1) era feita de cacho do açazeiro. O Açai é um fruto típico da região do Pará e faz parte do cardápio paraense. A parte que fica fixa no açazeiro era a parte que fazíamos de conta que eram as pernas da boneca e colocávamos então na cintura, como antes nos interiores se carregavam as crianças. O pião e os bichos eram feitos dos frutos da pracuúba (madeira utilizada para fazer casco e remo) e da pitaica (madeira boa para fazer lenha) e ainda fazíamos brinquedos da palmeira denominada de miriti.



Fotografia 1 - Boneca do cacho do açazeiro.
Fonte: arquivo pessoal

Recordando a minha trajetória em Cametá, lembro céus estrelados, tempestades, chuva nas flores, bichos, a música matinal dos passarinhos da floresta, cheiro de chocolate quente, de suco de cacau, de açaí fresquinho, de café torrado e moído na hora, das travessuras em cima das árvores para pegar deliciosas frutas, dos muitos e muitos banhos de rios, do barulho das ondas nas terras altas e das histórias assombrações sobre a mula-sem-cabeça, de matinta-perêra, lobisomen, mãe d'água e tantas outras.

Ah! e por falar nessas histórias, para muitas pessoas isso só são lendas, mas na minha família, essas histórias eram coisa séria. Minha mãe conta que quando a matinta perêra assovia ela está por perto. Dizem que se trata de uma pessoa idosa que fica falando: matinta perêra e fica assoviando. Quando a gente quer saber quem é a pessoa, a gente fala vem aqui buscar uma cachimbada, e a pessoa que aparece cedo na casa é que é a matinta. Isso é o que as pessoas antigas contam.

Há também a história do boto, que minha mãe sempre conta e por isso acredito não ser uma lenda, mais sim real, pois ela já viveu isso e conta que o boto é um homem, que quando gosta de uma mulher passa a persegui-la. Conta ainda que, muitas vezes, ela estava em casa e de repente o boto chegava e ela sentia que ele se aproximava por que o corpo dela ficava todo imóvel e relata que várias vezes meu pai correu atrás do boto e ele fugia e se jogava na água. Também nos conta que o boto se transforma em outra pessoa, ele chegava como se fosse um tio dela, todo de branco, ele a perseguia sempre até que um dia minha mãe escreveu para meu pai, que estava trabalhando em Belém. Meu pai arrumou uma pessoa para ficar em casa e todos os dias esfregavam folha de alho pelos esteios da casa. Só assim, o boto parou de ir atrás da minha mãe.

Depois de estar em Belém, já morando em nossa casa atual, o boto foi atrás dela e finalmente sumiu quando o bairro foi sendo povoado. Explanou que sofreu muito com o boto. Também em suas memórias, ela recorda de quando era mais jovem e de que sempre aparecia nas festas um rapaz bonito todo de branco, dançava, dançava, mas não falava nada e depois sumia.

Minha mãe conheceu um rapaz que foi encantado pela sereia. Ela mesma contou que quando ele ia pescar e via aquela mulher bonita, cantando, ficava parado vendo-a cantar. Com o tempo, foi ficando pálido, magro e triste. Ele só tinha vontade de ir pescar e um dia, foi pescar e sumiu. Encontraram apenas a embarcação dele. Minha mãe já ouviu também o canto da sereia.

A memória da minha mãe é muito boa. Ela recorda que meu avô estudou pouco, mas gostava muito de escrever. Ele tinha um caderno onde ele anotava tudo que achava importante e quando eles saiam, minha mãe pegava esse caderno para ler. Ele registrava sobre os partos que minha avó fazia, anotava o mês que a criança havia nascido, o peso, o ano e até os grandes acontecimentos históricos da cidade. Tudo ele anotava. Se não fosse pelo incêndio que destruiu a casa de meus avós, teria guardado o livro e junto os relatos de vida deles. Meu avô nasceu em 1904 e minha avó em 1912.

Minha avó era dona de casa, parteira, conhecia muito da medicina popular e embora nunca tivesse aprendido a ler e a escrever, conhecia como ninguém os mistérios dos remédios caseiros e da gestação. Tinha um saber tão apurado, que além de preparar a criança no ventre da mãe para o momento do parto, só de puxar a barriga da mãe sabia o sexo do bebê e ela sempre acertava. Meu avô era lavrador e carpinteiro. Eles sempre tiveram uma vida muito pobre e difícil. Saíam para o trabalho numa longa viagem de 3 horas de caminhada e atravessavam pequenos rios a nado com suas ferramentas e pertences.

Minha mãe sempre foi dona de casa e meu pai não tinha profissão definida, fazia de tudo um pouco. Meu pai jamais estudou e minha mãe estudou apenas durante 6 (seis) meses em toda sua vida. Sua aprendizagem foi construída também com os programas que ouvia no rádio, na televisão e nas suas leituras. O que minha mãe mais gosta de fazer hoje é plantar, costurar e ler.

Depois que viemos para Belém, a vida ficou muito mais difícil. Nossa família sempre foi grande. Éramos 15 irmãos e quase só meu pai trabalhava para manter a casa. Sempre me senti incomodada com a vida que a gente levava, das coisas que não tinha e das dificuldades de se morar em uma cidade grande. Minha mãe sempre foi muita religiosa e muito católica e eu passei boa parte da minha adolescência e início de minha juventude participando ativamente de tudo que havia na igreja.

Por volta dos meus 12 anos comecei a trabalhar. Trabalhava em casa de família, assim como, vendia osso, pão, fazia pequenos artesanatos. Aos finais de semana ia para o campo de futebol vender geladinho, que em Belém é denominado chopp (suco de fruta congelado) e ficava muito feliz, pois só retornava depois que vendia tudo e podia contribuir com algo em casa.

Lembro que já morando em Belém, tinha que dividir uma cama de casal com mais 04 (quatro) irmãos. Muitas vezes, a ida à escola, era como poderia dizer, imprevisível. Digo isso, pois, muitas vezes, minha mãe não tinha dinheiro para que pagássemos a condução. Então íamos cedo para ponto de ônibus e pedíamos carona para o motorista. De tanto pedir, alguns

motoristas já me conheciam e deixavam entrar pela porta da frente e assim não pagava passagem. Porém, outras vezes, não aparecia nenhum conhecido. Então, para não perder o horário, o jeito era entrar pela porta traseira e fazer de tudo para passar por baixo da roleta. Isso não era nada fácil e ainda tinha que ter cuidado para a saia do uniforme não subir, pois isso sim era constrangedor.

Entrei na Faculdade sem saber na verdade do que se tratava. Escolhi o curso de Biblioteconomia por causa de um sonho que tive e também por que aos 15 anos, consegui um estágio na biblioteca pública do bairro onde estudava, mas que não era onde morava e aprendi a gostar do que eu fazia ali.

Casei quando ainda estava cursando a Universidade. Em decorrência de problemas financeiros e com filhos para sustentar, passei quatro anos a mais na Universidade. Conclui todas as disciplinas no período regular, porém, me matriculava e não entregava meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tudo para continuar como estagiária, pois o estágio era remunerado e assim podia prover o sustento do meu lar.

Particpei durante quase 10 anos do grupo de jovens da comunidade, o Movimento Jovem Franciscano (MOJOFRAN). Fazíamos diversas atividades, ora em retiro espiritual, ora nas peças de teatro. Em outro momento dançávamos quadrilha, rezávamos nas casas dos moradores, às vezes passávamos horas nos ensaios do coral. Em outros, organizávamos festas e eventos para arrecadar dinheiro para a construção e ampliação da igreja. Esses momentos foram muito significativos em minha vida.

Casei com um pescador. Tivemos de início dois filhos. Porém, o casamento não deu certo e separamos após dois anos. Logo após a separação, eu que já tinha um filho, descobrir que estava grávida, mas não voltei atrás na decisão. Foram tempos difíceis, estagiário não tem direito a licença maternidade. Matriculei minha filha com menos de dois meses na creche e o mais velho já estava há mais tempo lá. Minha rotina diária era sair todo santo dia com duas crianças para deixar na creche debaixo de chuva, pois em Belém chove demais. Tinha que pegar duas conduções, carregando mochilas, sombrinhas e ainda fazer uma boa caminhada. Já chegava cansada ao trabalho, mas era a situação que se apresentava.

Sempre estive atenta para participar de cursos, eventos, de algo que me proporcionasse algum saber. Como acadêmica participei de muitos congressos, seminários, oficinas, cursos, mais do que todos da minha turma, visto que passei mais de 8 (oito) anos no Curso de Biblioteconomia. Com seis meses de gestação, fiz uma viagem de três dias de ônibus de Belém ao Rio de Janeiro (Fotografia 2) e quando estava grávida do meu segundo filho com sete meses de gestação empreendi outra viagem para São Luís (MA). Sempre considerei

importante essa troca de experiências com outros estudantes e com outras realidades da biblioteconomia.



Fotografia 2 - Participação em Encontro de Estudantes de Biblioteconomia

Fonte: Foto do Arquivo pessoal

Meus colegas e eu não tínhamos dinheiro para participar de nada. Passávamos o ano todo fazendo alguma atividade para conseguir dinheiro. Após isso, depositávamos e no período do evento, cada um recebia sua parte. Entre outras as atividades incluíam: vender água e pedir dinheiro no semáforo, em Belém, fazer pechincha e rifas.

Devido ao fato de ter demorado mais de 8 (oito) anos para concluir minha graduação, acredito que fui uma das poucas estudantes da turma que mais participou de estágios extracurriculares e isso me proporcionou muitos saberes, os quais não foram possíveis somente em sala de aula ou com o estágio curricular obrigatório. Busquei também sempre estar em instituições que trabalhassem com diversos tipos de informações, pois assim ampliava meu conhecimento, cheguei a concluir 8(oito) estágios extracurriculares, enquanto boa parte da turma fazia 1(um), ou seja, o obrigatório na estrutura curricular.

Por diversos fatores, dentre esses a questão familiar, a financeira e a falta de oportunidades, parei meus estudos após concluir a graduação cursada na Universidade Federal do Pará (UFPA) no curso de Biblioteconomia, em 2000. Um ano depois, recebi uma proposta para trabalhar no Estado do Tocantins. Na época, tinha duas crianças, estava separada e sem nenhuma perspectiva de melhoria profissional. Trabalhava em um restaurante. Entrava às 17h

e saía às 5h da manhã. Durante o dia, as crianças ficavam na creche e no final da tarde, as deixava com minha mãe. Aceitei a proposta de trabalho de imediato, visto que era na área de Biblioteconomia, minha área de formação. Todavia, após cinco anos trabalhando na instituição, fui demitida, bem como muitos professores e diretores, por motivos políticos.

Seis meses após a demissão, consegui novo trabalho, em outra cidade, distante 400 km de onde eu morava. Nesse período, já havia me reconciliado com meu ex-marido. Então, peguei as crianças que já eram três e mudei de Colinas do Tocantins para Porto Nacional, também em Tocantins. No início foi tudo muito difícil, achava muito injusta a demissão, mas depois vi que havia outros planos para minha pessoa, pois acabei ficando somente um ano e meio em Porto Nacional e recebi outra proposta de trabalho para Palmas, que reduzia em 100km o percurso até Colinas do Tocantins e havia mais opções de transporte. Certa vez, ao chegar em Palmas, não havia mais ônibus para Porto Nacional. Então, tivemos que dormir no piso da rodoviária. Mas foi nesse período, nessa cidade, que pude cursar uma especialização, em 2006. Em 2009, finalmente consegui ser aprovada em um concurso público e novamente mudamos de cidade. Já estávamos em Palmas, somente as crianças e eu, pois meu esposo continuava em Colinas e fomos para Araguaína, mas pouco tempo depois, meu relacionamento terminou definitivamente.

Sempre senti necessidade de estudar, de ir em busca de algo mais e devido as várias dificuldades que as mulheres solteiras enfrentam, busquei conhecimentos na área da construção civil. Fiz curso de instalador hidráulico, pintor de obras, de pedreiro e ainda pretendo fazer outros mais. Sou uma dessas mulheres que, às vezes, passa o final de semana de boné, óculos de proteção, trena na cintura, desenvolvendo algum trabalho caseiro dessa área que gosto muito - a construção civil.

Antes de ser aprovada no concurso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO) havia participado de outros seis concursos. Fui aprovada em três, contudo, o IFTO foi o primeiro para o qual fui chamada. Nesse período, conforme as mudanças de um Campus em implantação, senti a necessidade de retornar aos estudos novamente. Fiz seleção em outros lugares, mas não consegui aprovação, e sempre ficava preocupada com quem deixaria as crianças que já estavam com 15, 13 e 6 anos de idade.

Então, três anos após concluir a especialização, fui selecionada para o Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) onde estou no momento. Esse Mestrado é fruto de um convênio. Trata-se de um Mestrado Interinstitucional (MINTER), entre o IFTO e a UFSM. Somos uma turma de vinte pessoas, que foram selecionadas. Sou a única representante do Campus Araguaína que conseguiu passar na seleção.

Confesso que a vida nos prega umas peças, pois sempre que via alguma seleção de mestrado que era no Sul do Brasil, já nem lia o edital, pois sempre fui muito friorenta e já havia passado muitos frios em viagens para eventos. Então, não desejava cursar mestrado ou qualquer outra capacitação a longo prazo, nesse local. Contudo, recebi incentivo de amigos e familiares. Inscrevi-me e fui selecionada justamente para o Rio Grande do Sul. Então, tive que esquecer o frio, os problemas que, com certeza, surgiriam e embarcar na realização de mais um sonho.

Nesse momento olho para trás, no corredor do tempo, nas muitas idas e vindas, nas muitas decisões repentinas que tive que tomar e observo que progredi em algo, pois, de uma família de 15 irmãos, sou a única que está cursando mestrado, que é concursada, e tenho apenas uma irmã que embora mais nova, concluiu a graduação há pouco tempo. Sinto-me totalmente responsável por cada um dos meus irmãos, dos meus mais de 70 (setenta) sobrinhos e é claro da minha mãe. Nas muitas vivências, parece que consegui ser um pouco alfabetizada, pois como diz Paulo Freire, alfabetizar é “aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história, isto é biografar-se, existenciar-se, historicizar-se” (2011, p.12), e acredito que nesse momento, é um pouco disso que estou fazendo, sendo consciente do que almejo e construindo oportunidades para a realização dos meus objetivos.

Mas, como nossos caminhos não são somente flores, para chegar aqui em Santa Maria, tive que mandar minha filha de 15 anos para São Paulo, e os outros dois, ficaram em Araguaína, praticamente sozinhos, como já havia acontecido em diversos momentos, para eu participar de seminários, congressos e eventos de modo geral. Porém, dessa vez o tempo que iria ficar longe era bem maior, mas, essa ausência se fazia necessária.

Para quem é de origem ribeirinha, mais precisamente de Cametá, no estado do Pará, de família bem humilde, no qual, muitas vezes, faltava tudo; onde o almoço e o jantar era um “mingau de farinha branca”, como dizia minha mãe. A ida para aula todos os dias era uma aventura, um risco mesmo, pois era feito numa pequena embarcação, sem nenhum equipamento de segurança, somente com a fé, atravessava-se rios, fortes correntezas, com chuva e vento, para se chegar à escola. Lembro que nem energia elétrica tinha nesses lugares. Nunca ouvira falar em faculdade, durante a minha infância, e boa parte de minha adolescência, e tampouco sabia de fato o que era isso, mas com o tempo fui descobrindo e acredito que meu imaginário me fez correr em busca dos meus sonhos e objetivos de vida. Digo isso pautado no que diz Postic (1993, p.13), referindo ao imaginário na relação pedagógica:

Imaginar é evocar seres, colocá-los em determinada situação, fazê-los viver como se quer. É criar um mundo a seu bel-prazer, libertando-se. Tudo é possível. Tudo acontece. Na vida artística, imaginar é um ato criador. Na vida cotidiana, imaginar é uma atividade paralela à ação que exercemos ligada à realidade. A imaginação é um processo. O imaginário é seu produto.

Então, estou a todo o momento realizando muitos sonhos, fantasias, planos, que só existiam no meu imaginário, e que com certeza se não buscasse meios de realizá-los ficariam somente na minha imaginação. Após muitos planejamentos não terem se efetivado, consegui me organizar da forma que me foi possível, vindo a residir quatro meses em Santa Maria. Mas, na hora da partida, me veio um sentimento de culpa tão grande, de deixar meus filhos sozinhos, com coisas ainda por resolver. Chorei boa parte da viagem, e ao mesmo tempo pensava que precisava fazer aquilo, objetivando proporcionar algo melhor do que eu tive para eles e, em virtude disso, seguir em frente.

Não podia perder essa oportunidade. Foi muita luta para conseguir, pois na Região Norte do Brasil, há poucas ofertas de mestrado. Um número mínimo de vagas e muitas Universidades exigem que a pessoa se afaste por dois anos e, na minha condição de mãe solteira, longe da família, que ainda não havia cumprido o estágio probatório, tornava a questão ainda mais complicada. Apesar de todas as barreiras e entraves, conseguir vir para Santa Maria, alugar um quarto e buscar me adaptar a tudo, ao clima, aos costumes, a rotina de estudante, a saudade da família, a administrar situações em Tocantins, Belém e em São Paulo.

Nas muitas idas e voltas da vida, nos momentos de desespero, quando você olha para seus filhos e vê que eles estão com fome e você não tem nada a oferecer, abre no peito um sentimento de revolta, de tristeza, de sentir-se inútil, de você perguntar a si mesmo, o que foi que eu fiz!? Fui irresponsável ao trazer crianças ao mundo, sem ter condições para criá-las, educá-las e fazê-las se sentirem iguais a todo mundo?

Hoje percebo que esses momentos de aflição perseguem a maioria das mães estudantes e trabalhadoras que são obrigadas a deixar seus familiares, em busca de melhores oportunidades em outros locais. Diante da reponsabilidade do sustento da casa, são obrigadas a deixar os filhos, boa parte do tempo, sozinhos, para se lançarem na luta pela sobrevivência, em um mundo injusto, desigual, inseguro, onde muitos não tem nada, enquanto uma minoria detém tudo. Mas, acredito que só se revoltar contra o sistema não adianta, temos que agir buscando mudar a situação em que nos encontramos e ser o que sempre fui. Meu filho mais velho teve que ir embora para Manaus, para cursar Engenharia de Software, que era o que havia idealizado, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Todavia, se não houvesse a preocupação que tivessem uma base educacional melhor do que a que tive, isso certamente

não seria possível. Em se tratando da questão afetiva, depois de algum tempo caminhando só, resolvi me lançar a um novo relacionamento, casei-me em janeiro de 2015.

Ao chegar à UFSM, mais precisamente no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) fui muito bem recepcionada. Sempre fui um pouco tímida, no entanto, aquela alegria, animação, entrosamento e solidariedade, típico de pessoas que buscam não apenas um desenvolvimento profissional, mas também pessoal, foi aos poucos me envolvendo também. Nosso grupo desenvolve estudos e pesquisas sobre Imaginário Social, formação de professores e cinema, temas que não faziam parte, pelo menos, da forma como deveriam, do meu universo de conhecimentos.

O cinema em si, os exercícios fílmicos e as interpretações que poderiam ser importantes, não fizeram parte da minha infância, adolescência e nem da juventude. Sempre achei que assistir filmes era perda de tempo, e que ler um livro, um artigo ou uma revista era muito mais relevante que assistir a um filme; que o professor que leva filme para sala de aula é porque não teve tempo de preparar a aula e usava o filme para colocar suas tarefas em dia. Contudo, nesse pouco tempo em que estou participando do GEPEIS, na companhia da professora Valeska, coordenadora do grupo, e demais participantes, nas aulas e atividades que juntos desenvolvemos, comecei a ver a situação com outro olhar.

Diria que estou buscando construir o que o sociólogo Pierre Bourdieu (1979) intitulou de “competência para ver”, ou seja, “certa disposição, valorizada socialmente para analisar, compreender e apreciar qualquer história contada em linguagem cinematográfica”. Considero isso relevante, pois, para os que não tiveram uma vivência, experiência pessoal e nem profissional com o cinema, se faz necessário a construção dessa visão, desse olhar, e isso só se dará com o tempo, com as experiências, ações, estudos teóricos e práticas que envolvam a temática.

Mas com certeza, aprender isso e muito mais, sem minha participação no GEPEIS, não teria o mesmo sentido, embora esteja há pouco tempo no grupo, eles já me conquistaram. Dá para sentir o quanto se importam uns com os outros, o imenso desejo que tem de que eu consiga desenvolver certas competências. Diria que formamos uma grande família e isso não permite que eu me sinta sozinha nessa caminhada.

No decorrer das diversas aprendizagens, permeadas com as diferentes disciplinas que estou cursando, já consigo visualizar o cinema, os exercícios fílmicos, os conhecimentos proporcionados por esse elemento, que pode ser utilizado como complementação, enriquecimento de saberes e como algo de grande importância, na formação das pessoas de modo geral, conforme salienta Duarte (2009, p.14) “Constitui uma prática social importante

que atua na formação das pessoas e atua para distingui-las socialmente”. Então, o cinema, pode contribuir de forma intrínseca na formação do ser e conseqüentemente da sociedade como um todo. Nossos valores, nossa forma de pensar e nosso enriquecimento sociocultural podem ser construídos a partir também da utilização da linguagem cinematográfica.

Quanto será que evoluímos desde que passamos a utilizar a linguagem cinematográfica como veículo de ensino-aprendizagem, elemento formador, construtor do conhecimento humano e mediador de novas possibilidades?

Concordo com Duarte (2009, p.17) “O homem do século XX jamais seria o que é se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento independentemente, da avaliação, estética, política ou ideológica que se faça do que isso significa”. Como enfatizou a autora, é grande a gama de contribuições que a utilização do cinema trouxe para nossa sociedade; e estou aprendendo isso a cada dia, a cada atividade, ação, estudo, evento, exercício fílmico, interpretação, análise e ângulo. Fico analisando o quanto o ser humano desenvolveu, e, o quanto ainda pode desenvolver. O quanto o conhecimento, as experiências e vivências nos abrem os olhos e nos fazem enxergar situações que estavam na nossa frente, mas ainda assim não estávamos vendo. Nossos horizontes se ampliam na medida em que somos capazes de compreender, o que podemos fazer, para transformarmos nossa própria realidade.

A cada dia estou me apaixonando pela temática do cinema e tudo que ela envolve. Fico refletindo que já não voltarei mais a ser a mesma pessoa que cheguei, e mais ainda, de que forma poderei contribuir, desenvolver algo semelhante na minha comunidade e na minha área de atuação?

Contudo, tenho consciência que ainda tenho muito a aprender, principalmente na questão do olhar, do interpretar e do viver essas aprendizagens. Como diz Duarte: “O gosto pela arte cinematográfica, é fruto do conhecimento e da intimidade com essa arte e se constrói ao longo de muitos anos de fruição, contato e envolvimento com filmes” (2009, p.79). Então, não é da noite para o dia que as coisas irão acontecer. Requer um tempo, disponibilidade, iniciativa, entrega e busca de informações necessárias para a construção desses conhecimentos.

Não pretendo apenas entender como tudo funciona, como tudo pode ser mais bem analisado, interpretado, vivido, pensado, mas também como vou criar nos outros essa mesma paixão. Nesse momento, retomo a uma questão de Duarte: Será que seria possível “ensinar a ver”? A autora nos revela que sim, “que é tarefa dos meios educacionais oferecer os recursos adequados para aquisição desse domínio e para ampliação da competência para ver, do mesmo modo como fazemos com a competência para ler e escrever” (2009, p.68).

No entanto, para se conseguir tudo isso, é necessário muito estudo, muita dedicação e também muita vontade de querer elevar o conhecimento dos outros e de si mesmo. Nesse universo que estou conhecendo agora, muito pode ser feito, de várias formas, em diversos momentos e lugares, com diferentes públicos, mas acredito que algo primordial é querer fazer, querer propiciar, incentivar e motivar esse gosto primeiramente em si e depois no outro.

Precisamos contagiar mais pessoas com essa “febre de cinema”, de busca de valorização dessa arte e de ampliação dos saberes por meio do cinema. Não que o cinema seja a tábua de salvação de todos os problemas da educação, mas sim, que ele pode contribuir na formação ético-estética, no desenvolvimento da alteridade, na promoção de uma visão mais crítica e criativa dos grandes problemas sociais; pode influenciar na formação geral das pessoas e nas suas ações e reações, diante das adversidades da vida, sejam elas pessoais ou profissionais.

4 OS COLABORADORES E OS TRAJETOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo tem por objetivo identificar quem são os colaboradores dessa pesquisa, bem como delinear o espaço investigativo. No momento em que apresentamos nossas questões de pesquisa, destacamos o que nos impulsionou e nos moveu a realizar a referida investigação.

Buscou-se investigar como o cinema está sendo retratado nas práticas pedagógicas dos professores do IFTO – Campus Araguaína, e ainda, qual a visão dos professores sobre o cinema nacional e suas expectativas sobre a nova legislação. Ao analisarmos essas questões, averiguamos qual é o imaginário dos professores acerca do cinema, suas experiências e vivências que contribuíram e contribuem para a utilização do cinema, não apenas como recurso pedagógico, mas como elemento relevante na construção de saberes.

A pesquisa se ancorou numa abordagem qualitativa, visando compreender o objeto de estudo a partir de seu contexto; e nesse tipo de estudo são os fatores sociais e culturais que imperam. A abordagem qualitativa não valoriza os dados numéricos, preocupa-se mais com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados. Nosso objeto de estudo é o ser humano e isso implica na utilização de uma abordagem que leve em conta suas características subjetivas, seus sentimentos, crenças, valores e suas experiências de vida. Alguns autores, tais como, Denzin e Lincoln, defendem que:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.17)

Na questão dos procedimentos metodológicos, a intenção, de início, após os estudos realizados nas teses e dissertações do portal da Capes, era realizar oficinas de cinema, no qual os professores iriam relatar suas vivências e experiências com cinema em sala de aula a partir da exibição de filmes previamente selecionados. Entretanto, essas atividades não puderam ser realizadas, uma vez que, não consegui reunir os professores ao mesmo tempo, apesar de serem apenas cinco participantes.

Assim sendo, decidimos então realizar entrevistas individuais semi-estruturadas, sem a utilização de filmes, em horários agendados diretamente com cada colaborador da pesquisa.

Objetivando, então, investigar quais as representações dos professores acerca de cinema, utilizamos a técnica da entrevista, visto que se faz necessário um material empírico que venha também subsidiar o estudo, que julgamos ser instrumento de grande relevância por entre outros, possibilitar uma maior interação entre entrevistador e entrevistado e também por permitir um conhecimento mais amplo a respeito do comportamento, atitudes e valores do entrevistado. Concordo com Ribeiro (2008 p.141) quando defende que a entrevista é:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Também consideramos a técnica da entrevista adequada para a pesquisa em questão, visto que pode proporcionar um conhecimento mais amplo do objeto de estudo, pois permite ao entrevistado explicar suas ideias, sentimentos de forma natural e livre. As entrevistas foram gravadas para que não se perdesse nenhum dado importante e para que o entrevistado não ficasse preocupado quanto ao tamanho das respostas.

Por ser elemento flexível, a entrevista permite ao entrevistador, fazer ajustes no decorrer da entrevista, de acordo com a necessidade em questão. Às vezes, incluir um questionamento que não estava no roteiro, mas que permitisse clareza no entendimento. Rosa e Arnoldi (2006, p.87) comungam do mesmo ponto de vista quando salientam que a técnica da entrevista:

Proporcionam ao entrevistador uma oportunidade de esclarecimentos, junto aos segmentos momentâneos de perguntas e respostas, possibilitando a inclusão de roteiros não previstos, sendo esse um marco de interação mais direta, personalizada, flexível e espontânea.

A técnica da entrevista também é de grande relevância na situação em questão, visto que estamos investigando um universo social específico, que são o dos professores do *Campus* que trabalham com cinema em sala de aula e também porque foram analisadas suas práticas educativas, sua visão sobre cinema e isso inclui seus valores e crenças, e num caso como esse, as entrevistas são fundamentais, conforme defende Duarte, (2004, p.205) e devem ser usadas “quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de

universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”

As entrevistas nos permitem conhecer um pouco do outro, de sua forma de pensar, de interpretar sua realidade, do porque de determinada atitude, entretanto, vai depender muito do que pretendemos investigar, dos questionamentos que nos farão chegar àquele objetivo, da forma como se posiciona o entrevistador, da segurança que passa ou não para o entrevistado. São diversas as questões que podem nos levar ao sucesso ou ao fracasso numa entrevista. A questão da experiência é primordial, mas sabemos que muitos, dentre os quais me incluo, têm pouco ou nenhum conhecimento sobre esse instrumento, o que pode comprometer o resultado final da coleta. Porém, Duarte, enfatiza:

Se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa a sua realidade e levantando informações consistentes que lhes permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que em geral é mais difícil de obter com outros instrumentos de coleta (DUARTE, p.215, 2004)

Pautada nas observações e explicitações de Duarte, acredito que para o caso em questão, esse instrumento de coleta está bem adequado, muito embora não seja fácil de realizar como se pensa, é necessário realmente se fazer um estudo para poder compreender como funciona a técnica, de que forma ela pode vir a contribuir ainda mais.

As entrevistas semi-estruturadas foram previamente agendadas com os entrevistados. Para tornar otimizado o registro das informações, as mesmas foram gravadas, visando entre outros, não perder qualquer explanação importante, o que poderia ocorrer em caso de registro manuscrito. Além do que, dessa forma, não se interrompe a lógica do pensamento do entrevistado.

É relevante o uso de gravador na realização de entrevistas para que seja ampliado o poder de registro e captação de elementos de comunicação de extrema importância, pausas de reflexão, dúvidas ou entonação da voz, aprimorando a compreensão da narrativa (SCHRAIBER, 1995).

Os colaboradores dessa pesquisa são 5 (cinco) professores do IFTO – Campus Araguaína, sendo estes: Ana Paula, Kerley, Hélio Márcio, Jonierson e Marcio Palácios. Todos concordaram em terem seus nomes divulgados no decorrer dos seus depoimentos, ao invés de um nome fictício.

Os estudos sobre a inserção do cinema no meio escolar, no Campus Araguaína, além de dialogar com estudiosos da área, se fundamentou também na análise do conteúdo das entrevistas

realizadas com professores do Campus, que utilizam o cinema, o vídeo ou outro material audiovisual em suas aulas.

Dentre os professores entrevistados do *Campus*, temos duas professoras e três professores. A seleção foi realizada buscando os docentes que utilizam o filme, seja um longa metragem, um curta ou um vídeo em sala de aula. Sendo assim, foi enviado e-mail para todos os docentes do Campus, sendo inclusos os que confirmaram que utilizavam cinema em sala de aula. Do total de professores quatro são efetivos e somente um substituto. Nessa seleção temos, então, dois professores de Língua Portuguesa, uma professora de Artes, uma de Informática e um professor de Física. Vejamos as características dos colaboradores da pesquisa, descritas no quadro 1.

Professor (a)	Características
Jonierson	Solteiro, tem uma filha. Ele é o que tem mais tempo de docência, acumulando 10 anos, e tem 35 anos de idade.
Ana Paula	29 anos casada, 2 filhos é a que tem menos tempo como docente, apenas 1 ano, e é a única no grupo que está como substituta da área de informática
Kerley	34 anos, casada, tem duas filhas, 2 anos e 3 meses de atuação como docente.
Hélio Marcio	24 anos, solteiro, não tem filhos, está há 5 anos como docente, e está cursando Mestrado em Língua e Literatura na UFT.
Marcio Palácios	30 anos também é solteiro, está atuando na docência há 2 anos e 6 meses é mestre em Letras com pesquisa na área de sociolinguística.

Quadro 1 – Características dos colaboradores da pesquisa

Como já mencionamos anteriormente, a intenção não era fazer apenas as entrevistas, e sim, reunir os professores para analisarmos alguns filmes e a partir daí, realizarmos as entrevistas. Entretanto, não foi possível, devido os compromissos de cada professor. Não conseguimos um horário em que todos estivessem disponíveis. Inclusive, no primeiro momento chegamos a marcar dia e hora, no entanto, apenas um professor compareceu na hora marcada.

A solução, então, foi realizar entrevistas individuais. As mesmas foram agendadas preferencialmente segundo a disponibilidade de cada professor (a). Quase todas ocorreram em uma sala que está sendo usada no momento apenas para o projeto de extensão, no caso para ministrar aulas de espanhol e por ser em local menos barulhento.

Quando foram possíveis, as entrevistas foram gravadas com o gravador da instituição, mas quando não, utilizei meu celular para efetuar as gravações. A maior parte foi feita com o uso do celular. Todos os professores pareceram bem receptivos às entrevistas. Informei-os a

respeito dos objetivos da pesquisa e que também teriam acesso ao conteúdo do que fôra gravado, antes que fossem analisados.

Em alguns momentos, não sei se pela falta de experiência, senti como se estivesse incomodando o professor, visto que eles tinham aula para ministrar, planejamento para realizar e eu estava tomando o tempo precioso deles, inclusive, talvez pela minha falta de experiência, em determinados momentos fiz perguntas que não estavam no roteiro.

De maneira geral, todos os professores, se mostraram interessados em participar da pesquisa. Alguns até se desculpavam por chegar atrasados ou por não poderem comparecer ao horário agendado. Todavia, novamente agendávamos novo dia e horário, sempre buscando não coincidir com outros compromissos profissionais ou pessoais.

Houve uma entrevista que não ocorreu no mesmo local, pois no momento, não havia outro funcionário na biblioteca, como planejado que estaria. Então, tive que fazer a entrevista na biblioteca mesmo, em uma mesa que fica num local mais reservado, porém tive que interromper duas vezes para efetuar atendimento aos usuários. A professora reagiu bem, mesmo com a minha saída, mas depois, fui refletir e não achei correto, mas ela já tinha se disponibilizado, por isso, acreditei que seria mais viável fazer.

Depois que iniciei as entrevistas, percebi que faltava o conhecimento prático e também teórico de como se conduz uma entrevista. Aquilo que de início me pareceu tão simples de realizar, tão menos trabalhoso, comparado a outras técnicas, que seria mais simples de realizar para quem estava iniciando nesse processo, agora aparentava ser tão complexo e diferente do que imaginei.

Percebi o quanto precisava ter estudado mais a respeito, me preparado mais, buscado exemplos práticos, mas por que não o fiz? Por que julguei não ser necessário. Afinal fazer entrevistas não é nada complicado, você só precisa de um bom gravador, que pode ser um celular, tempo disponível, o roteiro das questões e um local adequado. Será? Infelizmente estava equivocada, pois, além disso, tudo é necessário. Saber planejar, dirigir todo o processo, buscar não direcionar as respostas dos informantes para o que se deseja ouvir, interpretar o olhar, os gestos, as expressões, ter clareza quanto aos objetivos da pesquisa e conhecimento do contexto, onde a pesquisa será realizada. Realmente, executar entrevistas não é algo banal, como bem explicita Duarte:

Realizar entrevistas, sobretudo se forem semi-estruturadas, abertas, de história de vida etc. não é tarefa banal, propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais a “provocar” um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante é uma tarefa bem mais complexa do que parece à primeira vista. (DUARTE, p. 216, 2004)

Dessa forma, não foi nada simples realizar essa tarefa. Isso me levou a refletir o quanto nós julgamos que algo é simples e fácil e só nós damos conta que não é assim tão descomplicado quanto parece, quando vamos, por exemplo, a campo, realizar tal atividade. Em alguns momentos precisei falar para mim mesma, “agora você fica em silêncio e espera o docente pensar. Não tenha pressa, não fique tentando responder por ele”. Senti muita dificuldade em me manter neutra, em não influenciar a resposta do (a) professor (a).

No entanto, conforme fui estudando, fui percebendo que isso é um processo que faz parte da investigação, não adianta tentar fugir, negar que não existe, pois no contato com o outro, a nossa subjetividade sofre interferência e também interfere na subjetividade do outro, mas temos que aprender a controlar isso, para que o resultado final das entrevistas não fique comprometido. Não que ela não deva existir, ao contrário ela deve ser admitida mesmo, mas precisa ser controlada como bem enfatiza Geraldo Romanelli:

A subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente na relação entre sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida e explicitada e, assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos do pesquisador, vale dizer da experiência que ele, lentamente, vai adquirindo no trabalho de campo (ROMANELLI, 1998, p128)

Na verdade, todo esse processo das entrevistas se tornou um grande aprendizado, porém, ainda tenho muito a aprender ao chegar a algum momento e fazer uma entrevista com as qualificações essenciais a um bom pesquisador. Mas, ao mesmo tempo é interessante, pois você passa a compreender um pouco mais, do contexto de determinadas ações, e atitudes pedagógicas dos professores entrevistados.

No que concerne, ao momento da entrevista em si, procurei deixar os docentes confortáveis, deixei transparecer que não estava com pressa, que eles podiam despender do tempo que julgassem necessário para responder cada um dos questionamentos. A duração de cada entrevista foi a seguinte: Jonierson (10min 30s.), Hélio Márcio (43 min58s), Marcio Palácios (31min 45s), Ana Paula (34min 40s) e Kerley (17 min 40s). Teve uma professora que levou o esposo e ao final solicitou que a entrevista também fosse estendida a ele e expliquei que infelizmente não seria possível, pois o público alvo no momento eram os docentes do médio integrado do Campus.

Em relação à transcrição, não tive a curiosidade de anotar quanto tempo durou para realizar cada uma, no entanto, teve apenas uma que registrei, já estava cansada porque fui fazendo na sequência, uma após a outra e em determinado momento, já estava exausta. Então,

pelos meus registros, demorei em média três dias para efetuar a transcrição de 30 minutos. A todo o momento eu voltava, pois esquecia o que tinha acabado de ouvir. Então fui fazendo de forma lenta para não perder nenhuma fala. Todavia, o fato de não ter disponibilidade para executar de forma contínua, também gerou demora na transcrição.

Um fato que me chamou atenção foi que, na maioria das vezes, quando anunciava que eram somente aquelas questões, percebi, que alguns gostariam de responder mais perguntas, e explicar mais. Sentiam-se muito bem em falar das suas experiências, e das suas vivências. Isso certamente foi um ponto positivo no decorrer das entrevistas. Nesse momento, já não sentia mais que estava incomodando e sim que estava de certa forma proporcionando um instante de prazer, de encontro da pessoa consigo mesmo, de reflexão, e de reviver momentos marcantes como bem explana Duarte:

Entrevista é sempre troca [...] ao mesmo tempo que coleta informações, o pesquisador oferece a seu interlocutor a oportunidade de refletir sobre si mesmo, de refazer seu percurso biográfico, pensar sobre sua cultura, seus valores a história e as marcas que constituem o grupo social ao qual pertencem, as tradições de sua comunidade e de seu povo (DUARTE, 2004, p.220)

Antes dos estudos sobre entrevistas, jamais havia pensado que entrevistas poderiam ser momentos de trocas, de a pessoa repensar o seu eu, suas atitudes, seus caminhos percorridos, seus sentires, que por meio de uma entrevista poderíamos provocar um momento de reflexão, de lembranças, de angústias, de alegrias e uma mistura de sentimentos. Mas isso, de fato, acontece e quão feliz me senti em determinado momento, quando percebi que não era somente eu quem recebia algo, mas que a outra pessoa também recebia, sentia e voltava a um determinado tempo e lugar.

Na relação entre o pesquisador e o informante ocorre que ao descrever fatos, vivências e experiências, o informante está construindo o material de pesquisa para o pesquisador ao mesmo tempo em que está refletindo sobre si mesmo e suas atitudes. É como destaca Vasconcellos, (2014, p.411) “fazer o relato de algum momento da vida é trazer para o presente os sentidos das experiências vividas no passado, é encontrar o sentido de cada momento que entrelaça as relações sociais, pessoais e profissionais”. Nessa ação de reflexão, de lembranças e relembrações o informante é levado a dar novo significado a esses acontecimentos, podendo até mudar certas atitudes que a princípio pareciam ser as mais adequadas. Mas, no momento em que reflete sobre isso, já não encontra o mesmo sentido. Sobre isso Duarte esclarece que (2004, p. 220) “quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito aprender sua própria situação de outro ângulo; conduzimos o outro a se voltar sobre si mesmo, incitamo-lo a procurar relações e organizá-las.”

Foi muito interessante essa parte do trabalho. Fiquei pensando em minha mãe, em como ela se sente feliz em contar suas histórias e o que ela viveu em sua vida. Agora compreendo melhor como esse processo é importante para o ser humano, o quanto essas lembranças nos fazem olhar de outra forma para nós mesmos. É como se de repente nós estivéssemos numa grande tela de cinema, exibindo o filme de nossas vidas, aqui e acolá, paramos nas partes que mais nos tocaram, sejam estes momentos felizes ou tristes. Isso nos faz reviver, relembrar situações diversas, sejam da infância, da juventude, do momento atual, nos faz voltar ao passado, dar novo sentido ao presente e ao futuro, num movimento de reconstrução de nós mesmos. A cada vez que nós encerrávamos uma história, uma lembrança, eu costumava dizer assim: mais uma para o livro “As aventuras de Hortênciã” (minha mãe).

Depois de transcrever todas as entrevistas, foram realizadas algumas leituras com vistas a um entendimento mais aprofundado das questões-chaves. Os depoimentos das entrevistas foram analisados, tendo por base as orientações sugeridas por Laurence Bardin (1977, p.31). Conforme orienta a autora:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de telecomunicações e esse conjunto de técnicas se torna na verdade ‘num leque de apetrechos; ou, com maior rigor, um único instrumento’, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

A técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin, engloba diversas fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Optei por essa técnica, visto que o estudo realizado consiste em analisar o conteúdo das entrevistas e essa técnica é bem apropriada para a referida questão, conforme salienta Ferreira (2003) a partir de Bardin:

A análise de conteúdo é usada quando se quer ir além dos significados, da leitura do simples real. Aplica-se a tudo que é dito em entrevistas ou depoimentos, ou escritos em jornais, livros, textos ou panfletos, como também a imagem de filmes, desenhos, pinturas, cartazes, televisão e de toda comunicação não verbal: gestos, posturas, comportamentos e outras expressões culturais.

Dentre as fases da referida técnica, conforme Bardin, está a pré-análise, que consiste na organização do material a ser analisado, no caso aqui - as entrevistas. Após a transcrição das entrevistas, foi realizado o que Bardin intitula de “leitura flutuante”. Dessa forma, fiz uma leitura abrangente do texto das entrevistas, ainda em estado bruto, e depois os dados foram codificados e elencados em categorias para melhor entendimento.

A codificação, que já faz parte da segunda fase que é a da exploração do material, consiste em fazer recortes no texto, de forma que esses recortes possam representar o conteúdo. Então, esses recortes não podem ser realizados de forma aleatória, é necessária uma

compreensão para então transformar esses códigos em temas, conforme explana Gibbs, (2009, p.63) “é necessário ler com muito cuidado o texto e decidir seu tema”. E esses temas por sua vez devem levar em consideração os objetivos da análise.

Ainda segundo Gibbs, “codificação é a forma que você define sobre o que se trata os dados em análise [...] é uma forma de indexar ou categorizar o texto para estabelecer uma ideia de estrutura temática em relação a ele”. Porém, visando desenvolver esse estudo de forma menos complexa, visto que a autora tem poucos conhecimentos na questão de análises de conteúdo e conseqüentemente na análise de entrevistas, no presente estudo, adotamos a sugestão de Duarte (2004, p.222) para pesquisadores iniciantes, no qual ela esclarece que também é possível realizar uma análise de entrevistas, organizando todo o material coletado e dividindo em três ou quatro eixos temáticos e posteriormente em subeixos temáticos.

Seguindo essa linha de pensamento da autora, no processo de sistematização dos dados, depois de transcritas as entrevistas, foi realizada uma leitura mais cuidadosa, analisando os detalhes, destacando os tópicos mais relevantes quanto aos objetivos a que se propôs essa pesquisa.

Dessa forma, todo o conteúdo foi organizado em quatro grandes eixos temáticos principais. Os eixos e subeixos foram determinados tendo por base o roteiro das entrevistas, e na maior parte dos eixos tivemos apenas um subeixo. A figura 2 apresenta os 4 (quatro) eixos principais.



Figura 3- Eixos temáticos

Como a própria autora sugere, é necessária a construção de subeixos mais precisos e específicos, que venham a responder sobretudo os objetivos da pesquisa. Com base nos assuntos abordados nas entrevistas, foram definidos 4 (quatro) eixos e 8 (oito) subeixos, conforme estabelecido no quadro 2.

Eixos	Subeixos
1. Cinema na vida	O gosto pelo cinema;
2. Cinema no espaço escolar	Utilização do filme, e do vídeo em sala de aula; Metodologias utilizando o filme, o vídeo, ou qualquer outro material audiovisual; Experiências positivas com audiovisual; O lugar do cinema na escola; Pontos positivos e negativos do uso do cinema no Campus.
3. Cinema nacional	Visão sobre o cinema nacional
4. Cinema e conhecimento	Cinema como espaço socializador e de produção de significados

Quadro 2. Identificação de eixos e subeixos

Vale ressaltar que de posse das transcrições, de leituras e releituras, não só destas, mas também de textos como de Duarte que explanavam sobre a análise de entrevistas, elegi os eixos e subeixos com base no roteiro das entrevistas. Cada subeixo está em consonância com uma temática principal.

Destaco que para quem não tem experiência alguma sobre análise de dados, e análise de entrevistas como eu, essa se tornou uma das fases mais difíceis de realizar, pois são muitas dúvidas. Tem um momento que entramos em desespero, pois, vemos o tempo passar, buscamos as informações, mas parece que nada esclarece as dúvidas. Nas minhas pesquisas encontrei muita teoria, mas a análise de dados de entrevistas requer questões práticas e foi isso que se tornou obscuro para mim. Considero que há pouca literatura que explique de forma prática sobre essas questões.

Esse tópico é de grande relevância e não é simples de realizar, tanto que autores como Duarte (2004, p. 217) explicam que “é fundamental, portanto, que Programas de Pós-Graduação destinados a formar pesquisadores ensinem a fazer e a analisar entrevistas e que mantenham seus pesquisadores mais experientes, acompanhando esse aprendizado de perto”. Contudo, sabemos que apesar de ideal, isso está longe de nossa realidade, acredito que não temos pesquisadores experientes que disponham de tempo para acompanhar um número grande de pesquisadores iniciantes, e isso inviabiliza todo o processo.

Na construção do texto que se segue, nossas ações foram pautadas nas orientações, sugestões de Duarte a respeito de entrevistas em pesquisas qualitativas, no qual esclarece que depois de organizar todo texto das entrevistas, classificar por eixos e subeixos, os mesmos devem ser analisados, estudados e interpretados à luz das referências teóricas e também devem ser cruzados com os guias teóricos do pesquisador, conforme enfatiza a autora (2004, p.22),

Os dados de uma pesquisa desse tipo serão sempre resultados da ordenação do material empírico coletado/construído no trabalho de campo, que passa pela interpretação dos fragmentos dos discursos dos entrevistados, em torno de categorias ou eixos temáticos e do cruzamento desse material com as referências teóricas/conceituais.

O texto que segue, foi construído, seguindo as diretrizes de Duarte (2004, p.223), que preconiza que “ao longo de todo processo de análise, o material empírico, está sendo lido/visto/interpretado à luz da literatura científica de referência para o pesquisador”. Sendo assim, faremos o cruzamento dos depoimentos de cada colaborador da pesquisa, com os referidos referências teóricas.

Quando decidi estudar sobre a relação dos professores do Ensino médio do Campus com o cinema, senti muita dificuldade, pois a minha visão de início, sempre foi a de que o cinema

era sinônimo de entretenimento, de uma maneira de passar o tempo, de manter os alunos comportados na ausência de algum professor ou algo similar. Somente a partir da minha participação no GEPEIS, no convívio diário com alguns renomados autores da área como Rosália Duarte, Adriana Fresquet, Bergala em sala de aula, e com as explanações riquíssimas da professora Valeska Fortes de Oliveira, foi que pude começar a perceber o quanto o cinema, o vídeo, a utilização de audiovisuais são muito mais que entretenimento.

Meu tema de estudo se tornou mais interessante a partir do momento que comecei a mudar minha concepção sobre a utilização do cinema no meio escolar, quando percebi que o cinema também pode enriquecer verdadeiramente a educação, que pode ser usado para instigar os alunos a pensar, e que pode, promover a formação intelectual e cultural das pessoas, conforme salienta Duarte, (2002, p.70).

De um modo ou de outro o cinema está no universo escolar, seja porque ver filmes na telona ou na telinha, é uma prática usual em quase todas as camadas da sociedade, seja por que se ampliou, nos meios educacionais, o reconhecimento de que, em ambientes urbanos, o cinema desempenha um papel importante na formação cultural das pessoas.

Então, por ser um elemento que pode enriquecer sobremaneira a prática pedagógica, é que buscamos verificar como os docentes do *Campus* Araguaína estão utilizando o cinema. Portanto, destacaremos o resultado da análise de entrevistas, segundo os eixos temáticos definidos no estudo. O roteiro de entrevista utilizado no estudo encontra-se nos anexos.

5 UM OLHAR SOBRE O CINEMA NO CAMPUS ARAGUAÍNA

O olho vê. A memória re-vê.
A imaginação trans-vê.
É preciso trans-ver o mundo.
Manoel de Barros

Sim, é necessário trans-ver o mundo, não apenas ver e nem somente re-vê, mas sim trans-ver, sentir, tocar, ressignificar e como diz Bergala experimentar, pois somente nessa troca de vivências, experiências, de atravessamentos é que nos transformamos, damos novo significado à vida. A cada vez que nos apropriamos de determinado conhecimento nos ressignificamos, e esse ressignificar só é possível com a interação com o outro, que promove a ressignificação no meu eu e no outro e conseqüentemente, na realidade:

É na mediação do outro que o sujeito constitui-se, reflete sobre si mesmo, atribuindo outras significações aos seus conhecimentos, podendo intervir na sociedade na realidade em que está inserido. Ao se apropriar das significações culturais, apresenta marcas culturais que no relacionamento com o outro, vai adquirindo a forma humana. (PINO, 2005)

Assim, a cada experiência vamos mudando. A partir dos atravessamentos nunca mais voltamos a ser os mesmos, tudo que vivemos produz um significado em nós e em razão desse novo significado vamos mudando nossa forma de pensar, de agir, de reagir. O ambiente escolar é propício a essa troca intensa de experiência, de saberes. Desse momento em diante, analisaremos como foi vivenciado, sentido, esses saberes, tendo por base os significados construídos a partir das entrevistas, que geraram os eixos temáticos.

5.1 Cinema na vida

A cada eixo encontrado, foram sendo desenvolvidos subeixos, que possibilitassem uma análise mais profunda e específica de cada temática. A partir desse momento, destacaremos cada eixo com seus respectivos subeixos. O primeiro eixo que destacamos é o *cinema na vida*. Dentro desse eixo, focamos o subeixo “o gosto pelo cinema”, no qual foi analisado se os docentes gostam de cinema, se ele já faz parte da vida do docente, não só na escola, mas também fora dela. Em caso positivo, buscamos verificar onde ele costuma assistir aos filmes, se em casa, se vai frequentemente ao cinema, se há uma motivação que impulse que gere uma dedicação em disponibilizar-se tirar um tempo para o estudo dos filmes. Também considerei importante averiguar com quem eles costumam assistir aos filmes e qual seu gênero preferido.

5.1.1 O gosto pelo cinema

No primeiro momento das entrevistas, todos os docentes responderam que gostam de assistir filmes, seja em casa sozinho, seja com a família, seja no cinema, todos tem uma boa relação com os filmes. O que pode variar é o gosto quanto ao gênero, pois alguns são apreciadores de ficção científica, de ação, suspense, outros preferem filmes do tipo comédia, os românticos, outros ainda juntam os gêneros, preferindo, dentre outros, as comédias românticas.

Alguns professores deixaram transparecer que vão ao cinema ou assistem filmes, ou trabalham com filmes em aula de aula, poucas vezes, em alguns momentos, apenas para cumprir uma ementa. No entanto, outros já têm o cinema como uma de suas grandes paixões. São capazes de dispor de longas horas para assistir, usufruir mais intensamente das emoções e prazer que geram aquelas inúmeras imagens. Vejamos alguns depoimentos, referentes às questões: Você gosta de filmes? Com quem e onde costuma assistir e qual seu gênero preferido?

Sim, é uma das minhas paixões. Normalmente, sozinho em casa, porque é o mesmo o tipo de filme que gosto. Às vezes, não encontro alguém que queira assistir. Dificilmente vou ao cinema, até porque os filmes do cinema são filmes comerciais e gosto de filmes digamos “não comerciais”.
Ficção científica. Quando fico de férias vou para casa em Pernambuco, *aí* passo o dia assistindo filme com meu irmão. Só paro para comer. Chegamos a assistir 4 (quatro) filmes em seguida no dia. (Hélio Márcio)

Sim, gosto muito. Em casa, normalmente sozinho, pela internet. Às vezes, vou ao cinema.
Filmes da Idade Média e de comédia (Jonierison)

Sim. Em casa, com a família.
Romântico, ação e suspense. (Ana Paula)

O fato dos professores terem um bom relacionamento com os filmes é algo motivador, significa que podemos desenvolver ações que promovam uma maior visibilidade de suas práticas com o cinema, que os impulsione a querer buscar novas aprendizagens, que envolvam a utilização mais intensa da sétima arte no Campus.

5.2 Cinema no espaço escolar

Nessa etapa serão analisadas várias questões referentes ao cinema no espaço escolar. Dentre essas, o porquê dos professores resolverem utilizar o cinema em sala de aula. Também buscou-se analisar quais são as metodologias usadas que oportunizam a inserção do filme, do vídeo em sala de aula. Sentimos a necessidade também de que eles mesmos descrevessem as experiências que tiveram resultado positivo com o cinema, quais também seriam os pontos positivos e negativos, as facilidades e dificuldades de se trabalhar com o cinema em ambiente escolar. Por fim, acreditamos que seria relevante que eles expusessem suas ideias, opiniões do lugar do cinema na escola, e é sobre cada tópico que trataremos a seguir:

5.2.1 Utilização do filme, do vídeo em sala

No que concerne à questão sobre o porquê da utilização do filme, ou outro audiovisual em sala, quase todos os professores, evidenciaram que utilizam o filme, o vídeo, para introduzir um conteúdo, para contextualizar uma problemática, uma situação. Utilizam o audiovisual também para uma melhor compreensão do conteúdo estudado. Conforme podemos observar nos depoimentos dos professores nos excertos a seguir:

Não dá para você fazer isso em uma aula, porque são vários processos até você chegar para construir esses conceitos. Então, eu uso o filme geralmente para isso, para introduzir um conteúdo (Jonierison)

Ajuda, facilita muito na questão de tempo, de contextualização. Às vezes, eles observam a fala, a roupa da época, conseguem visualizar melhor aquele contexto, trabalham mais a imaginação deles. Aliás, direcionam a imaginação deles, não fica uma imaginação livre, fica mais direcionada para aquilo que a gente quer focar (Kerley)

Quando trabalhei literatura de Cordel, utilizei o filme “Odorico Paraguaçu” para contextualizar um momento histórico. Por exemplo, a literatura de Cordel foi mais forte no Nordeste e hoje ainda há algumas feiras onde as pessoas expõem os versos, os poemas em barbantes. Então, uso esse filme para contextualizar (Marcio Palácios)

Quando nós somente falamos, ele o aluno, talvez não acredita, não dá credibilidade para aquilo que nós estamos falando. Mas, quando você mostra a realidade, aquilo que de fato acontece nas empresas.. Os vídeos ajudam e muito na sala de aula. (Ana Paula)

A partir dos depoimentos, infere-se que o filme está sendo utilizado pela maioria dos professores do Campus como complemento das atividades educativas, como recurso para

ilustrar um conteúdo, como meio para contextualizar o assunto abordado em sala, ou seja, como recurso secundário no processo de ensino-aprendizagem.

Conforme essa perspectiva, o uso do audiovisual para esses docentes se configura como suporte educacional, como coadjuvantes para o que está sendo estudado em sala. O fato de ele ser visto como mais um tipo de metodologia, usada para transmissão de conteúdos, não é o que está sendo discutido, ou melhor, provocado por grandes conhecedores dessa arte, mas a realidade de que dispomos é essa:

Os meios educacionais veem o audiovisual como mero complementos de atividades verdadeiramente educativas, como a leitura de textos, por exemplo, ou seja como um recurso adicional e secundário em relação ao processo educacional propriamente dito [...] Enquanto os livros são assumidos por autoridades e educadores como bens fundamentais para a educação das pessoas, os filmes ainda aparecem como coadjuvantes na maioria das propostas de política educacional. (DUARTE, 2002, p.18)

Acredito que muitos professores veem o cinema apenas como recurso adicional, por que desde o começo essa sempre foi a visão sobre o cinema. Na atualidade, em muitos lugares, muitas instituições de ensino, ainda é essa visão que prevalece, e mudar a forma de ver o cinema, de utilizar o cinema em sala de aula, não é nada simples, não é fácil, infelizmente como destaca Vasconcellos (2014, p. 415) “a didatização do cinema na escola é uma prática instituída na cultura docente e, ainda, tem sido utilizada como uma espécie de ‘professor substituto’ àquele que não compareceu as suas aulas”.

Grande parte de nossos professores, ainda não encaram o cinema como arte, como meio capaz de proporcionar ricos saberes, de promover uma experiência estética no ambiente escolar, muito embora saibamos que o cinema é uma arte e arte gera conhecimentos. A formação que muitos tiveram não proporcionou esse saberes, por isso tem dificuldade em reconhecer arte como conhecimento e em consequência disso não veem o cinema como arte. O cinema ainda é sinônimo de diversão para muitos, como bem sintetiza Duarte (2002, p.70-71):

Sabemos que arte é conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema como arte (como uma produção de qualidade variável, como todas as demais formas de arte), pois estamos impregnados da ideia de que o cinema é diversão e entretenimento [...] Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós professores, faz uso do filme apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos está contido em fontes mais confiáveis.

Mudar a concepção que temos sobre a utilização do cinema num ambiente onde a didatização está intuída não é simples, porque essa forma de pensar está enraizada em nós, faz parte da nossa cultura, está naturalizada em nós e seguimos passando essa forma de ver e usar

o cinema adiante, mas se faz necessário uma mudança, pois somente dessa forma, poderemos desenvolver o cinema como arte, como elemento estético e ético, como elemento crítico.

No entanto, nem todos os professores tiveram e têm o mesmo olhar sobre o cinema, sobre o papel que ele pode desempenhar no âmbito educacional, social e cultural. Sobre a importância de se relacionar o cinema com a educação, o cinema com conhecimento, o cinema com o meio que estamos inseridos e isso pode ser confirmado ao tomarmos conhecimento da sua visão sobre o porquê da utilização do cinema em sala de aula:

Uso, porque esses materiais, principalmente os documentários bem selecionados conseguem causar um impacto muito grande no meu aluno, principalmente de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que dificilmente eu conseguiria se utilizasse um livro. Há duas semanas, a gente trabalhou o documentário “Falcão, meninos do tráfico”. Então, meus alunos foram expostos durante 50 minutos à cenas muito fortes. Há o livro também, mas se eu fosse trabalhar o livro, eu não teria alcançado os mesmos objetivos. O documentário é sobre um grupo de garotos de algumas das favelas do Rio de Janeiro, favela da rocinha, etc. e esses meninos vão morrendo no decorrer da gravação. O documentário explica como esses meninos entraram no mundo do crime. Num primeiro momento, nós fizemos uma discussão: “O que poderia contribuir, causar a delinquência juvenil”. Uns respondiam: “É por que são vagabundos”. Outros: “É porque eles não querem trabalhar.” Então, eu trouxe esse filme para mostrar para eles que as coisas não são tão simples assim, que não é uma questão de escolha. Às vezes não é questão de escolha, a pessoa diz eu vou ser bandido, ou eu vou vender droga, então o objetivo é também, na verdade, tornar eles menos ingênuos, tentar despertar o senso crítico para que eles percebam que as coisas são muito mais complexas.

Quando eles analisaram a trajetória de um moleque que desde criança o pai batia na mãe dele, o pai estava no mundo do crime. Quando o pai dele vinha em casa, só chegava bêbado e só batia na mãe dele. Depois, o pai morreu. A mãe dele trabalhava com lavagem de roupa. Ela lavava muitas roupas para sustentar a casa. Chegou um momento em que no Natal, a mãe não tinha grana para nada. *Aí* ele foi procurar trabalho, mas não achou. Então, um homem ofereceu uns trocados para ele comprar um refrigerante ou algo assim e ele foi. Depois esse homem que era um traficante pediu outro favor para ele- comprar gasolina, etc. Devagarinho esse cara foi conquistando ele. Outra questão é a da escola. Às vezes, não tinha acesso à escola, ou quando havia a escola não atendia as suas necessidades. Às vezes, iniciavam e só iam até o meio do ano. Busquei mostrar para esses alunos a trajetória de vida dos alunos que entram no mundo das drogas com 8 ou 9 anos como Falcão, que é o menino que fica vigiando e recebe para isso. Quando a polícia vai entrar ele avisa, solta uma pipa, solta um foguete. Então, esses meninos entram como Falcão e iam progredindo, progrediam tanto que morriam. A maioria desses meninos não chegava aos 19 anos. O objetivo era perceber a trajetória de vida de alguns desses meninos que entram no mundo do crime e porque eles entram. Meu objetivo foi fazer que eles tivessem outro ângulo daquela realidade, um ângulo mais sociológico e menos senso comum e vendo o problema como um problema de política pública. Outra coisa também é que nós enfatizamos bastante foi a questão das políticas públicas, porque nós estamos em ano de eleição e o documentário antecedeu as eleições presidenciais de 5 de outubro, serviu para fazer um gancho com essas discussões porque, por exemplo, esses meninos estão no mundo do crime. O que nós vamos fazer para resolver? Diminuir a maioridade penal? Então, beleza. Vamos construir mais cadeias. Pena de morte resolve? Era mais ou menos esse o objetivo da discussão (Hélio Márcio)

Com base no depoimento de professor Hélio Márcio, é possível identificar uma grande preocupação em fazer com que o aluno perceba que ele pode intervir na sua própria realidade,

que nem todas as situações em que estamos imersos, são opções, são escolhas. Na fala do professor, também é possível identificar que existe um planejamento, um objetivo a ser alcançado, uma estratégia para se chegar a esse objetivo. Percebe-se que ao utilizar esse filme, o professor busca, entre outros, provocar o aluno a pensar, a analisar de forma crítica a realidade que o cerca. No entanto, ainda está usando o filme como recurso didático-metodológico.

Provocar o aluno a pensar não é tarefa fácil, não é simples, é necessário estudo, planejamento do que se vai fazer para se chegar aquele objetivo. Desenvolver o senso crítico em qualquer pessoa é tarefa árdua, pesada, que nem todos se propõem a correr o risco de buscar, e utilizar o cinema para se chegar a esse e outros objetivos similares exige entre outros, conhecimento de cinema, dedicação em estudos, dentre outras questões, conforme esclarece Duarte (2002, p.76)

Insisto que o uso do cinema com fins pedagógicos exige-se que se conheça pelo menos um pouco de história e teoria do cinema. Filmes não são decalques ou ilustrações para “acoplarmos” aos textos escritos e nem, muito menos um recurso que utilizamos quando não podemos ou não queremos dar aula. Narrativas fílmicas falam, descrevem, formam e informam. Para fazer uso delas é preciso saber como elas fazem isso.

Percebe-se que o Professor Hélio Márcio, entende bem a orientação de Duarte quando diz “narrativas fílmicas falam, descrevem, formam e informam”. Confirma-se isso, na medida em que ele busca criar nos alunos um olhar mais crítico, menos alheio à realidade. Um olhar questionador, que se incomoda com as situações, buscando com o filme, causar um impacto sobre a questão a ser analisada. No momento em que diz: “busco com o filme despertar o senso crítico para mostrar para eles que as coisas não são tão simples assim, [...] para que eles percebam que as coisas são muito mais complexas”, ele está usando o filme para informar e ao mesmo tempo formar um conhecimento mais aprofundado sobre a referida questão, para enfatizar que aquele problema estudado é muito mais amplo do que seus alunos conseguiam perceber.

Em outros trabalhos como o de Silva, também vemos uma confirmação dessa ideia, quando ressalta que o educador deve, sobretudo, instigar o aluno a ver diferente, a utilizar o cinema num processo de criação e busca de mais e mais conhecimentos e isso pode ser feito também pela forma como se olha o cinema, pois educar pelo cinema também “[...] é ensinar a ver diferente. É educar o olhar. É decifrar os enigmas da modernidade na moldura do espaço imagético” (LOPES, 2007, p.37)

5.2.2 Metodologias utilizando o audiovisual

Nossos colaboradores de pesquisa, não tiveram até o momento nenhum treinamento, não participaram de simpósios, congressos, oficinas, de cursos voltados para a utilização do cinema em sala de aula. Então, cada um adotou o método que achou mais propício. Há professores que estão tentando atualizar e inovar sua metodologia a cada dia, outros já são mais resistentes as mudanças.

Além de buscar compreender quais as metodologias que os professores usavam em sala, percebi que seria interessante verificar quais deles teriam conhecimento sobre o que seus alunos assistem, veem, em casa ou no cinema, como está o repertório de filmes de seus alunos. Com relação a essa questão, três professores responderam que não conhecem o que seus alunos costumam ver. Uma professora esclareceu que seus alunos estão sempre vendo tudo que lança no cinema da cidade de Araguaína e somente um professor pontuou que ainda não conhece devido ser recente o seu trabalho com as turmas, mas que pretende saber. Isso fica muito claro nas suas colocações “mas eu quero fazer isso para saber o que eles estão assistindo, o que eles gostam e a partir do gosto deles eu me apropriar e canalizar isso para as aulas” (Hélio Márcio). Também são palavras do mesmo professor o argumento que se refere, sobre a importância de se canalizar o que os alunos gostam para as aulas com vídeo, com filmes, embora, a maioria dos professores, afirmou que desconhecem totalmente e que não pensaram em tal possibilidade. Hélio Márcio contradiz a opinião da maioria quando enfatiza: “Mas aí está a grande sacada, aquela coisa lá do Paulo Freire dos temas geradores, você parte do que o teu aluno gosta, o que circunda ele”.

É interessante perceber o quanto as opiniões sobre essa questão do que os alunos veem são divergentes, embora a maioria dos docentes não considere importante saber o que os alunos veem, o professor Hélio Márcio, não só considera relevante, como ainda quer se apropriar desse conhecimento e desenvolver um trabalho a partir daí, ou seja, a partir do que o aluno vive, da sua realidade, do contexto em que está inserido, e é isto que pregava o grande estudioso Paulo Freire. Notamos o enfoque que dá nesse tema quando argumenta “não se pode tratar o conhecimento como algo estático e alheio ao que o aluno vive, ou seja, um ensino contextualizado precisa ser uma prática constante nas escolas em todos os seus níveis de formação” (FREIRE, 2009)

Considero muito relevante essa questão na medida em que toda pessoa traz uma bagagem cultural, um conhecimento próprio, construído no meio em que está inserido e isso deve ser levado em consideração a todo o momento. Buscar saber quem são meus alunos, em

que contexto estão inseridos, quais são seus gostos, suas preferências e utilizar isso para o ensino-aprendizagem, certamente enriquece o ato de educar do professor e motiva o aluno. Outro estudioso que concorda também com essa questão é Baleeiro et al (2009) que em seu trabalho sobre adolescentes ressalta que:

Ao trabalhar com adolescentes, o educador não pode atuar como se eles nada soubessem sobre os conteúdos a serem ensinados. A legitimidade de ensinar está na capacidade para ouvir o aluno, de descobrir onde ele está e de ajudá-lo a avançar; propondo-lhe desafios, oportunidades de diálogo e de reflexão. Deixar de ler o mundo em que está inserido o educando é ignorar a pessoa diante de nós. É também deixar de considerar as exigências de uma sociedade de rápidas mudanças, decorrentes especialmente das novas tecnologias e do acesso à informação. (BALEIRO et al. , 2000, p.21)

Mas do que ter acesso a inúmeras informações, precisamos sobretudo, compreender como podemos transformar essas informações em conhecimento, necessitamos conhecer de forma aprofundada a nossa realidade, pois somente assim, poderemos atuar para modificá-la para melhor. Dessa forma se faz relevante que os professores conheçam a realidade onde seus alunos estão inseridos, não devendo ignorá-las, como se o ambiente onde estão imersos não tivesse nenhum tipo de influência sobre os mesmos.

Infelizmente porém, o que ocorre muitas vezes são situações contrárias, muitos professores ficam tão presos a ementas, conteúdos e regras não fazendo uma conexão com a realidade de seus alunos, tornando o processo de formação, algo desinteressante, sem importância, algo distante. Isso pode gerar situações de abandono da escola, de desmotivação pelo processo de aprendizagem.

No que concerne às metodologias utilizadas em sala de aula usando o audiovisual, cada professor (a) adota uma, de acordo com o que considera melhor. É possível identificar em suas falas que cada um tem seu método, sua forma de desenvolver uma ação, seja antes, durante ou após a exibição de um filme, um vídeo. Alguns professores estão sempre buscando novas maneiras de trabalhar o cinema na sala de aula, outros usam quase sempre a mesma metodologia. Podemos confirmar isso em seus relatos:

Eu apenas explico a matéria, a disciplina. Depois, ao final, que eu passo para clarear (Ana Paula)

Somente uma conversa simples, um debate para colher opinião deles. Não chego a solicitar uma redação nem prova sobre o filme (Kerley)

Hoje em dia, primeiramente, faço um comentário do que seria o filme. Faço um relato, explico quem é o produtor do filme, exibo o filme e depois da exibição do filme faço

um comentário instigando-os a me dar uma resposta sobre o que eles viram no filme. Aí discutimos o que vimos. De tanto trabalhar com filmes, você vai aprendendo a desenvolver sua metodologia (Jonieron)

Primeiro, gosto de ouvir o que os alunos têm a dizer, o que eles acharam mais interessante. Uma coisa que já fiz, mas nem sei se foi legal, foi que disse para os alunos os tópicos que eles tinham de observar no filme. Às vezes que fiz isso, eles já iam amestrados para o filme. Falei :‘esse negócio não tá legal’. Bom, vou tentar de outra forma; e da outra vez eu só disse: “Assistam”. Deixei-os livres. Depois da exibição, discutimos. Perguntei o que eles acharam mais interessante? A discussão fluiu mais, porque eles não tinham uma espécie de camisa de força, mas também não significa que eu não possa usar isso, por exemplo, ‘gente, o filme é isso..., mas eu quero que vocês percebam isso, isso é isso’. Por exemplo, eu sou um professor de História e que quero trabalhar. Não lembro o nome do filme, sei que era sobre a trajetória de vida de um cavalo, só que o cavalo estava na Segunda Guerra Mundial. Muito “massa.” Então, o cavalo foi vendido para um soldado que foi para guerra. O cavalo foi para o campo de batalha e ele era o ator principal. O pano de fundo era a segunda guerra mundial. Então, o filme é sobre um cavalo, mas eu quero que vocês vejam as relações de poder, as relações políticas que se estabelecem entre a Alemanha e seus aliados e os contra. Então, o que é muito pouco, mas eu estou aprendendo, estou correndo atrás, estou fazendo algumas leituras. (Hélio Márcio)

Após a exibição de um filme, faço perguntas sobre algumas cenas, as mais marcantes. (Marcio Palácios)

Conforme os depoimentos dos colaboradores percebe-se que ocorrem ações bem diferenciadas. Enquanto alguns professores, explicam a matéria e somente no final exibem um filme para ilustrar o assunto daquele momento, outros explanam, fazem uma espécie de resumo do filme, esclarecem algumas informações técnicas sobre os mesmos, para depois passar o filme, já com os alunos sabendo o conteúdo do filme. Outros preferem não fazer resumo do filme, explicar o tema do filme, apenas o exibem e deixam os alunos livres para ver o filme de forma descompromissada, sem esse ou aquele ponto para focar. Então, já temos ações bem contrárias, uns preferem falar sobre o filme antes da exibição, outros preferem silenciar, preferem aguardar pela reação dos alunos após o filme.

Nessa discussão concordamos com Fresquet (2013, p.22) não é bom explicar o filme para os alunos, fazer um resumo do conteúdo dos mesmos, pois acredita que “explicar é negar a capacidade dos sujeitos poderem entrar em contato direto com aquilo a ser aprendido”. Sabemos que toda pessoa traz consigo um conhecimento, um saber que precisa ser ampliado, então, acredito que se deixarmos os alunos mais livres, sem direcionar o olhar para essa ou aquela questão, damos oportunidade para que eles tirem suas próprias conclusões, para que estabeleça suas relações com o que está sendo apropriado.

Prosseguindo nessa forma de compreensão, Fresquet (2013, p.22) complementa:

Uma escola pensada como transmissora de saberes simplificados, explicados “mastigados”, perderia todo sentido nesse formato. Ela precisaria urgentemente se repensar e inventar novos modos de colocar os aprendentes em contato com o mundo, para provocar ambientes de apropriação, desvendamento e criação. Poderíamos pensar como uma das principais funções dos ensinantes/aprendentes, essa capacidade

de escolha (e conhecimento dessas possibilidades), para colocá-las em relação com as novas gerações, que acabarão fazendo seus próprios recortes, por interesse, afeto ou necessidade, no seu desejo de descobrir e inventar o mundo. Esse novo tipo de professor teria uma primeira obrigação ou dever por assim dizer, que seria ignorar a distância dos conhecimentos entre ele e seus aprendentes/ensinantes. Não porque ele mesmo não tenha domínio de determinados saberes, mas como modelo inviabilizador da autonomia no processo de aprendizagem e criação dos estudantes.

Pelo que se observa nas explanações de Fresquet, no momento em que pegamos um filme e repassamos para o aluno, explicando a temática abordada, analisando e direcionando para o que queremos nesse momento, negamos que o aluno seja capaz de compreender por si só, o conteúdo, o assunto de que trata a obra, negamos seu direito de escolha, reduzimos sua capacidade imaginativa e criadora. Suas emoções, sua visão, ficam contidas, diminuídas. Isso vai de encontro ao que buscamos que pode ser enriquecido com o uso do audiovisual em sala. Acredito que essa prática precisa ser repensada o quanto antes, conforme orienta Bordenave:

... a opção metodológica feita pelo professor pode ter efeitos decisivos sobre a formação da mentalidade do aluno, de sua cosmovisão, de seu sistema de valores e, finalmente, de seu modo de viver. Alguém disse, uma vez, que “enquanto os conteúdos *informam*, os métodos de ensino *formam*”. Efetivamente, dos conteúdos do ensino o aluno aprende datas, fórmulas, estruturas, classificações, nomenclaturas, cores, pesos, causas e efeitos, etc. Dos métodos ele aprende a ser livre ou submisso; inseguro ou seguro; disciplinado ou organizado; responsável ou irresponsável; competitivo ou cooperativo. Dependendo de sua metodologia, o professor pode contribuir para gerar uma consciência crítica ou uma memória fiel, uma visão universalista ou uma visão estreita e unilateral, uma sede de aprender pelo prazer apenas para receber um prêmio e evitar um castigo (BORDENAVE E PEREIRA, 1997, p. 68)

No cotidiano, sempre escutamos discursos como, nosso objetivo é formar cidadãos mais críticos, mais conscientes da realidade, porém, na prática o que ocorre em muitas escolas é que podamos a visão do aluno. Muitos professores veem os alunos, como incapazes de formar sua própria opinião sobre esse ou aquele tema. Queremos que sejam críticos, mas muitas vezes, não lhes damos espaço para expor sua forma de pensar, de criticar, de sentir a realidade. Enquanto as metodologias não caminharem lado a lado, com o que deveria ser o primordial no ensino-aprendizagem, que é a de formar cidadãos críticos, atuantes, conscientes de sua realidade, dificilmente conseguiremos atingir esse objetivo. Nossos professores, nossas escolas são responsáveis por construir o vínculo entre o aluno e o conhecimento, como bem observa Fresquet (2013, p.22) “a escola assim é pensada como um espaço/tempo acelerador desse processo; é desafiada a se reinventar nos modos de organizar encontros entre os aprendentes/ensinantes e o conhecimento”

Porém, nem todos os professores do Campus utilizam a mesma metodologia, nem pensam e agem da mesma forma. Há professores totalmente contrários a uma metodologia que engesse o aluno, embora já tenha utilizado esse tipo de metodologia em algum momento.

Isso é bem visível no discurso do professor Hélio Márcio “disse para os alunos os tópicos que eles tinham de observar no filme. Às vezes que fiz isso eles já iam amestrados para o filme, aí falei: “esse negócio não tá legal”.

Dessa forma, podemos identificar na fala do professor o reconhecimento por parte dele de que esse método não iria contribuir para chegar ao objetivo que ele gostaria de alcançar. Esse tipo de atitude demonstra que o professor avalia seu próprio trabalho, reconhece que não está condizente com o que deseja e busca aprimorar: “Da outra vez eu só disse: assistam.” Deixei eles livres. Depois da exibição, aí discutimos. Perguntei o que vocês acharam mais interessante? A discussão fluiu mais porque eles não tinham uma espécie de camisa de força”. É notável a preocupação do docente em aprimorar sua metodologia a cada momento, em viabilizar uma forma que desenvolva a capacidade, a criatividade, o senso crítico do aluno. Isso demonstra que o professor está preocupado em dar significados aos seus ensinamentos, em fazer com que os alunos participem mais, interajam mais, saiam do comodismo. Sua ação mostra o quanto se sente responsável pela aprendizagem, pela formação social e cultural de seus alunos, o quanto deseja se aproximar dos alunos, do universo que os cerca, e essa atitude é muito relevante, como bem salienta Zeichner (1994, p.17): “Para cobrir essa lacuna e essa distância entre aluno e professor, só mesmo a reflexão: o que eu faço, o que eu digo, tem ressonância, significado, importância para o aluno? refletir sobre o próprio ensino exige espírito aberto, responsabilidade e sinceridade.”

Percebe-se que o professor Hélio Márcio possui esse espírito aberto e com isso busca aprimorar suas metodologias cada vez mais, seja fazendo leituras, seja trocando ideias com os colegas, ou ampliando seu repertório de filmes. Ele também tem a vantagem de estar cursando mestrado onde também há espaço para o cinema, no cineclube da instituição. A seguir, destacaremos algumas das experiências positivas que cada professor já vivenciou com o audiovisual.

5.2.3 Experiências positivas com o áudio visual

Em relação a experiências positivas com audiovisual em sala, todos nossos professores têm bons exemplos de ações, atividades, iniciativas que resultaram em experiências positivas com os filmes, os vídeos, que refletiram em um aprendizado, às vezes, mais atrativo do que se tivessem utilizado um material impresso. Podemos confirmar esses resultados nas suas explanações, onde relatam suas descobertas, comprovam momentos marcantes em suas vidas, com experiências de audiovisual em sala:

Acho que todos que usei tiveram um resultado positivo. Esse ano usei um documentário da BBC (canal de documentários). Era um documentário que contava a história da luz, de ótica, contava desde os gregos até chegar à mecânica clássica. Ao final da aula, todos os alunos solicitaram cópia do documentário, porque acharam muito interessante. (Jonierison)

Quando eles fizeram um teatro, eu mostrei para eles um vídeo de uma empresa, um momento de uma cena que eles iriam fazer com um cliente. Eles iriam desenvolver um projeto para esse cliente [...] era o desenvolvimento de um software. Então, eles iam fazer uma entrevista com um cliente. Assistiram o vídeo e fizeram toda a cena na sala. Eles iriam desenvolver um software, conversar com o cliente, pegar os dados, os requisitos e iriam trabalhar em equipe. Então, eles simularam como se fosse uma empresa. Ficou bem legal. Eles foram capturar todas as informações com os clientes. Na equipe, uns eram os clientes, outro era o chefe o outro o programador. Então, eles dividiram as tarefas, simularam como funciona dentro de uma empresa. Foi uma das que me marcou (Ana Paula)

Exibi um filme sobre Einstein, intitulado “Teoria do amor”. Muitos meninos disseram que não iam assistir, porque se tratava de um filme de romance. Mas, depois, eles viram que não era bem isso a versão do filme. Além de relacionar Física com Matemática, eles gostaram bastante do resultado. Ficaram bem interessados, visto que não se tratava daquele filme de romance bobo que eles pensavam. Foi mais para a Física. Eles tiveram que usar bastante seus conhecimentos para conseguir acompanhar o filme. No final, eles puderam perceber que não era nada daquilo que eles pensavam (Kerley)

Uma vez utilizei um curta metragem que falava de motivação, porque percebi que meus alunos, que eram da EJA estavam bastante desmotivados. O curta mostrava como uma pessoa não pode a partir de uma dificuldade criar outra dificuldade. Ela deve transpor aquela dificuldade. Algumas pessoas estavam desempregadas, então, trabalhei nesse sentido, de como é possível superar essas dificuldades. (Marcio Palácios)

No início do semestre, agora, trabalhei com um filme brasileiro muito bom: “O contador de histórias”. É a história de um menino que foi levado para a FEBEM, que fazia uma propaganda muito legal, dizendo que lá era o espaço para as crianças virarem doutoras, estudar. Uma mãe tem nove filhos e não tem como sustentar esses meninos. Então, ela lava roupas e depois de um tempo decide levar o mais novo que é o Roberto Carlos para a FEBEM, pois o sonho dela é que ele estudasse para ser doutor, porque é essa propaganda que passa. Ele está com seis anos e quando chega lá ele vai descobrir na pele, que a realidade não era nada daquilo que passava na propaganda da televisão. Ele acaba entrando em contato com outros meninos que são meninos de rua, que foram presos, porque, na verdade, a FEBEM estava funcionando com uma espécie de recolhimento dos trombadinhas. O filme é, na verdade, o Roberto Carlos contando a história de vida dele, desde o início até o fim. Então falei: “gente, nós vamos assistir esse filme” e a atividade seguinte era discutir algumas questões

sociais, mas a atividade mesmo era que eles elaborassem uma narrativa autobiográfica, da vida deles, porque o Roberto Carlos começa a narrar a história dele na FEBEM. Narra o momento em que encontrou com uma pedagoga francesa que ensinou ele a ler, a estudar, depois adotou-o, colocou-o na escola e ele teve a oportunidade de mudar de vida através do estudo. Então, a partir disso, pedi para eles contarem a história de vida deles e quais as lembranças que eles tinham da escola, por que como são alunos da EJA eu coloquei uma pergunta de propósito. Quais os motivos que o levaram a abandonar a escola e o que te trouxe de volta à escola? Então, com essas perguntas tive respostas fantásticas, que me surpreenderam, por exemplo, teve uma aluna que falou que do tempo da escola ela lembrava das palmatórias. Teve uma que contou que lembrou de um dia que levou uma palmatorada¹ na mão muito forte porque a professora fez uma pergunta da tabuada e ela respondeu baixo e não ouviu. Mas o pior não foi levar a palmatorada na mão, foi que eu sabia a resposta e além de levar a palmatorada ainda ficou de castigo na porta. Teve outro que me marcou, ele falou que quando era criança lembra que a vó dele mandava ele ir estudar para o futuro, ele era do Pará, ela dizia: “meu filho, estuda para futuro. Mas, para uma criança entre oito e nove anos, o futuro era uma coisa tão distante, ao passo que o rio na beira de casa e o pé de manga no quintal estavam perto de mim. Então, qual dois eu ia escolher o futuro que estava super distante ou o rio e o pé de manga que estavam bem ali. Então, surgiram muitas questões reveladoras. Acho que foi uma das melhores atividades que já elaborei em sala.

Como orienta Duarte (2002, p.75) “a maior parte dos filmes pode ser utilizada para discutir os mais variados assuntos”. Tudo depende dos objetivos e conteúdos que se deseja desenvolver. O importante é que os professores tenham algum conhecimento de cinema orientando suas escolhas. Assim, o que vai realmente fazer a diferença é o objetivo que tenho com esse ou aquele filme, vídeo. O conteúdo do filme tem que estar em consonância com o que pretendo, se não, os alunos não compreenderão o sentido, os significados daquele audiovisual. Conforme também diz a autora, é necessário um conhecimento de cinema, um estudo dos filmes, dos planos que tenho para ele, em que ele pode contribuir, o que desejo despertar, provocar, que saberes podem ser originados, ampliados a partir do filme, do vídeo.

Foram vários os temas abordados pelos professores por intermédio do audiovisual. Um buscou motivar a turma, fazer com que os alunos, vissem que poderiam superar suas dificuldades. Outro procurou fazer com que os alunos vivenciassem as rotinas de uma empresa, quando da criação de um software. Outro percorreu todo um caminho para promover um conhecimento, buscando as origens e evolução da luz e da ótica. Teve quem surpreendesse a turma, trazendo um filme que a primeira vista, parecia ser um romance sem importância, que muitos nem queriam ver, mais que ao final, descobriram que não era nada do que parecia, pois se tratava de um filme que trabalhava a matemática e a física, longe do romance que a turma previu. Houve professor que foi mais ousado, trouxe um filme que contava uma história de luta, pobreza, violência, superação e conseguiu por meio dele, chegar às histórias de vida dos seus

¹ Palmatória – pequena peça circular de madeira com orifícios dispostos em cruz, provida de cabo e que servia para castigar crianças nas escolas, batendo-lhes com ela nas palmas das mãos. (KURY, 2008, p.781)

alunos, fazer com que os alunos contassem momentos da sua infância, das suas lembranças escolares, as dificuldades pelas quais passaram, enquanto estudantes, promovendo a rememoração das suas histórias, dos seus atravessamentos.

Dessa forma, a metodologia é de extrema relevância. É ela que vai fazer a diferença, que vai conseguir ou não que o aluno, o expectador, compreenda o que o docente intencionou alcançar com aquele vídeo, filme. Porém, grande parte dos docentes, não têm uma preocupação latente com essa parte do trabalho com os filmes, mas como bem defende Ramos e Teixeira (2010, p.17), referindo-se a obra de hipótese – cinema, de Bergala, “o docente precisa de uma metodologia adequada para ser bem sucedido quanto aos seus propósitos educativos”. Logo, podemos compreender que não é de qualquer jeito que o cinema enquanto arte pode e deve ser utilizado em sala de aula.

Nosso estudo se assemelha com os estudos realizados por Farenzena “A (re) invenção de si na tela da docência: imaginário social e formação ético-estética”, onde a autora buscou investigar as significações imaginárias de professores (as) sobre o lugar do cinema nas narrativas de formação de quatro professoras da rede pública da Educação Básica, em Santa Maria (RS)

Neste estudo, ficou evidenciado que o cinema, enquanto elemento de formação, muito tem a contribuir, “como o cinema pode ser um propulsor para a ampliação de repertórios culturais, pois toda arte que nos transfigura, nos desacomoda, nos afeta, pode nos impulsionar ter outra visão de mundo” (FARENZENA, 2014, p.41). Assim, também, nossos alunos podem ser desacomodados, afetados, instigados, com o cinema. No entanto, para que ele proporcione essa outra visão de mundo, amplie os repertórios culturais nossos e de nossos alunos é necessário, uma metodologia adequada, é indispensável que o professor acredite como bem salientam Ramos e Teixeira (2010, p. 17) “na importância da iniciação dos alunos no contato com a arte” e também que esteja disposto a trilhar esses caminhos com todas as suas exigências, pois não se trata apenas de organizar momentos com o cinema em sala, no auditório da escola, mas sim, de se tornar um acompanhante de jornada, de aprendizado, de busca com os expectadores, conforme esclarece Ramos e Teixeira (2010, p.17) “uma pessoa que pode até já ter trilhado aquele caminho, mas que ao passar por ele novamente pode ser tão surpreendida pelo que encontra quanto qualquer novato, porque há obras que nos acrescentam muito sempre que interagimos com ela.”

Essa mudança na forma de se trabalhar com o audiovisual junto com os alunos, não só pode como deve partir dos professores. São os professores que devem repensar sua prática, seus objetivos. Nos estudos de Farenzena (2014, p.79) depois de um trabalho de formação com os

professores, usando o cinema, os próprios docentes analisaram que precisavam mudar suas metodologias em sala e que o cinema como arte poderia ser utilizado para se chegar a esse objetivo. Seria então necessário “Transmutar o formato clássico das aulas nas escolas e o formato escolhido foi o das artes e sua potência no ensino aprendizagem”. Em outro trecho do mesmo trabalho, Farenzena (2014, p.103) reforça essa ideia quando diz “penso que o trabalho pedagógico com o cinema transfigurou a concepção que as próprias professoras tinham de educação, num movimento de repensar suas próprias convicções e o seu fazer”. A reflexão sobre suas próprias ações é algo de grande relevância, e só realiza isso quem tem vontade de mudar, de enriquecer suas práticas e não é fácil reconhecer que suas ações já não condizem com as exigências da atualidade.

Acreditamos que o mesmo pode ser realizado no Campus Araguaína, um estudo, uma formação que amplie a visão dos professores, dando-lhes condições para trilhar novas descobertas, novos saberes, com o audiovisual e assim poderem desenvolver ações, atividades bem mais ricas com o cinema em sala de aula.

5.2.4 Pontos positivos e negativos do cinema no Campus

De acordo com o relato dos colaboradores da pesquisa, há mais pontos positivos do que negativos no que se refere a desenvolver um trabalho, uma atividade utilizando um audiovisual na sala de aula. Inclusive há professor que não destacou pontos negativos, somente positivos, como frisou o professor Jonierson “Pontos negativos não tem nenhum. Acho que você só tem a ganhar com a inclusão do cinema”

Isso enfatiza que os audiovisuais podem contribuir sobremaneira numa formação mais rica, que busque despertar em nossos alunos o senso crítico, que eles se sintam capazes de intervir e mudar sua própria realidade.

No entanto, é imprescindível que se observe pontos cruciais nesse aprendizado, que se busque compreender aquilo que defende Alain Bergala quando enfatiza que o cinema deve estar na escola não como conteúdo curricular e campo de especialidade de um professor, mas que se tenha clareza que essa arte na escola, como as outras, deve ser um encontro com a alteridade e isso incomoda, pois na maior parte das escolas, quando o cinema se faz presente ele é instrumentalizado, didatizado, usado como mero recurso metodológico. (RAMOS E TEIXEIRA, 2010). Talvez um dos grandes receios dos professores seja não conseguir lidar com

a alteridade, com o que o outro pensa, com o que o outro sente com as diferenças de opiniões, pelo próprio tradicionalismo. Não estamos acostumados a ter alunos que discutam as ideias, que discordem dessa ou daquela ação, teoria. Infelizmente, o que esta aparente é que muitos professores desejam alunos dóceis, passivos, que copiam e copiam tudo sem questionar nada. Porém, se o que desejamos é formar pessoas que saibam criticar positivamente, que estejam dispostas a intervir na sua própria realidade, que não desanimem frente aos obstáculos da vida cotidiana temos que desenvolver ações que irão promover esse tipo de atitude nas pessoas, nos alunos, conforme declara Hélio Marcio:

Nós temos uma estrutura bacana. Vou falar de uma experiência que tive - é um problema da EJA. Como os alunos trabalham, há pouca frequência. Provavelmente, se isso fosse com os meninos do ensino médio regular isso não aconteceria. Mas, tem outro problema diferente, na EJA poucos alunos frequentam a escola. Um aluno falou assim: “nós não vamos assistir filme hoje professor? É tão bom quando nós vamos assistir ao filme!. Entendi o que ele estava dizendo. Ele falou: Ah! Não, nós vamos copiar? Vamos assistir filme. É muito melhor assistir filme.” Bem, a ideia que a gente tem de forma geral é que se a gente está assistindo filme é apenas uma diversão, é diversão também, mas a gente pensa que não é a coisa certa. Mas, isso é o senso comum. Então, enquanto professor, estou trabalhando com eles para mostrar que uma aula não é para ser uma aula, aula. Eu não tenho que estar conjugando verbos, ensinando oração subordinada, blá, blá, não. Eu posso e assistir filme, posso trazer uma tela. Discutimos na aula de Português, por que não? Posso trazer uma dança. Depende da forma como vou abordar. Mas aí é que está. Meu desafio é o seguinte: desconstruir essa imagem do senso comum que eles têm.

Então, os professores podem e devem buscar desenvolver nos seus alunos um olhar mais crítico, mais questionador, que não aceita passivamente determinadas situações, mais que compreenda o porquê dessa ou daquela condição, e que seja capaz de promover por si só, as mudanças necessárias para sua própria melhoria. Vemos isso bem claro na argumentação de Morés (2004, p.63):

A instituição escolar deveria preocupar-se em preparar o aluno para não aceitar as desigualdades sociais como algo comum que não pode ser mudado, mas sim debater, discutir com os alunos estas questões, mostrando a importância da vida em grupo, contrariando o individualismo hoje vigente.

No entanto, essas são atitudes que dificilmente vimos presente no cotidiano escolar, os alunos, os pais, a comunidade onde a escola está inserida, não participa como deveria de tais discussões. O que ocorre realmente é que os alunos, os pais, são chamados apenas para serem comunicados dos deveres, dos compromissos, das regras da escola e não para contribuir na construção dos processos educacionais, dos seus planos e projetos. Então as desigualdades só se fortalecem com esses modelos de ações, “acima de tudo a escola deveria ser o local das práticas educativas verdadeiras e onde os sujeitos, que fazem parte do processo, possam fazer sua história no cotidiano de suas vidas” (MORÉS, 2004, p.63)

Vale ressaltar também que dentro da própria escola não ocorre muitas vezes essa vivência em grupo, um trabalho com a coletividade, pois existem grupos e grupos dentro da escola. Então, alguns são convidados a participar de determinadas ações e outros não. Se por vezes já ocorre isso entre os grupos dentro da escola, imagina com quem está fora, como os pais. Essas são práticas que devem ser combatidas, que não condizem com a nossa realidade, que busca a construção de uma sociedade autônoma, detentora de seus deveres, mas também de seus direitos, conforme orienta Castoriadis (1982):

uma sociedade autônoma é a que está ciente das suas instituições, leis, obras e tem consciência de que elas podem ser questionadas, modificando também as estruturas sociais. Ainda coloca que o indivíduo autônomo é aquele que tem condições de modificar, de forma lúcida, sua vida.

Os professores podem e devem contribuir na formação de um indivíduo verdadeiramente autônomo, podendo utilizar de filmes para isso, porém, quando decidem utilizar esse ou aquele filme em sala de aula, tem que ter clareza do porquê dessa escolha, onde se pretende chegar com essa seleção, o que isso pode despertar no aluno. Pode e deve ser um provocador, um instigador, que vai ampliar a visão dos alunos, não devem ficar condicionados a serem apenas transmissores de conteúdos.

Muitas práticas pedagógicas cotidianas não atendem mais as demandas de uma sociedade em constante mudança, a escola tem que mudar, por que o ser humano mudou e continua mudando a forma como vem apreendendo, como vem desenvolvendo-se “ a escola é um organismo vivo que deve responder aos estímulos de formação de novos corpos, subjetividades e sensibilidades próprias aos desafios da sociedade atual” (BRAGANÇA, 2015, p. 77)

Ainda sobre a questão dos pontos negativos, houve professor que destacou como parte negativa o trabalho com cinema em sala de aula, a questão de alguns filmes exporem conteúdos pornográficos, que não seria muito recomendado para se trabalhar com o público adolescente como é o do Campus Araguaína, isso fica claro no depoimento da professora Ana Paula :

Os pontos negativos seriam a questão dos filmes imorais, que não passam nenhum tipo de mensagem reflexiva para o aluno, não passam nenhum tipo de informação que seja realmente necessária, apenas coisas bobas, imorais. Isso é um ponto negativo de filmes. Há vídeos que também não têm qualidade nenhuma, tem informações erradas.

Houve professor que também trabalha com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), frisou como ponto negativo a pouca frequência dos alunos às aulas e também observou que uma

parte do alunado preferia aulas com filmes, não pela questão do aprendizado em si, mas sim por entenderem que seja uma forma de diversão, entretenimento, e isso, infelizmente, é a visão da maior parte dos discentes do Campus, mas como bem frisou o professor Hélio Márcio: “é necessário desconstruir essa imagem do senso comum que eles têm”. Sem dúvida, esse é um dos grandes desafios para os professores da atualidade. Transformar essa concepção que os alunos têm hoje e que podem ser resquícios de sua infância:

[...] que em muitos casos, ficou acostumada a um consumo de infinitas horas de sopas televisuais, que aos poucos anestesiaram sua capacidade de se mexer, a vontade de explorar e buscar outras coisas para fazer, ou de se deter, fazer silêncio, pensar e imaginar a partir da relação com as imagens, sem montagens arrepiantes e/ou aceleradíssimas (FRESQUET, 2013, p.25)

Esse certamente não é um caminho fácil para os professores trilharem, mas é imprescindível que desenvolvam. É o professor quem mais dispõe de meios, recursos para provocar essa emancipação, esse acordar dessa “teia” que incapacita tantos jovens alunos e até muitos professores também; e o cinema não é o principal meio para se chegar a esse resultado, mas é uma das maneiras que os professores dispõem para buscar transformar o atual contexto.

No entanto, tem professor que vê também na grade curricular uma inimiga, como o Prof. Marcio Palácios: “O currículo, muitas vezes, está preso a uma grade e isso, às vezes, dificulta o trabalho do professor”. Acreditamos que com bons planejamentos e estudos é possível, desenvolver ações, atividades riquíssimas que não estejam engessadas pelas grades curriculares, todavia, muito vão depender dos objetivos, das perspectivas do próprio professor.

Infelizmente no Campus e em tantas outras escolas de educação básica são poucos os professores que tem uma visão menos tradicional a respeito do cinema na sala de aula. Dessa forma eleva-se o número de posições negativas, que não veem no cinema um aliado com grande potencial no processo formativo das pessoas. Nossa colaboradora a professora Kerley, critica em seu discurso, as ações dessa natureza “Aqui no IFTO, um dos pontos negativos é que os professores não estão dando aula, estão vindo apenas para exibir filmes. Então, o aluno fica pensando que o filme é só para passar o tempo”

Em sua obra hipótese-cinema, Bergala defende que todo professor se torne um passador, um “*passreur*” [em francês] que seria “alguém que dá muito de si, que acompanha, em um barco ou montanha, aquele que ele deve conduzir e ‘fazer passar’, correndo os mesmos riscos que as pessoas pelas quais se torna provisoriamente responsável” (BERGALA, 2006, p.65).

Assim, os professores têm uma grande missão, que é ser passador. Não só alguém que ensina o caminho, mas que caminha junto, que busca junto, que não está à frente, mas lado a lado, correndo os mesmos riscos, não só promovendo, mas também fazendo grandes descobertas.

Essas e tantas outras competências que são exigidas dos professores, configura que os professores têm que estar em constante formação. Não dá para ficar buscando uma ou outra informação quando a situação obriga, mas sim, é imprescindível uma formação permanente. Pois, agora o professor deve se ocupar não somente da atualização científica, pedagógica e cultural, deve estar apto a se ocupar também da [...] teoria para organizá-la, fundamentá-la, revisá-la ou combatê-la se preciso for. (IMBERNON, 2004. p.69)

Consequentemente se faz necessário uma nova formação que seja capaz de prover as competências, os saberes e as habilidades necessárias a essa nova e complexa realidade. Surgirão outras funções que são agora indispensáveis ao professor, como bem defende Imbernon (2009,p.14): “hoje a profissão exerce outras funções: motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relações com a estrutura social, com a comunidade”

Sendo assim, o professor para acompanhar a grande e acelerada evolução nos mais diversos campos do conhecimento, tem que estar em constante aprendizado, em constante formação. Hoje se exige não mais uma educação técnica, básica, funcional, uma educação que prepare apenas para o mercado de trabalho, mais, que o professor saiba, sobretudo formar para a vida.

Dentre as muitas e novas atividades do professor está a defendida por Freire (2001), que compreende que os professores devem desenvolver uma postura libertadora, que impulse seus educandos a se sentirem construtores de sua própria história.

[...] uma tarefa libertadora. Não é para encorajar os objetivos do educador e as aspirações e os sonhos a serem reproduzidos nos educandos, os alunos, mas para originar a possibilidade de que os estudantes se tornem donos de sua própria história. É assim que eu entendo a necessidade que os professores têm de transcender sua tarefa meramente instrutiva e assumir a postura ética de um educador que acredita verdadeiramente na autonomia total, liberdade e desenvolvimento daqueles que ele ou ela educa. (p.78).

Concordamos com que os autores defendem, visto que é necessário que os professores estejam sintonizados com as mudanças no cenário educacional, caso contrário, não conseguirão desenvolver nos seus alunos as habilidades e saberes necessários exigidos pelas transformações sociais e culturais da sociedade, estarão sempre correndo contra o tempo, tentando desenvolver novos saberes, porém, com antigas práticas pedagógicas.

Em se tratando dos pontos positivos, é consenso que as imagens exercem um poder de atração muito grande se comparado com a escrita e com o discurso, como bem destaca os professores: “O cinema possui uma magia que consegue “prender” as pessoas e isso favorece consideravelmente o ensino, pois as aulas ficam mais atrativas” (Marcio Palácios). “Acredito que só tem a contribuir, devido essa facilidade de você acessar e simplificar conteúdos que são difíceis de serem repassados oralmente. A imagem é bem mais atrativa que a fala” (Jonieron). “A linguagem da imagem atrai mais o aluno que a linguagem escrita” (Kerley)

Porém, acredita-se que não é somente atrair a atenção de alguém que iremos resolver uma questão, mas para qual objetivo, deseja-se alcançar isso? Dependendo do objetivo pode-se pegar um filme muito interessante do ponto de vista cultural e social e reduzir a nada. Assim sendo, tem que haver todo um planejamento, uma metodologia, um estudo, experiências com filmes, para que a utilização do filme, do material audiovisual venha dar bons resultados.

De que adianta atrair a atenção do discente se não sabe usar essa possibilidade para a construção, criação, invenção de conhecimentos? O aluno não só precisa ver as imagens, a história de um filme, precisa compreender entre outras questões como aquilo irá contribuir e transformar-se em saberes, o que aquilo está me pedindo, me impulsionando, me trazendo de novo, de experiência para ampliar meus conhecimentos?

Isso são questões que os professores podem levar o aluno a se questionar e a descobrir as respostas. Assim, trabalhar com o cinema não é algo simples, só ver o filme antes de passar para os alunos não resolve. Em sua obra “Cinema e Educação”, FRESQUET (2013, p. 33) nos alerta “que não é pouco o que aprendemos sobre a realidade a partir do cinema” e esse aprendizado pode nos desenvolver como pessoas, como cidadãos conscientes de seus direitos e responsabilidade na sociedade; e ela ainda nos ensina que o mais relevante que o cinema pode contribuir é:

a necessidade de experiência da alteridade [...] Só porque alguém foi, viu, fotografou, filmou, desenhou, escreveu ou simplesmente contou como eram determinados locais, é que aqui e agora, podemos imaginar essa realidade distante ou esse passado (ou futuro). Só porque a imaginação trabalha orientada pela imaginação do outro é que o produto da nossa fantasia nos aproxima de determinada realidade, alargando as possibilidades do conhecimento.(FRESQUET, 2013, p.33)

Quantos lugares, quantas histórias, experiências fazem parte de nossos saberes agora e que foram acrescentadas pelos diversos filmes, vídeos que fizeram parte de nossa vida, seja pessoal ou profissional. Quanto nós aprendemos baseados nas experiências dos outros? Quantos ensinamos também baseados em experiências alheias?

À vista disso, podemos confirmar que realmente muito é possível aprender por intermédio do cinema, porém, é crucial, estarmos preparados, ao mesmo tempo, abertos à experiência estética, conscientes, seguros do que queremos desenvolver, onde queremos chegar. Só assim, conseguiremos conduzir nossos alunos a novos saberes, novas descobertas por meio desse poderoso dispositivo de formação que é o cinema.

5.2.5 Facilidades e dificuldades de utilização do cinema na escola, no Campus

Em se tratando das facilidades e dificuldades para utilização do cinema nas dependências do Campus Araguaína, os professores relataram que não há muitas dificuldades, principalmente em termos de estrutura nas salas, equipamentos para exibição seja nas salas, seja no auditório do Campus. Se compararmos com outras escolas públicas da cidade, o Campus está bem equipado, pois todas as salas de aula dispõem de condicionadores de ar, data show integrado, telas de projeção. Além dos data shows fixos, há outros móveis que podem ser usados no auditório e demais salas da instituição.

Aqui no IFTO, nós temos uma estrutura bem legal. As salas têm data show integrado, tela de projeção, ar condicionado. O auditório é bem legal, dá para fazer um cinema “massa”. Nunca parei para pensar nisso, nas dificuldades, e por isso não tenho uma resposta para te dar agora. (Hélio Márcio)

Uma reclamação que é comum entre os professores é que tem vários filmes que eles gostariam de exibir para os alunos, mas o tempo de duração das aulas não permite, ou então, para conseguir realizar tal atividade tem que solicitar a aula do professor seguinte do outro professor para poder concluir o trabalho, porém, mesmo assim, há filmes mais longos que mesmo em duas aulas não é possível desenvolver o que seria propício. Contudo, mesmo com as dificuldades de falta de tempo para exibição, acreditamos ser relevante buscar sempre utilizar o filme todo, ainda que tenha de negociar um horário, com o professor da aula seguinte. Vejamos os comentários dos professores em relação às dificuldades em se trabalhar com audiovisual em sala:

Tempo de duração dos filmes. Isso é algo bem importante. Às vezes, nós não conseguimos um filme de 40 minutos e uma aula dura 50 minutos. Às vezes, nem em duas aulas dá para exibir um filme e também a dificuldade de encontrar filmes que seriam interessantes para determinada matéria. Eu tenho dificuldade em encontrar esses filmes. Às vezes, se viesse para escola, para a biblioteca alguns catálogos com sinopse que informasse para qual conteúdo é indicado aquele filme. Outra dificuldade seria a falta de informações sobre o filme. Somente a sinopse é muito pouca. Seria interessante se quem faz o filme fizesse uma sinopse mais rica de detalhes para ajudar na seleção de filmes (Kerley)

Seria a questão da carga horária das aulas, do tempo das aulas. Primeiramente, você vai ter que pegar um filme que dê para trabalhar em duas aulas ou em uma. Às vezes, você tem um filme maravilhoso. Mas como você vai trabalhar já que o filme tem 3hs? Ou você pede para o professor ceder àquela aula naquela semana, faz uma troca de aula, ou você “quebra o filme”, trabalha em duas aulas, para e trabalha nas aulas seguintes. Mas o problema é que, talvez, na outra aula o aluno já não lembre bem o conteúdo do filme, ou não tenha participado daquela aula e vai ficar perdido na próxima. Se houvesse uma flexibilização do horário de aula, ajudaria muito. (Marcio Palácios)

Seria somente a questão de equipamento, porque você precisa de um data show, de um sistema de áudio para não comprometer a qualidade da exibição do filme. Hoje em dia, é muito fácil você encontrar filme no youtube, você consegue ter uma boa variedade de filmes. (Jonierison)

Uma ação muito importante que poderia contribuir nesse sentido, seria o planejamento coletivo, as ações colaborativas. O corpo docente necessita estar articulado nas suas atividades, um colaborando com o outro, visando sempre o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa para o aluno.

Um meio interessante para alguns professores que tenham pouco tempo para exibição de filmes em sala de aula, seria utilizar curtas metragens, há canais que disponibilizam filmes mais curtos, porém completos, sobre diversos temas, como é o caso do “porta Curtas”. A exibição completa permite ao professor desenvolver atividades. Caso o professor, necessite pausar o filme para continuar em outro momento, provavelmente, haverá uma quebra no entendimento do aluno sobre a película e isso poderá afetar negativamente o desenvolvimento de discussões e atividades sobre o material exposto.

Porém, não são somente dificuldades que existem quando a questão é o desenvolvimento de atividades utilizando o cinema. Também há professores que optam pela área, pelas facilidades, pelas diversas possibilidades de se passar um conteúdo, de se desenvolver uma atividade. As tecnologias contribuíram muito no acesso a um variado repertório de filmes, de vídeos que podem ser explorados com os discentes.

Acreditamos que é indiscutível que o cinema mexe com a emoção das pessoas, seja uma emoção boa ou ruim, quase sempre nos sentimos envolvidos por uma ou outra. O que também é indiscutível é que as imagens, os sons, as cores, atraem bem mais que um material impresso, ou somente exposto verbalmente. No universo escolar, essa atração causada pelas imagens, os sons, é também sentida. E essas emoções, esses sentimentos, provocados pelo cinema, podem ser transformados em ações, em aprendizagens, em conhecimento. Acredita-se que emoção pode ser canalizada, trabalhada e gerar aprendizado, como bem salienta Duarte (2013, p.35) “aposto fortemente na potência da emoção envolvida no aprendizado.”

Portanto, se o cinema é capaz de promover sensações, sentimentos, emoções nas pessoas e se pelo cinema é possível desenvolver o aprendizado, o conhecimento, “é importante poder criar espaços de reflexão diante daquilo que nos emociona.” Duarte (2013, p.36) para que haja possibilidades de se promover essas sensações, essas reflexões, que geram aprendizado. O professor Marcio Palácios, considera relevante desenvolver trabalhos com o cinema, visto que o mesmo desperta o interesse nos jovens:

Porque o cinema em si já trabalha com questão da emoção, de envolver... há todo um jogo, jogos de cores, das cenas e de, certa forma, isso desperta o interesse do jovem. Essa questão do cinema tem o poder de comover as pessoas, fazer com que a pessoa entre dentro da história. (Marcio Palácios)

Já para o professor Jonierson, o fato de poder sintetizar um conteúdo que não é tão simples, por ser da área das ciências exatas, de forma mais atraente e ainda poupar e dinamizar o tempo, são facilidades no uso do cinema em sala. Mesmo porque atrair a atenção do aluno para essa área não é nada fácil. Ele sintetiza seu discurso “ poder abordar um conteúdo que poderia usar até quatro ou cinco aulas e você fazer isso em alguns minutos ”(Jonierson). Dessa forma, o professor usa do poder das imagens, para atrair a atenção dos alunos, para uma área que não é assim tão atrativa, principalmente se tratando do público juvenil.

5.2.6 O lugar do cinema na escola

Em grande parte das escolas, infelizmente, o cinema ainda não é considerado elemento importante como os livros, as literaturas de forma geral. Mas, isso está mudando, se transformando, criando um novo cenário, uma nova perspectiva para o cinema, para a linguagem cinematográfica, para o universo das imagens em movimento.

Em alguns locais, como em Santa Maria – RS, existem grupos de pesquisa que se dedicam, entre outros, nos estudos, nas temáticas sobre o cinema. Dentre esses, se destaca o GEPEIS, coordenado pela Dra. Valeska Fortes de Oliveira, do qual a autora desse trabalho faz parte. O grupo de pesquisa desenvolve também com os professores de educação básica um trabalho de formação em cinema, em linguagem cinematográfica.

Os trabalhos, os eventos, os projetos do GEPEIS como “Enredos da vida, telas da docência: os professores e o cinema”, realizado em 2012 e 2103; “Em tempos de formação - o cinema, a vida e o cuidado de si: exercícios autobiográficos e coletivos na atividade docente”, realizado também em 2012 e 2103 e “Cartografando experiências formativas com o cinema: até onde a sétima arte pode chegar” de 2014. Tem sido de grande relevância na expansão da temática “cinema e educação” e na formação em cinema de um considerável número de

professores das escolas públicas. Esses trabalhos que vêm sendo desenvolvidos há mais de dois anos em Santa Maria- RS é algo que se faz necessário no Campus Araguaína, pois nossos docentes também são carentes de tal formação, de tais saberes tão indispensáveis na contemporaneidade, nas sociedades inundadas pelas imagens em movimento como a nossa.

Nesse momento buscamos compreender melhor, o imaginário dos (as) professores (as) acerca do lugar do cinema na escola, mais precisamente no Campus Araguaína. Alguns professores como o Marcio Palácios, consideram que a escola ainda está muito voltada para o cumprimento das ementas, de toda uma pedagogia tradicional. Não veem, em muitos casos, o cinema como elemento que vem contribuir, pois ele exige certos conhecimentos e para adquirir esses conhecimentos, os professores têm que participar de cursos, oficinas, projetos que desenvolvam tais competências, disponibilidade de planejar melhor os conteúdos, assistir aos filmes, fazer um estudo com eles para poder exibi-los aos alunos. No entanto, toda essa dedicação exige tempo, disposição, impõe um repensar das práticas pedagógicas e muitas escolas não incentivam seus docentes e eles se sentem sem motivação, frente a tantas outras tarefas a serem desenvolvidas.

Praticamente, em algumas regiões ele não existe. A escola, hoje, é muito presa, tem uma carga enorme de aulas. O currículo, na verdade, faz com que o professor só pense em dar conta da ementa e não tenta trabalhar um filme e dentro dele trabalhar a ementa, porque isso exige mais tempo, planejamento maior, a elaboração de um roteiro, uma discussão e, às vezes, o professor se sente desmotivado exatamente por causa desses fatores (Marcio Palácios)

Acredita-se que independente do incentivo ou não da escola, nossos docentes devem buscar qualificar-se para as novas demandas do cenário educacional. Mesmo porque é ele quem vai de fato, contagiar essa massa crescente de jovens que vão propagar as novas maneiras de se criar, desenvolver os saberes. Além de que os professores não são meros transmissores de saberes produzidos por outros “mas agentes construtores de saberes pedagógicos multifacetados”. (MORÉS, 2004, p.67)

O professor Jonierson também considera que o cinema é muito importante na educação, porém, como o Marcio Palácios, também vê pouca utilização do cinema. Também vemos isso de forma muito clara no cotidiano do *Campus Araguaína*. Muito embora tenhamos uma estrutura de som, de data show nas salas de aula e nos laboratórios, no nosso pequeno auditório com capacidade para 70 pessoas, ainda assim, há poucas atividades com filmes, com vídeos em salas de aula.

Acho que é uma boa oportunidade de você inserir dentro do ambiente escolar, infelizmente, ainda é pouco utilizado. Aqui no IFTO, acredito que temos mais oportunidade de poder oferecer esses recursos devido a termos acesso a data show, caixa de som, coisa que na maioria das escolas, você não encontra essa estrutura e não

é somente pegar um filme e exibir para os alunos. Você precisa de toda uma estrutura de som e nós aqui temos o privilégio de poder fazer isso. O cinema é bem relevante no cenário educacional, mas precisa de toda uma estrutura para utilizar na escola. (Jonierison)

Diversas escolas públicas e até particulares não dispõem, muitas vezes, de certa estrutura física, de equipamentos para se trabalhar com os filmes com os alunos. Não dispõem de acervos de filmes, de condições favoráveis para que esse trabalho seja potencializado. No entanto, o desconhecimento sobre o universo fílmico e certa resistência em mudar suas metodologias, refletir sobre suas práticas, certamente contribui sobremaneira para a baixa utilização do cinema por parte de muitos professores.

Mas, se faz necessário mudar essa concepção. Estamos imersos no mundo das imagens, dos sons, de cores. As pessoas, de modo geral, principalmente os jovens estão todo momento conectados com o universo das imagens; e precisamos saber utilizar o cinema no desenvolvimento de aprendizagens, no processo de criação mesmo porque o cinema que aqui defendemos não é o cinema de puro consumo, o de entretenimento, é o cinema de criação, o cinema defendido por Deleuze (1985) é o cinema que faz pensar, o cinema que propõe o desenvolvimento da ética e a experiência da estética, da alteridade. O cinema que propõe uma nova forma de pensar, uma nova maneira de ver e interpretar o mundo, a partir da imaginação e do imaginário, conforme enfatiza os estudos de Castoriadis (1982).

Castoriadis defende que o ser não é concluído, acabado, mas sim que está em constante mudança, transformação, em processo contínuo de formação e a imaginação e o imaginário são grandes aliados da capacidade criativa, imaginativa do ser humano. As imagens em movimento aguçam nossa imaginação, que podem nos possibilitar novas descobertas, novas aprendizagens. Muito do que vemos nos filmes é resultado do que foi construído em nosso imaginário, que por sua vez pode ter sido produzido por meio de outras imagens, vistas em outros filmes, em outras situações.

Para levar as pessoas de modo geral a conhecer esse novo contexto do cinema, é necessário entre outros que professores e alunos desenvolvam ao máximo a inventividade, a partir da exposição de filmes, buscando a criação de outros finais, de novos personagens, outras maneiras de contar história, conforme sugere Bergala, em sua obra *Hipótese-cinema* (2008).

As autoras Ramos e Teixeira (2010, p.11) complementam essa ideia, quando esclarecem que essa nova forma de trabalhar com o cinema em sala de aula, exige outras atitudes dos espectadores, bem diferentes a que estávamos habituados, exige “ O abandono de uma atitude passiva do espectador e seu engajamento numa outra maneira de ver filmes, de apreciá-los, de

sorvê-los na plena fruição estética. De acompanhar, de deslindar e mesmo de recriar a criação do cineasta”(RAMOS E TEIXEIRA, p.11)

Não é mais apenas uma questão de passar um filme, de fazer uma conexão com os conteúdos escolares, é ir mais além dos conteúdos, é propor ações que darão espaço a imaginação, a criação. Ao invés de explicar o filme o professor passará a expor bons filmes que foram criteriosamente selecionados, visando despertar o olhar do aluno, para algo que ele não estava acostumado a ver, a sentir, a analisar. Porém o professor precisa também desenvolver o hábito de selecionar os filmes, que provoquem o aluno, que desenvolva um novo olhar para a situação que ora se apresenta. Conforme a autora Deus (2014, p.5):

O trabalho desenvolvido com o cinema na educação viabiliza esse processo de educação do olhar nas crianças e jovens para a beleza do que existe ao redor de si. Além disso, possibilita uma relação de alteridade quando potencializa o olhar nos olhos dos outros, os quais revelam um mundo inteiro para ser descoberto. Dessa maneira, o cinema como arte na escola abre espaços para a pedagogia da criação, da imaginação, da reinvenção de muitos possíveis imaginários e inúmeros devires

No entanto, a professora Kerley considera que o cinema é uma forma de descontrair o aluno, de desviar um pouco a atenção do vestibular, que é um evento que gera toda uma sobrecarga de estudos, causando grandes momentos de tensão. Sua real preocupação seria a de que o aluno conseguisse estabelecer uma ligação entre o conteúdo da temática e o conteúdo dos filmes.

Nota-se aqui que o cinema está sendo utilizado fortemente como recurso didático, um meio de ilustrar o conteúdo, uma forma de entretenimento, de desviar a atenção do seu foco, que no caso aqui seria o vestibular, visto, dessa maneira, não como dispositivo de formação, de enriquecimento de saberes culturais e sociais como o qual se defende nessa pesquisa.

A utilização do cinema como lazer, entretenimento não é o foco de nossa pesquisa. Veem-se no cinema muitas possibilidades para o desenvolvimento de saberes que podem interferir, mudar nossa forma de pensar, de agir, de compreender a realidade social. O cinema pode ampliar nossa visão de mundo, nos levar a conhecer diversificadas culturas, somos atraídos pelo poder das imagens em movimento, porém as imagens em movimento, como salienta Bragança (2015, p.72) “ antes de ser domesticadas através de apropriações didáticas ou utilitarista, deve ser evidenciada como forma de garantir sua potência”, não podemos de forma alguma reduzir a capacidade desafiadora do discurso audiovisual. No entanto é isso que se vê muitas vezes a redução dessa potência, como que complementa Bragança ((2015, p.72) “ em

função de uma acomodação do texto imagético às teorias disciplinares que estão sendo trabalhadas”, isso pode ocorrer também pela falta de teorias da imagem e do audiovisual.

Talvez, por essa falta mesmo de intimidade com as possibilidades da sétima arte, alguns professores não concordem com essa visão do cinema, como a professora Kerley, que deixou isso claro em seu depoimento, no qual vê-se que a principal preocupação é que o aluno faça uma ligação entre a temática do filme ao conteúdo ministrado nas disciplinas.

Além de uma forma de lazer, de descontrair um pouco, sair um pouco da preocupação com o vestibular, acho que eles conseguem aprender bastante com os filmes. Eles conseguem fazer umas conexões bem interessantes com as disciplinas ministradas e também tem um retorno dessas conexões que podem ajudar bastante no aprendizado, no ENEM (Kerley)

No entanto, já se verifica-se que na fala da professora Ana Paula, uma preocupação latente com o desenvolvimento da cultura por intermédio do cinema. Considera o cinema relevante no desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Contudo, ainda é muito forte a utilização do cinema como meio de ilustrar um conteúdo, como forma do aluno compreender através das imagens uma situação prática do cotidiano. Isso fica muito claro no depoimento da professora.

É importante pela questão da cultura. Eu, particularmente, capturo mais as informações. Consigo entender mais quando eu assisto filmes, principalmente quando é da minha área, vídeos assim que consegue. Eu somente lendo, é bom. Leitura é ótima. Mas, quando você consegue visualizar, quando você consegue vê e ouvir é muito melhor. O cinema em si para os alunos é importante para a questão de cultura para eles terem pelo menos o conhecimento do que os países deles produzem. Hoje, tem muito pouca leitura no meu ponto de vista. Penso que os vídeos estão falando mais alto, a leitura tem, existe. Acho que o cinema poderia ser mais utilizado. Eu, particularmente, gosto muito de vídeos. Quase todas as minhas aulas, principalmente aplicativos web que é uma matéria enjoada de entender, eu procuro sempre mostrar para eles situações que acontecem na empresa, através do vídeo. Então, eles conseguem entender. Depois que eu explico toda a literatura, passo todo o conteúdo, eu mostro, exemplifico para eles em forma de vídeo e eu percebo que eles conseguem capturar melhor, porque a imagem, o vídeo em si é como se ele finalizasse o conteúdo, é como se ele tivesse dando uma ênfase maior ainda no conteúdo. É uma ferramenta que vai auxiliar e muito, mas nem todos pensam assim, nem todos. Eu, particularmente, procuro utilizar de forma a melhorar o meu ensino. A forma que eu quero que eles aprendam e tem gente que usa... “Ah, vou passar essa aula aqui, vou passar esse vídeo aqui para esses meninos”. Usa assim de qualquer jeito e isso não é legal. A parte de cinema em si, tem que ser trabalhada de forma legal, por isso que ela é importante, porque auxilia no aprendizado do aluno. (Ana Paula)

Verifica-se, na fala da professora Ana Paula, que está bem claro que há um direcionamento do olhar do aluno, uma ação que poderia ocasionar uma barreira à criatividade, a liberdade para o aluno definir o que realmente compreendeu, como ele vê determinada situação. Isso vai de encontro ao que Duarte, Bergala, Oliveira e tantos outros autores defendem

que é uma pedagogia emancipadora, na qual o Professor seja capaz de “ignorar a distância dos conhecimentos entre ele e seus aprendentes/ensinantes” (FRESQUET, 2013, p.22)

Também se acredita que é instigante proporcionar os saberes, os aprendizados, sem querer moldar a forma de pensar do aluno, pois se já pensarmos por ele, ele dificilmente vai desenvolver sua própria interpretação, seu ponto de vista. Sua criatividade ficará comprometida na medida em que já receberá algo pronto, não necessitando, portanto, de criar, inovar, buscar transformar.

Ao abordar esse assunto, temos que estar cientes que o conhecimento não é algo pronto, finalizado, mas em permanente construção. Então, não temos como tentar passar para o aluno como se fosse possível apenas transmiti-lo. O professor não é o que vai apenas transmitir conhecimentos, é o que irá reconstruir as aprendizagens junto com seus alunos, afinal, os saberes são construídos também das experiências e vivências com os diversos grupos sociais, nas diversas situações do cotidiano.

A construção do conhecimento ultrapassa as paredes da sala de aula, os muros da escola, por isso, o que faz parte da realidade do aluno, deve ser levado em consideração, não podemos fechar os olhos para os problemas sociais, econômicos e culturais que afetam nossos alunos, pois essas situações, esses acontecimentos vão fazendo parte de sua formação. Concordamos com Morés (2004, p.75) quando diz:

Os docentes devem buscar, construir e transformar seus ensinamentos, levando em consideração que se aprende e se ensina em qualquer lugar, lembrando também que cada aluno traz consigo uma bagagem muito rica, pois cada um vem de uma realidade cultural distinta, podendo, dessa forma, favorecer o processo de formação do conhecimento.

Todavia, o professor Hélio Márcio apresentou outra concepção da questão do lugar do cinema na escola. Primeiramente ele sentiu dificuldade em responder tal questionamento, parou um pouco para refletir, organizar as ideias para poder iniciar sua fala. Ele compreende que antes de tudo é indispensável se definir qual é a perspectiva, os objetivos que se pretende com o filme. Caso contrário, todo o trabalho pode ser perdido na medida em que não tem um foco, uma razão.

A questão não seria somente de ementa nem tão pouco só de temática. Sua preocupação está em desenvolver o pensamento do aluno, então, não é de qualquer maneira que esse objetivo será atingido. Enfatiza que dependendo da perspectiva, o professor mesmo pode “destruir o filme”, pode não possibilitar aos alunos o desenvolvimento de sentidos, de significados, de emoções que podem vir a mudar sua forma de pensar, de interpretar, de sentir a vida, de

transformar o seu meio social e isso é o que faz toda a diferença. Nesse aspecto, o entrevistado concorda com Martin-Barbero que diz aos professores:

É preciso problematizar as películas que assistimos, buscando driblar posições maniqueístas que operam a partir dos extremos, ora propensas a criticar radicalmente toda e qualquer obra cinematográfica pelo determinismo político dos meios, ora advogando sua total neutralidade técnica. (MARTIN-BARBERO, 2009).

Nota-se que é esse posicionamento que toma o professor Hélio Márcio. Ele busca problematizar os filmes que seleciona para exibir aos seus alunos, buscando aguçar o entendimento do aluno, usar a atração das imagens para incitar o estudante a se posicionar frente a um acontecimento, a ampliar sua visão da situação em que está imerso. Só assim, ele terá condições de participar ativamente nos processos sociais interferindo nos rumos de sua própria realidade. Vejamos o depoimento de Hélio Márcio:

Essa pergunta é bem difícil de ser respondida, porque depende da perspectiva que eu vou usar, como vou me apropriar do cinema ou de um filme para trabalhar na escola? Porque quase tudo depende da forma como vou abordar. Eu posso pegar um filme muito “massa”, super bacana e “destruir o filme”, dependendo da perspectiva que eu adotar. Se eu pegar, por exemplo, o documentário que eu falei há pouco, “Falcão meninos do tráfico”. Se eu falasse assim: “Quero que vocês escrevam o nome de todos os personagens do filme ou conte quantos personagens masculinos aparecem e quantos femininos”. Se eu adotar esse tipo de perspectiva, vou pegar algo muito legal e reduzir a nada. Tudo vai depender da perspectiva que eu adoto. O cinema na escola, como eu sou apaixonado por literatura eu percebo que o cinema pode ser uma ponte pra literatura. Às vezes, os alunos não gostam de ler, mas tem um filme que tem uma adaptação literária, como o 1984 de George Orwell, onde surge a ideia do Big brother. Tem um filme, então, e posso trabalhar esse filme. Depois de trabalhar o filme, eu posso ir para o livro, por exemplo, se alguém da literatura ouvir pode querer me degolar, mas por exemplo Harry Potter, tem o filme e os livros, então depois do filme, que os alunos gostam, podemos encontrar uma forma de abordar o livro, acho que nesse primeiro contato se o aluno não tem nenhum contato com o livro X, com um autor, acredito que o cinema na escola funciona como tato. Por exemplo, “Vidas secas”. É fantástico o livro. Também há um filme bem legal. Então, se os alunos não tem contato, acho que seria legal para iniciar esse contato. Nós fizemos isso no ensino médio, estava no estágio ainda. Fizemos isso numa escola pública em Araguaína. Nós trabalhamos o filme “Vida secas”- a obra e depois artes visuais que era o Portinari. Então, há aquele quadro “Os Retirantes”, de Portinari. Nós discutimos, falamos da relação que ele tinha com Graciliano Ramos, trabalhamos música também- a do Luís Gonzaga “Triste partida”, mas primeiro nós abordamos o filme. Então, o filme foi o mediador para esse primeiro contato. Vejo com muitos bons olhos, mas desde que eu saiba, que tipo de atividade eu quero desenvolver, dos meus objetivos. (Hélio Márcio)

O professor Hélio Márcio também considera que os filmes são uma ponte para provocar o interesse dos alunos pelos livros, pela leitura. Sabe-se que um número considerável de pessoas, destacando aqui os jovens, não são fãs de livros, de leitura, de literatura. Então, o professor vê nos filmes um meio de incentivar os jovens a verem a importância da leitura, a se interessarem pelas nossas literaturas também.

Verifica-se um trabalho bem versátil por intermédio do cinema que o professor Hélio Márcio desenvolve, visto que procura despertar diversificados gostos em seus alunos, o gosto pelas obras de literatura nacional, pela música nacional, pelas demais formas de arte. Isso é muito importante, pois é uma forma de contribuímos para que uma parcela da população tenha outra visão sobre o cinema nacional, sobre a nossa cultura, para que busquem valorizar também o que é produzido em nosso país.

Destaca-se ainda, que ao valorizar a produção nacional, desvia o olhar do aluno, das produções estrangeiras que são ofertadas cotidianamente e que acabam por formar uma grande população de adeptos, às vezes é só a esse tipo de produção que a maior parte da população tem acesso. O professor também é responsável por buscar mudar esse quadro, promovendo esse encontro, as condições para que seus alunos disponham de outras significativas produções fílmicas.

5.3 Cinema Nacional

Como a temática central desse estudo é o cinema, nada mais justo que ter um tópico discutindo sobre algumas questões pertinentes que envolvem o cinema nacional. Para compreender como está essa realidade no Campus, primeiro procuramos saber se os professores costumam assistir a filmes nacionais e se gostam. Todos nossos docentes frisaram que assistem filmes brasileiros - uns mais outros menos. Alguns docentes tem uma imagem bem negativa a respeito desses filmes. Outros, já procuram inserir no cotidiano do aluno filmes nacionais que julguem pertinentes, os quais possam contribuir no ensino-aprendizagem.

5.3.1 Visão sobre o cinema nacional

Houve professor que destacou que um dos grandes problemas com relação a filmes nacionais, é que o grande público não conhece os excelentes filmes que dispomos, haja vista que no cenário nacional há “pérolas muito preciosas”, mas que não são valorizadas, por estarmos impregnados por aquilo que estamos acostumados a ver, o que está mais acessível a nós - os filmes comerciais, os filmes hollywoodianos, como bem enfatiza o professor Hélio Márcio:

O cinema nacional tem umas pérolas muito preciosas e que nós, o grande público não conhece”. Hollywood é bacana, mas a gente também tem o nosso, por exemplo, aquele

“Ai que vida”, alguém diz: aquilo lá não é filme. Será? Olha que com poucos recursos o cara conseguiu fazer um negócio muito legal. Então, dá para trabalhar aquele filme em sala de aula, olha que eu não tinha pensado nisso! Então uma discussão sociológica no “Ai que vida”, a questão política, o clientelismo, aquilo que a gente estava falando há pouco, se a gente souber como abordar, acho que dá para trazer e aproveitar. E o professor não só pode, como deve ampliar a visão do aluno.

Realmente como bem frisou o Professor Hélio “o professor não só pode como deve ampliar a visão do aluno”, desenvolver suas aprendizagens de forma que ele tenha condições de fazer suas próprias análises e até intervir em sua própria realidade, consciente e seguro de que essa ou aquela atitude se faz necessário para melhorar suas próprias condições, sejam quais forem elas.

Outro dia uma aluna falou assim: “essas aulas do Sr, Professor faz minha cabeça doer.” Perguntei por que? Ela disse: “Porque a gente discuti umas coisas aqui e quando chego em casa, não consigo parar de pensar nessas coisas. Quando vou falar com alguém, é sobre essas coisas. E eu disse: “É mesmo!?” e Ela : é. Eu respondi: “Nossa que bom, fico feliz, que a sua cabeça está doendo, porque não imagino se alguém vem para aula, para escola e sai do mesmo jeito.” O aluno diz:” Ah, eu fui para aula.” . Então, o que você aprendeu? “Ah! eu não sei, a gente viu um negócio lá”. Então, acho que nós e temos que provocar os alunos, para eles saírem do senso comum.

Nossos professores precisam conhecer de forma aprofundada os filmes nacionais e não fazer um juízo negativo, só por que ouviram dizer que os filmes nacionais não são bons, que não podem ser exposto em sala de aula. As vivências e experiências com um variado repertório, seguido de análise, discussões é que poderá propiciar uma base sobre o que existe de bom e de ruim no cenário brasileiro, é o que pode ser também decisivo na formação do gosto, como podemos analisar na fala do professor Hélio Marcio:

Estou começando a gostar de cinema nacional. Na Universidade Federal do Tocantins (UFT) nós temos um programa, na verdade um projeto de extensão, que pretendo copiar futuramente para cá, que é o cine clube. Tem um professor amigo meu de História e a tese de doutorado dele foi sobre cinema. Ele está com esse projeto de extensão onde nós assistimos filmes. Agora mesmo, nós estamos num bloco de cinema nacional e a formação dele é em Sociologia. Depois do filme, nós vamos discutir. Os filmes que ele traz são muitos legais, por exemplo, “Aspirinas e os Urubus”. Foi lá que eu assisti,- e outro do Glauber Rocha, “Terra em transe”, “muito massa” e outros mais.

No entanto, a maioria das pessoas não vê o cinema nacional dessa maneira. Em muitas escolas e salas de cinema do Brasil, ele não tem espaço, como bem salientou o professor Hélio Márcio: “o que é de fora é massa, o que é importado é legal, o que é produzido aqui é de 5ª categoria”. Como já fomos acostumados a supervalorizar os filmes hollywoodianos, já olhamos para os filmes produzidos aqui com descrédito. O professor Hélio também diz que parece que

sofremos da “síndrome de vira-lata”: “Outro problema também é a “síndrome de vira-lata”, falou nosso Nelson Rodrigues. Nós valorizamos as coisas dos outros. Nós achamos o que é de fora é “massa”,

Além dos filmes nacionais, terem espaço reduzido frente aos filmes estrangeiros, uma parcela significativa de pessoas acreditam que os filmes nacionais são somente pornografia, que muito raramente encontraremos bons filmes, visto que são impregnados de cenas de sexo, de violência e drogas, como enfatiza nossa colaboradora Ana Paula: “você vê na televisão, quando vai passar um filme nacional, você vai ver o que vai ter que é sexo, droga, prostituição - é só o que é malefício para a família. Que benefício que vai trazer um filme daquele? Não tem nenhum benefício, entendeu? [...] a maioria das pessoas pensa assim”

Assim sendo, uma grande parcela da população brasileira não consegue ter acesso a muitos dos filmes nacionais, pois infelizmente muitos desses filmes não são exibidos nos grandes cinemas das cidades. Em contrapartida, os filmes de Hollywood, estão em todas as salas de cinema do país. Estamos impregnados pelos filmes americanos. Muitas condições não foram e não são favoráveis ao cenário cinematográfico brasileiro, pois desde o início, o cinema brasileiro:

[...] tem sua história pautada na dificuldade de produção e distribuição, acima de tudo. É um cinema que sobreviveu de apoio e incentivos de governo e que, a todo o momento, teve que lutar contra a ‘invasão’ dos filmes hollywoodianos nos espaços que eram seus por direito. (BOTELHO, 2014, p. 89)

A escola pode e deve proporcionar ambientes que vão permitir esse contato com grandes e reconhecidas obras cinematográficas brasileiras, pois uma boa parte do público só consegue ter acesso a esses conhecimentos por meio do ambiente escolar. Se quisermos que haja uma valorização do nosso cinema, dos nossos filmes, é preciso construir os gostos dos expectadores, como bem enfatiza Duarte (2002, p.83) “o gosto pela arte cinematográfica, é fruto do conhecimento e da intimidade com essa arte [...] aprende-se a apreciar filmes e a desenvolver critérios de julgamento na companhia de quem já aprecia cinema, transitando por ambientes onde essa prática é estimulada e valorizada.”

Outro ponto relevante que o professor Hélio Márcio destacou é que muitos filmes americanos são repletos de efeitos especiais. “Um problema que nós temos, parece que é o seguinte: como a referência que o público médio tem é o cinema de Hollywood, aquilo que foge aos efeitos especiais, ao sucesso de bilheteria, o grande público diz: deve ser ruim”. Porém, se retiramos esses efeitos, não resta quase nada mesmo, o problema que a sociedade já está tão habituada a ver e a valorizar esses efeitos que quando um filme não privilegia essa parte, simplesmente é rotulado, como filme ruim, sem valor.

Porém, como o próprio professor já salientou, os professores estão numa posição de certa forma privilegiada. São responsáveis dentre outros por ajudar a construir o repertório de saberes dos alunos, por isso, podem “tentar mexer nos pauzinhos, digamos assim, da organização do imaginário dos alunos. A gente tem condições, se correr atrás, de usar o cinema nacional e mostrar que o cinema nacional é massa.”

Mas, para fazer isso, os professores devem também conhecer muito sobre cinema, estudar sobre os filmes, participar de eventos que envolvam a temática, estar de certa forma preparados para lidar com as possibilidades que a arte oferece para poder orientar realmente seus alunos. Mas, para isso, é imprescindível “estar dispostos a compreender a pedagogia do cinema, suas estratégias e os recursos que ela usa para ‘seduzir’, de forma tão intensa, um considerável contingente de pessoas, sobretudo jovens” é indispensável então “conhecer cinema, sua linguagem e sua história” (DUARTE, 2009, p.20)

Então qual seria essa pedagogia? Seria uma pedagogia voltada a compreensão da forma e não somente o conteúdo dos filmes. Uma aprendizagem que levasse em consideração como se dá o processo de criação dos filmes. Não seria somente a ação de expor os filmes, mas promover um ambiente nos quais se pudesse também criar e recriar os filmes, onde se possa trabalhar a imaginação, a criatividade, fazendo diversas experiências, vivenciar cada ato. Conforme defende Alvarenga (2011, p. 212):

‘Pedagogia’ para se pensar a forma e não apenas o conteúdo (tema) dos filmes. Isto é uma pedagogia da imagem e do som que permita pensar o próprio processo produtivo e criativo dos filmes e não apenas utiliza-lo como pretexto para se discutir temas e questões que poderiam ser, em última instância, pensados e debatidos sem eles.

Para conhecer e assim poder usufruir das potencialidades do cinema, é essencial que os professores participem constantemente de cursos de formação continuada, de oficinas, seminários, voltados para a área de cinema, pois além de ser uma temática pouco desenvolvida do ponto de vista do cinema como arte, da maioria dos professores, é uma área em expansão com suas características, suas peculiaridades. Reportando-nos novamente ao trabalho de Farenzena (2014, p.103), que estudou também o cinema na formação de professores, observou que:

O cinema na formação das professoras coautoras pode transformar subjetividades, pode transformar ideias, construir novos rumos de aprendizagem, modificar sujeitos, buscar novos horizontes de visão de mundo. O cinema traz equilíbrio, desequilíbrio, ordem, desordem, perturbações, e é nesse processo complexo que nós nos transformamos.

O professor, portanto, é peça fundamental nesse processo. Ele é, segundo Farenzena, (2014, p.93) “o mediador desse encontro com a arte na escola e o que se faz necessário nesse sentido é que o (a) educador (a) tenha contato com a arte que vai apresentar ao seu aluno”. Ele necessita ampliar seu repertório, compreender essa arte para poder desenvolver isso no seu aluno.

Também buscamos compreender o que pensam nossos professores colaboradores a respeito da nova legislação sobre o cinema nacional, sobre a inclusão do cinema no currículo da escola básica, indagamos sobre o qual seria a opinião deles (as) sobre a nova lei nº 13.006/14, que torna obrigatório a exibição de filmes nacionais, por no mínimo 2 (duas) horas mensais nas escolas.

Em se tratando desse quesito, é essencial que nossos docentes passem a conhecer mais sobre as grandes obras cinematográficas brasileiras, para poder utilizar o cinema, usufruindo de toda sua potencialidade. Entretanto, ao ser questionado sobre a nova lei, somente um professor confirmou que já teria algum conhecimento sobre. Os outros professores não tinham conhecimento da existência da lei:

Sim já ouvir falar sobre isso, mas não sabia que era esse o número exato. Mas eu acho que esse negócio de Lei é complicado, por que tem tantas coisas que são lei e...acontece, por exemplo, da escola não querer trabalhar com cinema e vamos recorrer a quem? Vamos ligar na PM, no 190? Denunciar e dizer olha a escola não está trabalhando cinema. Leva aqui a galera presa. A quem a gente recorre? Tem a Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino de cultura. Ela foi alterada em 2008, mas essa lei de 2003 que foi elaborada em 2008, torna obrigatório o ensino de cultura afro-brasileira, africana e indígena na sala de aula. Quer dizer, torna obrigatório, mas nem por isso de fato acontece. A quem a gente recorre? Mas já quem tem a lei, temos alguma coisa, embora que a lei não vai mudar as coisas da noite para o dia, mas já é uma iniciativa, um ponto positivo. Então, se a Lei foi aprovada, o que é legal é que vai trazer para pauta do dia essa questão, por exemplo, tem que discutir o cinema. É, mas também não podemos ser tão pessimistas, já tem muitos idiotas sendo pessimistas, seria apenas mais um idiota sendo pessimista, quero ser um idiota otimista. Por outro lado, a lei é massa porque, ela propõe a discussão, já mexe, coloca o dedinho lá. Essa da literatura africana na sala de aula de 2003, antes, nem discussão se tinha, então devagarinho a gente vai. Não sei se não tivesse essa lei eu estaria fazendo isso, provavelmente a gente não estaria tendo essa conversa, então a Lei não é estéril, então temos pontos positivos. Na Faculdade, esse professor está tentando criar esse hábito que é de assistir filmes com outra perspectiva, a perspectiva crítica. Esses alunos, lá, vão ser professores. O curso é de licenciatura. Então, acho que já é uma contribuição. (Hélio Márcio)

O fato de não terem conhecimento da Lei 13.600/14, é um ponto negativo, entretanto, como disse o professor Hélio Márcio, só o fato de ter sido aprovada é uma forma de iniciarmos as discussões e mais ainda de colocar em prática, pois certamente não será nada fácil a execução da lei no cotidiano escolar, não só pelo desconhecimento das obras cinematográficas brasileiras, como também pela visão, pela falta de valorização do nosso mercado de filmes. Aliado a isso, ainda temos a falta de capacitação dos docentes com relação à formação em cinema.

Não adianta ter disponíveis bons equipamentos físicos, ter acesso a excelentes filmes nacionais, ter boa intenção, se não houver o conhecimento de como usar o cinema como arte na construção de saberes, com a possibilidade de desenvolver a alteridade, destacando a importância da formação ético-estética. Conforme salienta Bergala (2008, p.31) “a arte se encontra, se experimenta, se transmite, ou melhor, se passa, por vias diversas” e o cinema é uma dessas vias. Porém, ainda segundo Bergala (2008) é de extrema relevância que se tenha claro que “é necessário criar as condições para que seja possível ensinar sem formatar, sem simplificar, nem reduzir a tensão que “fazer arte” produz na escola.”

Temos que fazer essas experiências, estar abertos ao novo, ao diferente, ao que incomoda e inquieta. Ao que nos propõe avançar para o que não conhecemos, o que nos deixa inseguros. Experimentar junto com os alunos também é válido, não é sinônimo de fraqueza, de falta de conhecimento. Reconhecer que não dominamos a linguagem cinematográfica, que podemos apreender e reaprender com ela, é um grande passo para o desvendar desses mundos que o cinema nos permite.

No entanto, não só nós, mas os alunos precisam ter esses espaços, essas experiências, serem ouvidos. Não é o professor quem vai moldar o aluno, é ele mesmo quem vai se moldando, com a orientação e não imposição do educador, do professor “passador”. O cinema como arte na escola pode contribuir conforme defende Bergala (2008) com a construção de um olhar mais humano, político, crítico e emancipador sobre o meio em que a escola e seus envolvidos estão inseridos.

E esse olhar mais humano, mais emancipador vão gerar uma melhor percepção do outro, de sua realidade, das condições do aluno e também da escola, dos professores e gestores colocando estudantes e docentes como sujeitos de uma teia de escolhas, propostas e desafios, em busca de uma formação adequada, de um aprendizado e desenvolvimento humanos que sejam desenvolvidos com solidez e igualdade

O referido autor em sua obra “Hipótese-cinema” enfatiza que para se ensinar, se passar uma arte é essencial, que se busque iniciar a partir da experiência, do que foi apreendido, sentido, tocado, não do saber, da cultura, não da ideia, da história do filme mais sim da experiência, é indispensável se experimentar (BERGALA, 2012)

É muito importante partir, primeiramente da experiência direta da travessia do filme. Isto é na experiência existe o saber. O fato de uma criança ver o filme, sobre o qual, por exemplo, ela não sabe nada. Nós não a preparamos para ver esse filme. Então ela entra no filme, atravessa o filme, e quando ela sai desse filme, ela tem uma inteligência do filme. Ela tem a maneira pela qual ela compreendeu o filme. A maneira pela qual se emocionou. A maneira como foi tocada pelo filme [...] Se quisermos iniciar jovens

ou crianças no cinema, é preciso sempre partir das suas experiências, da travessia do filme. Não se deve partir de ideias.

Verifica-se que o Campus Araguaína está um pouco longe dessa realidade, dessa ação de experienciar, de ser esse professor passador, que não induz a caminhada, mas que ensina a forma de realizá-la, que orienta a grandes descobertas, que, sobretudo, está disposto a aprender também com elas. Todavia, sabemos que não é nada fácil desenvolver esses saberes, essas experiências em que temos enraizado metodologias que não abrem espaço à participação dos alunos, que nos levam a responder e a agir pelos alunos, a definir o que eles sentiram ao ver um filme.

Mesmo não sendo fácil, é indispensável vencermos a tentação de julgarmos o que o aluno sente, ou sentiu, de criticar sua maneira de pensar, sem analisarmos o que o fez chegar naquela forma de compreensão. É primordial compreender a nós mesmos, mas também ao outro, para ao invés de nos transformarmos em um professor passador, nos tornarmos um professor ignorante “não porque não conheça o que ensina, mas porque ignora a desigualdade das inteligências e, em lugar de ensinar aos seus alunos seus saberes, possa orientá-los “para que eles se aventurem na selva das coisas e assim, depois poder dizer o que foi visto, que o verifiquem e façam verificar” (RANCIERE, 2010, p.18)

Faz-se necessário perseguirmos e estarmos determinados a conceber os saberes que ainda não dispomos, mas que nos fazem falta. Precisamos dizer a nós mesmos, “eu quero”, “eu preciso”, “eu realmente não sei disso ou daquilo”. Isso não é simples para quem tem a tarefa de educar, de ensinar, pois algumas vezes, acreditamos que já sabemos o suficiente, ou que determinada metodologia não pode ser inovada, ou que não temos necessidade de determinados conhecimentos. Precisamos reduzir essa distância que nos atropela, que impede nosso crescimento, visto que, a distância a ser abolida “não é aquela que existe entre quem sabe e quem ignora, mas é aquela que separa o que alguém já sabe do que ainda ignora, mas que pode aprender tal e como tem aprendido o resto das coisas, através da arte de traduzir, comparando o que já sabe com aquilo que quer aprender” (RANCIERE, 2010, p.17)

Ainda sobre a questão da Lei nº 13.600/14, e com vistas a uma maior compreensão do que os professores conseguem perceber a partir da implantação da lei nas escolas, fiz um questionamento a respeito da posição do docente frente a essa nova legislação, em que a referida Lei pode contribuir:

Penso que vai ajudar muito no conhecimento do aluno, para ele ter mais conhecimento da cultura do país dele, mas nessa questão de obrigar acho que não convém, mas é claro que isso iria facilitar mais o conhecimento do aluno, ele iria ter um conhecimento a mais sobre cultura, sobre os filmes que o país produz, iria valorizar o país. Mas eu

não sei o motivo de ser implantada a Lei. Por outro lado, se não colocar como obrigação não sai. Infelizmente, essa é a realidade. Mas com certeza que isso vai mudar muito a cabeça, porque a maioria de nós, assisti muitos mais filmes estrangeiros, outros tipos de filme, do que os próprios nacionais. Até mesmo porque os próprios filmes nacionais são muito voltados ao quesito sexualidade, alguns, mas claro que tem muitos filmes bons. Porém, tem outros que são muito vulgares, traz muito sexualidade. (Ana Paula)

Acho que o caminho é ao contrário. A gente saiu da licenciatura sem ter a mínima formação de como trabalhar com filme em sala. Na minha graduação não lembro de ter nenhum momento, acho que isso é uma lei que não vai pegar, devido os professores não terem habilidade em trabalhar com esse tipo de recurso, acho que deveria em primeiro momento incentivar, trabalhar esse tipo de questões dentro das licenciaturas, que depois já seria natural o professor abordar mais essa questão. O cinema ainda é pouco utilizado (Jonieron)

Acho importante. Dá para trabalhar de um modo geral com a coordenação pedagógica os problemas que estão ocorrendo na escola com os alunos de forma geral, violência, na família, falta de respeito com os pais, gravidez na adolescência. Acho muito importante ser tratado (Kerley)

Vai contribuir. Infelizmente, há coisas que se não for através de uma lei não funcionam. há coisas que só funcionam com imposição. Vai ser bom, porque o próprio professor vai ter que ter atenção de olhar de pesquisar. Na verdade, até o próprio professor, muitas vezes, não conhece o próprio cinema nacional. Nós temos uma cultura que o que é de fora é melhor e deixamos o que é nosso de lado. Então começa pelo próprio professor que terá de pesquisar, estudar mais sobre o próprio cinema nacional. Também é bom porque ainda é muito forte a nossa cultura no sentido de que o cinema só para passar o tempo, que a utilização de filme em sala de aula não vai auxiliar o aluno em nada, o que não concordo. Eu discordo desse pensamento, apesar de que o cinema nacional traz, muitas vezes, temas que envolvem violência, mas estão surgindo outros temas que dá para trabalhar muito bem, sobre a guerra da vacina no Rio de Janeiro tem um curta metragem , sobre a questão da farroupilha no Sul. Tem filme, tem novelas como “A casa das sete mulheres”. Há bastante coisa que dá para trabalhar. Às vezes, a pessoa pensa: “Ah, vou trabalhar algo diferente. É só na aula de língua portuguesa, mas não é isso, na aula de história, de geografia. (Marcio Palácios)

A lei é “massa”, porque ela propõe a discussão, já mexe, coloca o dedinho lá. Essa da literatura africana na sala de aula de 2003, antes, nem discussão se tinha, então devagarinho a gente vai. Não sei se não tivesse essa lei eu estaria fazendo isso, Provavelmente, nós não estaríamos tendo essa conversa. Então, a Lei não é estéril, então, temos pontos positivos (Hélio Márcio)

Pelas discussões dos professores, a implantação da Lei é importante, é algo que vai contribuir, incentivar as discussões sobre a temática, entretanto, isso gera certo desconforto, pois dentre outros, isso vai exigir um conhecimento a mais dos docentes, porque como já é consenso nas discussões, os próprios professores, em sua maioria, não conhecem o cinema nacional e nem sempre o veem de forma positiva.

Devido, muitas vezes, a própria inacessibilidade às grandes obras brasileiras e a toda uma valorização em cima do cinema americano, nossas “pérolas preciosas”, como bem afirmou o professor Hélio Márcio - ficam longe de uma grande parcela da população brasileira. Se muitos professores não conhecem importantes filmes brasileiros, tendem a criar uma população

de discentes que também não conhecem e também por isso não valorizam nosso próprio trabalho.

Acreditamos que a implantação da lei só tem a contribuir, muito embora, conforme já abordado pelo professor Jonierson, o ideal seria, esses conhecimentos já fazerem parte da formação dos professores, já estarem presentes nas grades curriculares, pois assim, seriam incorporados de forma natural. Todavia, muitas questões na educação e em tantos setores da nossa sociedade são mesmo contraditórias.

Sendo assim, como não temos como voltar atrás e consertar o que possivelmente poderia ter sido mais planejado, nos resta, buscar mecanismos que favoreçam ao desenvolvimento de ações, atitudes que venham contribuir com uma rica utilização do cinema em sala de aula, que vise despertar no alunado, novas maneiras de aprender, novos saberes que trarão novas e amplas visões, que permitam o desenvolvimento e uma formação mais intensa na esfera cultural, social, política e econômica.

Enquanto nós não buscarmos conhecer e assim divulgar nossa própria arte cinematográfica vamos estar sempre promovendo uma legião de pessoas que também terão sempre uma visão negativa do cinema nacional. Se acreditarmos que o cinema pode contribuir na formação, no ensino aprendido de nossos alunos, necessitamos provocar o gosto pelo que é nosso, ensinar a ver, a rica produção de que dispomos, como bem frisou o professor Hélio Márcio:

eu não gostava porque nós temos, na verdade, o gosto da gente moldado pelo mercado, digamos, assim, pelo mercado cinematográfico, Hollywood basicamente. Por exemplo, os filmes que o público médio gosta são filmes de ação com muitos efeitos especiais, porém eu comecei a assistir esses filmes e percebi que se a gente tirar os efeitos especiais não sobra quase nada e a gente tem muita dificuldade de gostar de filmes nacionais, muitos dos meus alunos não gostam, dizem: “Ah, professor esse filme é ruim demais”. Mas ele surpreende, a dinâmica do filme nacional é diferente dos filmes, porque você não tem os efeitos especiais de Hollywood, a estética é bem diferente, a proposta também, por exemplo, assistir um filme intitulado “Aspirina e os urubus” que é um filme pernambucano. E o filme é muito “massa”, porque narra a história de um alemão que veio para o Brasil vender aspirina após na segunda guerra mundial e ele compra um carro vai pro Rio de Janeiro e sai pelo Brasil inteiro. Ele é um representante de vendas. Na verdade, ele vem vender aspirina. Ele saiu do Rio de Janeiro e vem para o Nordeste. É o momento que a aspirina está tomando espaço no mundo. O filme gira em torno disso, mas o pano de fundo é a segunda guerra mundial. Tanto é que chega um momento em que vai ser procurado para ser deportado para Alemanha, pois a Alemanha perdeu a guerra. Isso é legal, porém se nós entendermos minimamente que a perspectiva do filme não é mostrar os carros explodindo, os efeitos especiais, não é isso. (Hélio Márcio)

Devido a toda essa massificação do cinema estrangeiro, muitos docentes não veem o cinema nacional como potente disseminador da cultura brasileira, não encontram questões

positivas do cinema na escola. Então, são indispensáveis ações que visem explorar o outro lado do cinema brasileiro, o lado cultural, sensibilizador, criativo. É também de suma importância que se criem mecanismos para uma ampla divulgação do rico repertório das produções nacionais, que elas estejam acessíveis às escolas e outras instituições que necessitarem, que não fique restrita a uma pequena parcela da população.

5.4 Cinema e conhecimento

É papel da escola juntamente com os professores promover oportunidades para a construção e ampliação de saberes. Dentre os diversos recursos que podem ser utilizados para que ocorra o processo de apreender, de criar, de inovar, está o cinema, o vídeo, o audiovisual como um todo. Entretanto, em muitas escolas, ele ainda é usado, de forma esporádica, apenas como forma de ilustrar um conteúdo, como maneira de manter os alunos em sala na falta de algum professor.

Porém, muitos autores comprovam que na atualidade o cinema se apresenta com muitas e variadas possibilidades para aqueles que se lançam as suas descobertas. Mas, tudo normalmente que é novo assusta, gera dúvidas, incertezas, inseguranças, ainda mais se tratando de uma instituição escolar, onde as regras, a ordem, o cumprimento de ementas, se fazem superior a outras ações, que deveriam ser tão importantes quanto às regras, às normas, as diretrizes. É uma corrida para fechar os 200 (duzentos) dias letivos, para concluir tudo que está estabelecido nas ementas. Qualquer acontecimento que fuja um pouco a esse padrão causa estranheza, receio:

O Cinema na escola se apresenta como um desafio para a educação escolar, dentre outras razões, por que essa se tornou, em grande parte, uma atividade burocrática, sufocada pelo cumprimento de metas que só leva em conta conteúdos disciplinares e habilidades básicas. O desafio está em mobilizar energias individuais e coletivas para realizar uma alternativa esse modelo. (RAMOS E TEIXEIRA, 2010)

Então, desenvolver o cinema em sala de aula, buscando usufruir o melhor possível das suas vantagens se tornou um desafio, em alguns momentos, uma dificuldade, mesmo porque na maioria das escolas, era usado apenas como entretenimento, um passatempo. Não havia um estudo, um planejamento, uma preocupação com a aprendizagem que poderia ser desenvolvida a partir de atividades com a linguagem cinematográfica, com as imagens, os sons, o ritmo que o cinema agora vinha destacando.

A forma como o cinema se apresenta, ou busca se apresentar nessa nova fase, que seria o momento em que busca compreender, interpretar, estudar o que está proposto nas imagens,

exige novos conhecimentos, novos saberes e experiências, que, muitas vezes, o docente não está preparado, pois esse novo cinema que busca destaque, que avança, que atrai, que seduz é o cinema como arte, não mais o cinema apenas como recurso didático e isso muda muito a maneira de ver, compreender, interpretar o cinema. Então é grande a responsabilidade das escolas, dos professores em viabilizar esses espaços, esses momentos, visto que, muitos desses alunos, desses jovens, talvez não tenham outras oportunidades, em muitos casos a escola é o único local onde esses estudantes terão esse contato, esse encontro, a possibilidade da experiência com a arte. Concordamos com Ramos e Teixeira que enfatizam que os professores devem assumir essa iniciativa nas escolas:

A insistência em organizar momentos em que os sujeitos da escola possam viver a experiência do encontro com a arte é uma das iniciativas mais necessárias que os professores devem assumir no ambiente escolar. Se esse tipo de preocupação e realização não ocorre com frequência na escola, se torna apenas um evento esporádico, os docentes não serão capazes de interferir com sucesso na formação dos espectadores, estarão faltando com seus compromissos com a educação do olhar, cada vez mais necessárias nas sociedades imagéticas. (RAMOS, TEIXEIRA, 2010, p.12)

No entanto, assumir essa responsabilidade significa entre outros, estar aberto para o novo, assumir suas dificuldades e dúvidas, buscar materiais, meios pelos quais poderão enriquecer seus conhecimentos, poderão experienciar essa nova forma de ver o cinema, de trabalhar as imagens. Mas, não é simples, não é da noite para o dia que se consegue adquirir tais saberes, tais compreensões. Em nossas escolas estamos habituados a seguir, a ver todo um padrão no direcionamento do ensino-aprendizagem, toda uma ordem. Entretanto, o cinema é encarado como um desafio, entre outros, porque de certa forma, vem romper com essa dita ordem, com o tradicionalismo pedagógico que ainda impera na maioria das escolas. Mas como nos orienta Bergala:

Talvez fosse preciso começar a pensar – mas não é fácil do ponto de vista pedagógico – o filme não como objeto, mas como marca de um processo criativo e o cinema como arte. Pensar o filme como a marca de um gesto de criação, não como objeto de leitura, decodificável, mas cada plano, como a pincelada de um pintor, pela qual se pode compreender um pouco seu processo de criação (BERGALA, 2008, p. 33)

Todavia, como o próprio Bergala já enfatizou, do ponto de vista pedagógico, não é fácil os professores assumirem essas novas propostas de se trabalhar, de se ver o cinema, por que trazer o cinema para dentro da escola, significa ir de encontro ao que já está estabelecido, ao que já está instituído, ao que já é conhecido, pois “o cinema provoca o devir da escola, prevê uma ‘outra escola’[...] o cinema inclina a escola para frente, para trás, para os lados, ele a deixa de ‘pernas para o ar’ mais de uma vez, basicamente, ele a desestabiliza” (FRESQUET, 2013, p.62)

Acredito que desordenar o que já está em ordem é algo que não agrada a maior parte das pessoas, principalmente na instituição denominada escola, porque essa desordem significa descontrole, significa sair do padrão, do que já está instituído, do que está sob controle e o que pode significar uma arte dentro da escola? Como bem afirma Bergala, (2008, p.30) “a arte é por definição um elemento perturbador dentro da escola” e em seguida ainda complementa “para que uma arte possa ser considerada como tal, deve seguir sendo um gérmen de anarquia, escândalo e desordem”

Desenvolver essa outra escola, essa outra visão do cinema, não é fácil e certamente é bem complicado na medida em que uns dos elementos principais nesse processo, que são os docentes, muitas vezes, já criam mais barreiras para seu desenvolvimento, pois o fato de desconhecer essa nova forma de se trabalhar o cinema na escola, já é uma barreira. Quando não estamos interessados em mudar nossas próprias práticas pedagógicas, já criamos outras dificuldades para o avanço das mudanças.

Essas barreiras que são erguidas pelos próprios educadores advêm de uma falta de intimidade com as teorias da imagem e do audiovisual. É muito mais fácil simplesmente utilizar as imagens, o cinema como mero recurso didático. Porém, dessa forma estaremos subvertendo o potencial do cinema enquanto arte na escola.

A nova escola deve combater o tradicionalismo pedagógico que incentiva ao desenvolvimento de estudantes passivos, acomodados. Deve ao contrário buscar formar também por meio do cinema estudantes reflexivos, críticos, que não busquem apenas compreender o sentido, as ideias contidas no filme, precisam ir além do que está exposto nas películas, ir além do que está representado. Para isso, eles precisam desenvolver suas próprias percepções, suas próprias convicções, porém é fundamental “dar liberdade para que possa pensar e concluir por si mesmo”. (SGANZERLA, 2001, p.31)

Essa nova escola dentre outras questões, segundo Bergala (2008) deve promover o encontro dos estudantes com os filmes que pertençam ao cinema entendido como arte. Deve incentivar que os professores deixem ser meros transmissores de conteúdo para serem mediadores da construção dos conhecimentos em seus alunos. Outra questão relevante é proporcionar ambiente onde os professores e alunos tenham contatos constantes com os filmes, onde os debates, as discussões, as análises fílmicas sejam cada vez mais presentes.

Para Miranda (2010), além das questões elencadas acima, é também primordial que se crie laços entre os filmes, pois essa combinação de imagens gera significados que não estão abarcados nas imagens. É muito mais que apenas analisar significados linguísticos. Nessa ação, professores e alunos devem construir juntos os processos de significações. Na geração desses

processos de significações se faz necessário, sobretudo um “um educador que problematize nossa relação frente as provocações dos textos audiovisuais” (BRAGANÇA, 2015, p.75)

Todas essas questões não tornam nem fáceis, nem simples a inserção do cinema na sala de aula. No entanto os professores podem e devem se apropriar dessa nova realidade do processo educacional, visando criar condições para utilizar o cinema na concepção de Bergala (2008) e Fresquet (2013) “como trabalho de reflexão, como fundamento estético, como ação política e como um meio potencializador de outros olhares, sensibilizações e criações que pensem a relação entre cinema, educação e a realidade que envolvem estudantes e escola”

Estamos vivendo numa sociedade imagética, como bem aponta Bergala, e disso não tem como fugir. As imagens nos mais diferentes formatos estão em todos os lugares, provocando grandes significações, sensações. O que podemos fazer é nos preparar para lidar com esse novo enfoque, pois somos todos da geração alfabética, não fomos preparados para o ambiente das imagens, como bem esclarece Kenski (1996, p. 132)

[...] somos todos da geração alfabética – a da aprendizagem por meio do texto escrito, da leitura do livro, do artigo. Somos analfabetos para a leitura das imagens, dos sons [...] Nossa alfabetização é parcial e não total [...] Sabemos ler apenas os textos e não imagens, sons, movimentos.

Acreditamos que reconhecer que não temos a gama de saberes necessários para essas novas exigências do cenário educacional, já é um passo muito positivo. Estar dispostos a repensar nossas práticas pedagógicas, para melhor contribuir na aprendizagem, na formação cultural e social dessas novas gerações é fundamental para o desenvolvimento desses saberes, para o nosso próprio crescimento pessoal e profissional.

A expansão cada vez maior das tecnologias da informação e o acesso facilitado despertou o interesse cada vez mais acentuado das crianças e adolescentes por esse tipo de recurso, pelas mídias, pela atração das imagens. Então, quem está no meio educacional, deve estar preparado, ou se preparando para saber lidar com essas novas ferramentas.

Os estudos sobre as mídias audiovisuais estão se tornando cada vez mais presentes e estão em crescimento acelerado. Em alguns locais já se encontra em processo o estudo do conceito de “alfabetização audiovisual” como na UFSM, onde o grupo de pesquisa GEPEIS, já iniciou as discussões e ações práticas a esse respeito. Nesses estudos, fica claro que assim como é necessária uma alfabetização para a leitura e para a escrita, se faz também importante uma alfabetização para as mídias, as imagens em movimento, como bem salienta a autora:

quando iniciamos o PAA (Programa de Alfabetização Audiovisual), com a finalidade de articular o diálogo entre o audiovisual e a escola pública, a expressão alfabetização audiovisual nos pareceu a mais apropriada, pois era isto que efetivamente, queríamos

que o audiovisual como produção cultural característica da atualidade, encontra-se na escola, um lugar para ser reconhecido, compreendido e problematizado em sua potência como difusor, sistematizador e criador de conhecimentos (BARBOSA, 2014, p.249)

Então, é importante nos alfabetizarmos para a sociedade imagética que se impõe a cada dia, que atrai um gigantesco número de pessoas, em todos os lugares. Não podemos e nem devemos ficar na plateia assistindo essa cena, temos que fazer parte desse grande e imprevisível espetáculo da vida. Mas, para sairmos da plateia, participarmos do espetáculo, temos que ter os saberes necessários, que nos farão ir além do que vemos nas imagens, pois como bem orienta Barbosa (2014, p.249) “apenas o acesso às mídias e aos seus conteúdos e o domínio da técnica sem a reflexão sobre a linguagem audiovisual, o resultado é empobrecedor para o usuário.”

Sendo assim, apreender cada vez mais sobre esse elemento que faz parte da cultura na contemporaneidade é primordial, pois esse universo de imagens e símbolos estão a todo o momento ao nosso redor. E o que podemos aprender por meio das imagens, principalmente as imagens em movimento poderão influenciar nossa maneira de pensar, de agir, nos levam a refletir sobre nossas próprias atitudes, nossa subjetividade.

As imagens não apenas nos rodeiam, também nos configuram, não só as interpretamos, mas as construímos, as criamos. Por isso, formam parte do processo cultural, constituem nosso universo simbólico e, nesse sentido, formam parte de nossa realidade interna, de nossa subjetividade (ARDERVOL, MUNTANOLA, 2004, p.13)

Mesmo que às vezes não seja de nosso agrado admitir, estamos imersos nessa sociedade imagética. Às vezes, podemos tentar fechar os olhos e continuar apenas utilizando as tradicionais formas pedagógicas de ensino, mas, se pararmos para observar por algum tempo, veremos que as novas gerações estão a todo o momento utilizando dessas mídias. Seus gostos já estão sendo formados a partir do que elas têm contato no seu cotidiano.

Na contemporaneidade, as crianças e jovens, formam seus gostos a partir das vivências que realizam socialmente, muitas delas massificadas, pois são oferecidas em doses cotidianas, servidas regularmente por uma sociedade de consumo. Não queremos ou não mais podemos desconsiderar essa inserção precoce num mundo colonizado por imagens e sons globalizados (BARBOSA, 2014, p. 253)

Nesse ponto a escola não pode se manter alheia, na plateia, apenas vendo, observando, tem que agir. Mas também não deve ir de encontro a essa nova forma de linguagem, de expressão, deve ir para o encontro, promover esse encontro, traçando propósitos, objetivos que irão proporcionar os conhecimentos necessários, que irão nos tirar do analfabetismo audiovisual.

É na prática diária com participação em estudos, discussões, debates, análises fílmicas, eventos, que podemos construir grandes conhecimentos sobre as imagens em movimento, sobre cinema, sobre diversificados assuntos. Sem essa prática constante, se torna inviável o desenvolvimento ainda que tímido de algum avanço que potencialize essa formação, esse aprendizado. Porém, temos que estar cientes que nenhuma construção de aprendizagens se dá da noite para o dia, mas é vital iniciarmos esse trabalho na escola e o tornarmos ininterrupto. São os permanentes exercícios fílmicos, os debates, as discussões que vão aflorar e potencializar as relações sociais, tão essenciais na construção dos saberes.

[...] assistir a um filme é estar ininterruptamente deduzindo, [...] pois na condição de expectadores, sempre somos levados a criar imagens, a partir das imagens vistas, como se o ato de ver filmes fosse uma conversa de imagens em nossa mente”. E, na escola, são essas conversas que potencializam relações e plantam sementes com o objetivo de uma germinação que signifique momentos para toda a vida. (MIRANDA, 2010, p.45),

Faz-se também relevante que os professores tomem a iniciativa de contribuir na formação dos gostos dos alunos. Está tudo facilitado no momento, porém, não podemos permitir que os filmes sejam vistos apenas por se encontrarem disponíveis, porque são os mais ofertados. É também dever da escola, disponibilizar outros filmes, que são de difícil acesso, que circulam em ambientes restritos, como nas universidades, aos nossos estudantes da educação básica, para que eles tomem conhecimento dessa outra realidade, para que seus gostos sejam formados por diversas bases e não em grande parte pela indústria americana de filmes.

Para isso, a escola deve promover meios, se empenhar, incentivar a prática de atividades capazes de colaborar na ampliação dos saberes de nossos professores e conseqüentemente de nossos estudantes e um dos grandes aliados nesse momento pode ser os cursos de formação continuada, as oficinas, os encontros, os projetos que desenvolvam a temática, pois está claro em diversos estudos que o cinema como arte, pode contribuir na ampliação, no enriquecimento cultural e social das pessoas, pode ser um potente elemento na formação social dos indivíduos, um elemento socializador, pois assim como a música e tantas outras artes, despertam a sensibilidade das pessoas, a emoção. Com ele é também possível desenvolver a estética dos alunos.

É importante que o cinema esteja presente na escola também por ser um dos mais potentes acionadores do nosso imaginário e quanto já aprendemos, já criamos guiados pela nossa imaginação, pelo que estava somente no nosso imaginário? O homem é um ser de

histórias e precisa das imagens para contar suas histórias, suas vivências e experiências, também precisa da realidade tanto quanto precisa da ficção, pois isso tudo o compõe.

Muito do que vemos no cinema é fruto da imaginação do homem, na verdade, é uma mistura de realidade e fantasia. Logo, o cinema é um dispositivo que influencia o homem a criar, inovar, inventar, experimentar e as nossas crianças, nossos jovens, todos nós, precisamos vivenciar esses momentos, partilhar dessas experiências, para desenvolvermos nosso potencial criador, pois “a atividade criadora faz do homem um ser projetado para o futuro, enquanto modifica seu presente” (FRESQUET, 2013, p.32).

Então nossa imaginação necessita dispor de momentos propícios e o cinema é um desses locais privilegiados, onde temos a liberdade de imaginar, de viajar, sonhar, mas não é somente no cinema que isso pode acontecer, na escola também, podemos criar um ambiente favorável, pois como defende Fresquet (2013, p.33) “tanto no cinema, como na escola, somos colocados diante da possibilidade de reproduzir ou de inventar”

Essa inventividade é primordial no desenvolvimento dos saberes formativos das pessoas, por isso é relevante que propiciemos esses momentos nas escolas, nas relações sociais, pois é grande a potência formativa do cinema tanto para os estudantes, quanto para os professores, principalmente aqueles que não tiveram a experiência do cinema como arte em sua formação. Por meio do cinema conhecemos aspectos vitais da nossa própria realidade e nas aprendizagens promovidas pelas reflexões que fazemos podemos modificar nosso ambiente. Concordamos com Vasconcellos (2014, p. 409) que salienta “É como arte que se pretende olhar o cinema dentro da escola, no sentido de percebê-lo como uma necessidade, porque auxilia na compreensão da realidade e na transformação desta, por meio da magia, do imaginário que o envolve.”

5.4.1 O cinema como espaço socializador e de produção de significados

É inegável que o cinema contribui na formação das pessoas, amplia seus conhecimentos sociais e culturais. Há muitas experiências, histórias, conhecimentos que passamos a ter por meio do cinema. A expansão da tecnologia da informação e das comunicações e consequentemente das mídias sociais, proporcionou e continua a promover em escala crescente, o acesso facilitado às mídias e entre essas o cinema. O cinema tem um relevante papel social, mas que necessita ser desenvolvido, ser conhecido, ser reconhecido.

As experiências culturais com o cinema podem contribuir sobremaneira no desenvolvimento das práticas sociais, tão importantes em nossas vidas, tão essenciais no convívio em sociedade. O ser humano é um ser social, depende das relações estabelecidas nos grupos sociais, aprendemos com as experiências alheias, com as vivências do outro. Concordo com Duarte quando diz:

Ir ao cinema, gostar de determinadas cinematografias, desenvolver os recursos necessários para apreciar os mais diferentes tipos de filmes etc., longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação das pessoas e contribui para distingui-las socialmente. Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais (DUARTE, 2009, p.14)

Pela grande relevância das relações sociais, dos instrumentos que proporcionem seu desenvolvimento, seu enriquecimento, seu fortalecimento é que o cinema também é elemento de grande importância nas sociedades imagéticas, pois é um espaço favorável a produção de relações de sociabilidade e nós dependemos dessas relações, somos seres sociais. O ser humano carece também das relações sociais uma vez que elas são também responsáveis pela formação de identidades sociais, elas nos permitem compreender saberes e concepções de mundos distintos.

O mundo do cinema é um espaço privilegiado de produção de relações de 'sociabilidade', no sentido que Simmel dá ao termo, ou seja, forma autônoma ou lúdica de "socialização", possibilidade de interação plena entre desiguais, em função de valores, interesses e objetivos comuns. (DUARTE, 2009, p.16)

A educação desenvolvida nas escolas é, sem dúvida, de grande importância entre outras porque também é compreendida como uma das formas de socialização. Nessa interação com o meio e como os agentes sociais é que ocorrem as grandes aprendizagens, as relevantes transformações no indivíduo e por consequência na sociedade. Precisamos valorizar essas relações, pois estão carregadas de significações, de sensações que irão impulsionar as mudanças necessárias, as verdadeiras formações sejam nos professores, sejam nos alunos.

A vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico..., a vida cotidiana não pode ser desvinculada da história, pois é no cotidiano que surgem as grandes decisões, as ações importantes se processam nessa esfera, é a matriz primeira do processo de produção do saber" (HELLER, 1992, p.20)

Podemos por meio do cinema potencializar essas aprendizagens, essas formações, fomentar a produção de conhecimentos, criando espaços dentro da escola onde cada um seja visto como parte do processo que vai culminar no desenvolvimento da formação de todos, onde

cada um possa dar sua contribuição, sem se sentir menor, inferior, onde haja uma relação de igualdade entre quem ensina e quem aprende.

As diferentes formas de abordar o cinema podem culminar em inúmeros e diferentes métodos, caminhos, compreensões, sensibilizações e criações dentro da escola. Cada estudante tem um lugar e um afeto específico pelo meio em que vive. Cada um ocupa um espaço territorializado, por diferentes travessias, construindo uma ampla e potente e complexa enciclopédia de saberes pessoais. (SOUZA, 2015, p.53)

E o que nossos professores do Campus Araguaína, consideram relevantes na utilização do cinema como elemento ampliador de repertórios. Será que ele pode realmente contribuir de alguma maneira na formação das pessoas? Vejamos quais os posicionamentos dos nossos colaboradores mediante a temática.

Ah, pode sim, porque é mais uma informação para o aluno, para pessoa. Quando você sabe da cultura que você vive, você assistiu filmes, você com certeza vai ter um aprendizado melhor do mundo que você está. Então basicamente isso, tudo que te ajuda na questão, na formação, são meios que trazem para você adquirir um conhecimento melhor é positivo, então o vídeo é isso, cinema é isso. São informações que você vai conseguir ter que ninguém vai poder tirar da sua cabeça. A partir deles você vai conseguir ter mais informações sobre tudo que está a sua volta, filmes, documentários. (Ana Paula)

Quando a professora Ana Paula diz “são informações que você vai conseguir ter que ninguém vai poder tirar da sua cabeça”, ela nos confirma que o que aprendemos passa a fazer parte de nós, parte dos que nos tornamos como pessoas e esses acontecimentos, essas vivências, esses atravessamentos vão nos moldando, vão formando as concepções que passamos a ter de tudo que está a nossa volta e que de fato não sairão mais da nossa cabeça por que estarão internalizados em nós, como salienta Duarte.

Certamente muitas das concepções veiculadas em nossa cultura acerca do amor romântico, da fidelidade conjugal, da sexualidade ou do ideal de família têm como referência significações que emergem das significações construídas entre espectadores e filmes (DUARTE, 2009, p. 18)

Essas significações construídas, sejam elas profissionais ou afetivas, são o que vão influenciar nossas decisões, nossas atitudes, por isso são importantes. A cada momento, a cada aprendizado, a cada experiência nós mudamos um pouco, nós revemos conceitos, ações, ressignificamos nosso viver.

Por outro lado, por sermos seres em constantes transformações, o que sabíamos ontem já não é capaz de suprir as necessidades do que precisamos saber no hoje, então aquilo que por vezes já estava enraizado em nossa cabeça, necessitará ser repensado e conseqüentemente ser renovado. Nesse processo com o meio, com os outros, mesmo sem percebermos, já não somos os mesmos, algo foi assimilado por nós, nos transformando, nos renovando.

Vejamos mais depoimentos expressando o cinema na produção de saberes:

Com certeza, porque o cinema tem esse viés de poder abordar diversos conteúdos, de poder retratar diversas situações, de coisas que você vai viver e talvez nunca possa conhecer realidades distintas da sua que você vive no dia-a-dia, não deixa de ter essa riqueza de conhecimentos que você pode adquirir por meio do cinema. (Jonieron)

Contribui porque as pessoas quando passam a assistir muitos filmes, elas passam a ter outras percepções, porque o nosso olho já é direcionado para aquilo que nós queremos ver. Às vezes, nós passamos por algo e nem vê, porque aquilo não é do nosso interesse. A partir do momento que você para e ver um filme, você vê o que as pessoas estão mostrando é um momento de abertura na sua visão, passa a ver outras coisas que você não via no seu cotidiano. O cinema seria então um elemento que contribui no sentido de ampliar a visão do aluno. (Kerley)

Ampliar a visão do aluno ou do expectador é uma das possibilidades de aprendizado que se pode ter por meio do cinema. A partir da nossa experiência com os filmes adquirimos outro olhar, outras percepções, muitas vezes, nós nos vemos no outro, experimentamos sensações vividas pelo personagem, mesmo que estejamos do lá de cá da tela. Choramos, sorrimos, frustramo-nos, como se aquilo fosse real e estivesse ocorrendo conosco. Essas experiências, essas sensações fazem refletir sobre nós mesmos.

Nada nos autoriza a afirmar que os filmes impõem significados ou interpretações aos seus espectadores. Alguns até tentam fazê-lo. Contudo por mais direcionada que seja a organização dos sistemas significadores dessa linguagem, por mais ideológicas que sejam suas convenções, sempre haverá um sujeito pensante do lado de cá da tela, dialogando com elas. Um espectador que vê e interpreta aquelas imagens a partir de suas experiências de vida, de suas experiências com o cinema e dos valores, crenças e práticas da(s) cultura(s) em que ele está imerso. (DUARTE, 2009, p.64)

De fato, a sétima arte nos impulsiona, desperta, nos faz sair do lugar onde estamos. Permite-nos viajar para o passado e para o futuro. Somos atraídos pelo poder de atração das imagens em movimento, e é por isso que precisamos saber não somente ver, mas também interpretar essas imagens utilizá-las para a construção de saberes seja em nós, seja nas novas gerações. Por isso, os professores podem intervir para que nossos jovens não se tornem alienados da situação político-social e cultural que vivem nem tão pouco aceitem passivamente tudo que lhe é imposto.

O professor Hélio Márcio também concorda que o cinema pode contribuir na formação cultural e intelectual das pessoas, que ele pode ser um grande aliado para o conhecimento de várias realidades. Em seu depoimento ele dá vários exemplos de filmes, documentários, ricas aprendizagens desenvolvidas por seu intermédio. O referido professor consegue envolver o

olhar do aluno para outras áreas como a música, a literatura, sem abrir mão de utilizar o cinema em sala de aula.

Acredito que isso seja fruto de uma certa dedicação, de professor passador, como diz Bergala (2008), um professor dedicado, quase sempre exerce influência em seus alunos, busca ir mais além, mas a paixão pelas suas ações, pelas suas práticas pedagógicas, não faz parte de suas obrigações “ e não raro pode até ser criticada, até mesmo pela influência exercida sobre os estudantes ” (SOUZA, 2015, p. 48)

Porém, o que nós precisamos também são professores estudiosos, comprometidos, decididos, ousados, que compreendam seu rico papel, que se sintam empolgados perante os desafios, que percebam o quanto sua responsabilidade frente a formação das pessoas em geral é extremamente relevante, é por meio da docência que serão realizados o transito dos conceitos cotidianos para os da ciência, pois ensinar não é transmitir conteúdos, é muito mais que isso, “ ensinar é reconstruir aprendizagens” (MARQUES, 1995. p.118)

Vejamos o que o professor Hélio Marcio destacou sobre a produção de saberes por meio do cinema:

Com certeza, muito. Por exemplo, muitas coisas que nós conhecemos é através do cinema, por exemplo, o filme de Woody Allen é “massa”, “Meia noite em Paris”. Então, nós acabamos conhecendo pedaços de Paris, Ruas, o Museu do Louvre, através do personagem, por exemplo, dessa “Meia noite em Paris”. Esse cara toma “umas” e sai na rua e encontra com escritores antigos. São vários escritores famosos que esqueci agora, que ele encontra, mas enfim, todo dia meia noite, quando ele sai tem um ponto X que ele encontra esses caras. Nós vamos conhecendo escritores muito famosos, artistas plásticos através do cinema. O personagem pergunta: “Quem é você? Ah, eu sou Hemingway? Nossa! não acredito você que escreveu o livro... É você?. Ah eu sou o artista fulano de tal! Sério?..”. Então, eu conheci muita coisa através do cinema. Então, o cinema se torna um mediador. Ontem mesmo assisti um documentário me parece sobre os 10 anos das cotas raciais na UNB. Eu assistindo lá, quem era contra e quem era a favor, os problemas que surgiram, as soluções. No final, apareceu uma música que eu não conhecia ‘O sorriso negro’ do “Fundo de quintal”, e essa música não sai da minha cabeça mais. É muito linda. A música diz assim: “ um sorriso negro, um abraço negro, traz felicidade...”. A música positiva a imagem do negro. Eu não conhecia, achava o fundo de quintal muito palha, eu dizia: É samba? Não gosto não. Mas quando ouvi a música fui atrás, muito “massa”. Então, se não fosse isso, não teria o contato que tive com a música. Eu achava o samba ruim, chato. Outra coisa, existe aquilo que é legitimado, por exemplo, o gosto é legitimado, todo mundo tem que gostar, por exemplo, você diz: eu gosto demais de Machado de Assis. Aí numa roda de amigos, eu gosto de mais de Machado de Assis, de Castro Alves, do Álvares de Azevedo, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, cita uma série de coisas. Aí se você fala, eu gosto de lê Paulo Coelho. Todo mundo. “Ah como assim? Você não pode gostar de Paulo Coelho, porque Paulo Coelho é livro de auto-ajuda. Ah !eu gosto de ler Augusto Curi, o Içami Tiba, não, mas você não pode, dependendo do autor que você gosta de ler, seu filme, você se queima com os amigos, os ditos intelectuais. Socialmente, os gostos das pessoas, vai sendo amestrado para gostar de mais de uma coisa x não de uma y. Mas, tem os casos de preconceito também, por exemplo,” não gosto de sertanejo universitário”. A ideia que a gente tem é de que quem gosta de sertanejo universitário é um idiota, só pode ser um idiota- não necessariamente. Sei

que estou errado, mas mesmo assim, continuo acreditando que quem gosta de sertanejo universitário é um idiota. No caso eu tomo eu como referência, se você, por exemplo, gosta de funk, “ah, quem gosta de funk é um alienado, tem que gostar de Sebastian Bach, de ouvir Beethoven, ah mais eu não gosto (Hélio Márcio)

Com base nos relatos de nossos colaboradores, nos estudos e descobertas de grandes estudiosos da área, nas pesquisas desenvolvidas em conceituadas instituições educacionais, pelas vivências proporcionadas também por essa pesquisa, defendemos que o universo do cinema pode contribuir na formação das pessoas, de modo geral, para o desenvolvimento da ético-estética dos alunos, para o exercício da alteridade, para ampliação da nossa visão de mundo e tantas outras possibilidades que podem ser desenvolvidas, por meio da sétima arte.

O uso do cinema em sala de aula pode fomentar o exercício da alteridade também pela nova relação que propicia, uma vez que descentraliza o papel do professor, não é mais o professor estando a frente dos alunos para uma explicação, o foco muda, todos ficam de frente para a tela, professores e alunos, todos buscando no mesmo nível, compreender as abordagens da película, criando uma relação de igualdade.

O desenvolvimento da alteridade se tornou algo essencial na sociedade, uma vez que respeitar cada um com suas diferenças, dando-lhes as mesmas oportunidades, é uma forma de fomentar a justiça social, de compreender que todos sempre têm algo a contribuir, que a soma de todos os saberes, gera novos e mais ricos saberes. Não é somente o professor que detém todo o conhecimento, todas as pessoas, detém algum tipo de conhecimento, que juntos proporcionarão o desenvolvimento da humanidade nos mais diversos níveis.

Vale ressaltar também que um elemento que proporcione o desenvolvimento da ética-estética, seja nos alunos, seja nos professores é elemento de extrema relevância na formação social e cultural das pessoas.

Somos movidos pelo que há de mais intenso no nosso íntimo, e o cinema nos projeta para dentro de nós mesmos, é capaz de nos impulsionar a nos vermos no outro. Além de representar a vida, a arte cinematográfica dá forma às inquietações, e aos desejos íntimos da alma humana. Quando estamos diante de uma película somos envolvidos em um emaranhado de imagens e sons que atingem nossa alma e afetam diretamente nossas paixões, frustrações, perturbações e emoções.

Momento estético em que um objeto artística e tecnicamente produzido vai ao encontro do imaginário do espectador, relacionar-se intimamente com seus desejos, ressentimentos, vontades, ilusões, raivas, prazeres, traumas, vivências, e sobre o qual teremos nossa objetividade restituída após o término da projeção. Só então discutimos e falamos sobre ele, como memória, inextricavelmente ligado á nossa história, à história do mundo em que vivemos, a história do cinema (ALMEIDA, 2001, p.41)

Mas também não podemos e nem devemos considerar que por intermédio do cinema, resolveremos os grandes problemas do cenário educacional, nem tão pouco as grandes crises políticas, econômicas e sociais da humanidade, mas também, não podemos deixar de ver que não existe neutralidade nas produções cinematográficas, ao contrário, elas estão carregadas, de situações reais, isso nos leva a termos condições de refletir quando da formação de professores e alunos, sobre os aspectos políticos, estéticos e pedagógicos envolvidos no processo de produção da sétima arte.

6 QUANTO MAIS APRENDEMOS, MAIS NOS CERTIFICAMOS QUE TEMOS MUITO A APREENDER.

Considero que essa parte do trabalho é de extrema importância, não somente para mim como pesquisadora, mas para nossos colaboradores da pesquisa, uma vez que aqui, são apresentados os resultados do referido estudo. Mesmo não sendo professora, mas, por meio desse estudo, pude compreender mais ainda o quanto é grande a responsabilidade da classe docente no que tange à formação das pessoas em geral, o quanto se faz necessário uma pedagogia emancipadora. Mas, em determinados momentos, os próprios professores estão tão acorrentados às tradicionais práticas pedagógicas e ao sistema que lhes é imposto, que eles próprios precisam se libertar, desaprender o que aprenderam e reaprender com as novas exigências da sociedade contemporânea.

Envolvida com diversas teorias, um mundo de informações sobre o cinema e a educação que não conhecia, certamente, fizeram-me olhar com outros olhos para essa temática que, no início dessa dissertação, não parecia tanto instigante quanto está parecendo agora. Antes, considerava a exibição de filmes em sala de aula uma forma de diversão, algo sem relevância, usado para distrair o aluno quando da ausência de um professor, ou mesmo o professor estando em sala, mas como uma maneira dele realizar outras tarefas enquanto os alunos assistem ao filme.

No entanto, depois de várias leituras, pesquisas, estudo das muitas aprendizagens, proporcionadas por tudo que vivi na caminhada dessa escrita, vi que estava enganada, pois o cinema pode sim contribuir e muito na formação social e cultural das pessoas, que ele é sim capaz de ampliar nossos saberes, de nos fazer ver outras possibilidades, de nos mostrar outro mundo dentro do nosso próprio mundo.

Os estudos proporcionaram-me conhecer um pouco mais o universo docente, de como apesar de tantas transformações na sociedade, nossos professores, muitas vezes, encontram-se prisioneiros do tradicionalismo pedagógico, de uma ementa, de um plano de curso, de um sistema que oprime, desvaloriza a educação, desmotiva. Mas, os saberes, a condução de todo processo educacional, em sala de aula, ainda é responsabilidade do professor. Ele tem papel privilegiado em formar para a igualdade social, para uma mudança de posicionamento, de impulsionar para além dos condicionantes. Mas, eles precisam estar mais conscientes disso.

Porém, mesmo com suas limitações, suas dificuldades pessoais e profissionais, aos poucos estão inserindo o cinema na sala de aula, no *Campus* Araguaína, ainda que em determinado momento não seja da forma como este dispositivo vem sendo trabalhado em

muitas instituições de ensino, ou seja, o cinema que faz pensar, o cinema como arte, o cinema nas perspectivas ética e estética, pois muitos professores ainda o utilizam mais como um ilustrador de conteúdo, como recurso didático-escolar, e com isso, fica relegado a segundo plano seu potencial como arte.

A questão da alteridade, de eu tratar meu aluno em um nível de igualdade, ignorando as distâncias dos conhecimentos dos estudantes e docentes, é algo que quase ainda não se vê nas ações dos professores do *Campus*. É necessário repensar novas concepções, pois nossos alunos, ainda que sejam em sua maioria adolescentes, têm um grande nível de conhecimento que precisa ser trabalhado, desenvolvido. Em termos mesmo de utilização das novas mídias, muitos alunos demonstram que entendem bem mais que alguns professores, e isso também deve ser usado de forma a ampliar o conhecimento de ambos, todos precisamos apreender algo.

Por meio dos relatos dos entrevistados, existe uma forte tendência em explicar o filme antes mesmo de exibi-lo à turma ou de propor atividades que façam com que os alunos já tenham o olhar direcionado para determinadas questões, criando uma espécie de “camisa de força”, como bem definiu um professor. Acredito ser de grande relevância repensarmos esses tipos de práticas, pois eles vão de encontro ao que defendemos, na medida em que, o nosso discurso é formar alunos mais criativos, mais críticos, mais atuantes. Mas, não deixamos, muitas vezes, eles pensarem, podendo a capacidade de entrar em contato direto com aquilo a ser apreendido, quando já explicamos e sintetizamos a nossa compreensão daquele filme, daquela atividade. Talvez, seja essa, uma das grandes aprendizagens que o cinema possa trazer à educação e, mais especialmente, à formação de professores - é preciso desaprender a ser docente - aquele que domina as explicações, pois aprender também faz parte da docência.

Agindo dessa forma, onde fica a capacidade do aluno de compreender, interpretar, de sentir de acordo com seus saberes? A escola deve ser o local onde se incentiva o estudante a tomar posicionamento sobre as situações a sua volta, onde ele desenvolverá seu senso crítico, moral e ético. Mas se ele não tem espaço para desenvolver essas características, se ele não precisa criar nada porque já encontra tudo pronto, tudo determinado, se sua opinião já é anunciada por outra pessoa - o que ele vai dizer, refletir?

Acredito que há diversas formas de ensinar sem formatar, sem apagar as sensações, as reflexões, os sentires do outro, mas, é necessário criar essas condições. Sobre isso argumenta Banhtin (2011, p.80),

Que vantagem teria eu, se o outro se fundisse comigo? Ele veria e saberia o que eu vejo e sei, ele somente produziria em si mesmo o impasse da minha vida; é bom que ele permaneça fora de mim, porque dessa posição ele pode saber o que eu não vejo nem sei a partir da minha posição, e pode enriquecer consubstancialmente o acontecimento de minha vida.

Verifiquei no estudo, que nossos colaboradores não têm formação em cinema, não lhes foi ainda oportunizado a participação em seminários, oficinas, mostras de filmes e outras ações que proporcionassem um maior conhecimento sobre o cinema, sobre as imagens em movimento. Todavia, se lançam no desafio, de conforme suas experiências, adotarem metodologias que envolvam o cinema e outros audiovisuais em sala de aula.

Por um lado é bom, porque estão divulgando a temática, por outro é ruim, porque, às vezes, por falta de conhecimentos há uma tendência em utilizar o cinema ainda como entretenimento, não como arte que faz pensar, que incomoda, que causa um desassossego. Nossos estudantes, em sua maioria, não conseguem fazer uma leitura crítica dos filmes, não veem o cinema como arte, e uma das razões é que nossos docentes têm pouca ou nenhuma experiência na questão. Dessa forma, fica difícil. Alain Bergala (2008) defende que todo professor se torne um bom passador, no sentido de ser o que motiva o gosto, o entusiasmo, a paixão pela arte. O bom passador é aquele que não somente ensina o caminho, mas aquele que caminha junto, lado a lado, que está disposto a correr os mesmos riscos, que não executa, mas sim que orienta.

Essas dificuldades dos professores são também resquícios de uma pedagogia tradicional. Porém, não podemos ficar enraizados num modo de pensar, de agir, de refletir. Temos grandes transformações ocorrendo na sociedade, e é imprescindível que os docentes consigam estar participando ativamente dessas mudanças.

Estamos diante de um novo cenário social, e de fato, vivenciamos outra cultura, em que a midiatização exige-nos uma reflexão sobre os nossos modos de ver, de pensar e de estar no mundo. E nesse universo de mutação, é notório que a sociedade em que vivemos – repleta de estímulos imagéticos nos espaços sociais e onde as tecnologias e os meios de comunicação, estão cada vez mais, fazendo uso da iconografias – apresenta demandas de reflexão e atuação voltadas para o despertar de um ‘olhar ativo’ e crítico no tempo e espaço de formação escolar como produto de conhecimento. (BARRA, 2012, p.6)

Temos uma grande parcela da população que, talvez, o único local onde tenha acesso ao encontro com a arte seja na escola. Então, temos que proporcionar esses encontros, esses momentos. Temos que assumir esse papel, formar esses gostos. Faz-se essencial essas ações no *Campus Araguaína*. Promover a arte e a cultura também é dever da escola.

Mas para essas provocações passem do papel a práticas concretas, pensado aqui nas exigências legais, é necessária dedicação, estudos, conhecimentos sobre a teoria do cinema, sobre o papel social do cinema, se não, nossos professores exibirão filmes riquíssimos, mas os alunos não compreenderão a sua riqueza, porque não houve um planejamento, um estudo, uma

metodologia, um olhar sensível que contribuísse para que esse objetivo fosse alcançado, e o cinema vai continuar sendo visto como mero coadjuvante no cenário educacional.

Essa formação do gosto, da ampliação de repertórios de filmes é de extrema relevância, pois na medida em que me interesse por algo, tendo a valorizá-lo, procurando ver seus pontos positivos e certamente repassarei isso aos meus alunos e terei uma legião de adeptos que também passarão a ter uma visão positiva da questão. Uma situação contrária é o que ocorre com o cinema nacional, por desconhecimento das “pérolas preciosas”, que temos produzido no nosso país, como citou um professor, Criamos uma imagem que o cinema nacional não é bom, que só expõe situações de sexo, prostituição, drogas e violência.

No entanto, uma parte dos nossos professores concorda que temos excelentes produções, mas que temos de desenvolver a aptidão para buscá-las. Também devemos identificar com que perspectiva está sendo analisada determinada obra cinematográfica, em que ela pode contribuir na formação do aluno. Precisamos construir “a competência para ver”, pois enquanto não desenvolvermos tais habilidades, estaremos com a visão empobrecida, só vendo o que queremos ver, não enxergaremos o que está além da tela, não teremos um olhar sensível e não desenvolveremos isso no nosso estudante.

Porém, isso não ocorrerá de forma simples e repentina, precisará de um tempo para que essa visão seja aos poucos construída. São as vivências e experiências com as obras cinematográficas, os estudos teóricos, que também nos darão embasamento para essa estruturação. Mas, se nossa disposição estiver aberta ao novo, ao diferente, ao desafio, fará toda a diferença nesse processo.

Sendo assim, para que o *Campus Araguaína* possa desenvolver um trabalho mais profundo com a temática de cinema e educação, faz-se necessária uma iniciação em cinema como arte, primeiramente a nossos educadores e, posteriormente, aos nossos alunos e a comunidade onde a instituição encontra-se inserida.

Outra questão que vem somar é a criação de cineclubes, que irão proporcionar de forma mais abrangente as experiências com a sétima arte. A aquisição de obras que versem sobre a linguagem cinematográfica, a aquisições de filmes para compor o acervo da instituição, o desenvolvimento de projetos sobre a área, a promoção de seminários e mostras fílmicas das outras escolas, enfim, há diversas maneiras de se promover esse encontro com a arte, de desenvolvermos os saberes necessários para aprendermos utilizar o cinema em toda da sua potencialidade.

Minha experiência com o desenvolvimento dessa escrita foi sem igual, percorri longas leituras, muitas reflexões, mudanças de posicionamento que demonstram o quanto ao aprender,

nos ressignificamos nosso viver, nós nos tornamos outro. No entanto, tem momento em que pensamos em desistir, em desanimar, por que parece que quanto mais estudamos, mais vemos que não sabemos de nada.

No entanto, aos poucos vamos descobrindo o quanto somos seres em constante formação, o quanto precisamos estar sempre buscando mais e mais, o quanto a cada barreira vencida, a cada descoberta, nos tornamos mais curiosos, nos tornamos mais fortes para novos desafios, novas inquietudes.

Nesse tempo percorrido a fila do banco, a espera para uma consulta médica, a espera por um atendimento qualquer, até horas no hospital acompanhando alguém da família já se tornaram meus aliados e não mais um tempo perdido, um momento angustiante, pois devido a dificuldade de assimilação dos conteúdos dos textos, dificuldade em trazer para minha realidade aquele aprendido, sempre que precisava sair para resolver algo, levava comigo um livro, um texto, para ler, para refletir. Me senti até mais dedicada aos estudos do que antes, parece que dessa vez fez mais sentido o que estudei, o que apreendi.

À vista do que foi exposto, este trabalho não representa apenas a realização de mais um sonho ou o recebimento de uma titulação, mas, sobretudo, é o início de uma ação maior que pretendo realizar no *Campus Araguaína*, onde terá foco o cinema como arte. Um trabalho onde os discentes e docentes poderão ampliar de seus repertórios fílmicos, suas experiências e vivências com a sétima arte.

Como intitulei em um artigo no decorrer dessa formação, “Um mestrado não pode ser somente um mestrado”. Não pode terminar na finalização de uma escrita. Se desse tempo percorrido, dessas aprendizagens e experiências, não existir um fruto, uma atividade, uma ação prática - de nada terá adiantado o empenho. Que contribuição estarei dando a sociedade, à instituição onde trabalho, se guardar esse trabalho em alguma estante? De que me servirá meus saberes se não forem compartilhados, expandidos? Cada um de nós é responsável pela construção de uma sociedade mais ética, justa, sensível ao outro, mais empenhada em criar possibilidades para o desenvolvimento de uma educação melhor em todos os níveis sociais.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

ALMEIDA, Milton José. A linguagem na nova oralidade. Imagens e sons. In: **Coletânea lições com cinema**. São Paulo: FDE, 1994, p.117-124.

ALVARENGA, N.A. Imagem de cinema cultural e digital. In: FREITAS, M.T. de A. (org). **Escola, tecnologias digitais e cinema**. Juiz de Fora: UFJF, 2011p. 83-94

ANTUNES, Helenise Sangoi; OLIVEIRA, Valeska Fortes de; BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. **Imaginário, representações sociais e formação de professores(as): entre saberes e fazeres pedagógicos**. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2004/02/r4.htm> Acesso em 28.01.2014.

ARAGUAÍNA está entre as 20 metrópoles do futuro de "Veja", impulsionada pelo setor de serviços. 2010. Disponível em: <http://www.portalet.com.br/n/cf92b5ebcf1c9b93093f71cdd96f1833/araguaina-esta-entre-as-20-metropoles-do-futuro-de/> Acesso em 05.09.2013

ARDEVOL, E, MUNTANOLA, N (coord). **Representación y cultura audiovisual em la sociedade contemporânea**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 6ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARRA, Regina Ferreira et al. Cinema com e para educadores. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN ARGENTINA DE ESTUDIOS DE CINE Y AUDIOVISUAL. 2012. Disponível em: http://www.asaeca.org/aactas/ferreira_barra_regina_-_ponencia.pdf. Acesso em 05/01/2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARBOSA, Kerley Carmem Silveira; SANTOS, Kerley Angélica dos. **Escritos de alfabetização audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2009.

BALEEIRO, M.; SIQUEIRA, M.J.; CAVALCANTI, R. & SOUSA, V. **Sexualidade do adolescente: fundamentos para uma ação educativa**. Título I. Salvador: Fundação Odebrecht, 1999, p.54.

BELEI, Renata Aparecida; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Aparecida; NASCIMENTO, Edinalva Neves; MATSUMOTO, Patrícia Helena Viviam Ribeiro. O uso de entrevistas, observação e vídeo gravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de educação**. Pelotas n. 30, p. 187-199. Jan/jun.2008.

BERGALA, Alain. **A Hipótese cinema**. Rio de Janeiro: Booklink, CINEAD-LISE-FE/UERJ, 2008.

BORDENAVE, Juan Diaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino- aprendizagem**. 17ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997

BOTELHO, Marina Alvarenga. **Por uma pedagogia do olhar: o cinema brasileiro como possibilidade estética na formação inicial de professores**. Lavras-MG: UFLA, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction: critique sociale du jugement**. Paris: Les Editions de Minuit, 1979.

BRAGANÇA, Mauricio de. Cinema e educação: por uma pedagogia indisciplinada da imagem. **ECCOM**, v.6, n. 12. Jul/dez. 2015

BRASIL. Lei N.13.006/14. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 jun. 2014. disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=27/06/2014&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=72>

Cametá: viagem pela história. 2010. Disponível em: <http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-82288-CAMETA-+VIAGEM+PELA+HISTORIA.html>. Acesso em 12.09. 2013

CAMPUS histórico de Cametá. 2004. Disponível em: http://www.campuscameta.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=30&Itemid=37 Acesso em 15.09.2013

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1: a imagem-movimento**. Tradução de Stella Senra. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DEUS, Ana Iara Silva de. Cinema como arte na escola: uma experiência de alteridade. In: **X ANPED SUL**. Florianópolis, out.2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. 3ed. Belo: Horizonte: Autêntica, 2009.103p.
_____. _____. Belo: Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosália e outros. Produção de sentidos e criação de valores na experiência com o cinema. In: SETTON, Kerley da Graça Jacinto(org). **A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação**. Annablume, 2004.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba: UFPR, 2004. n.24, p.213-225.

FARENZENA, Marlene Leal. **A (re)invenção de si na tela da docência: imaginário social e formação ético-estética**. Santa Maria: UFSM, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 50.ed. rev.e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011, 253p.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001

FRESQUET, Adriana e Xavier, Márcia (Orgs). **Novas imagens do desaprender: Uma experiência de aprender cinema entre a cinemateca e a escola**. Rio de Janeiro: Booklink-CINEAD – LISE – FE/UFRJ, 2009.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e fora da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, Jaime Raúl Seixas. **Os Métodos Quantitativos na Sociologia: Dificuldades de Uma Metodologia de Investigação**. In. Congresso Português de sociologia. Disponível em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/346.pdf>. Acesso em: 20.05.2014

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALVÃO NETO, Américo. **A arte fílmica e sua pedagogia**. Existência e Arte. Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes. Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano I – N. I – jan-dez. 2005.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Coleção pesquisa qualitativa.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum: ensaio sobre educação ético-estética**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

HISTÓRIA de Araguaína. Disponível em: http://www.achetudoeregiao.com.br/to/araguaina/historia_araguaina.htm. Acesso em 25.09.2013

IBGE divulga estimativa das populações residentes nos 5.565 municípios brasileiros, Araguaína cresceu 4,6% em dois anos. 2012. Disponível em: <http://www.portalnabocadopovo.com.br/2012/08/31/ibge-divulga-estimativa-das-populacoes-residentes-nos-5-565-municipios-brasileiros-araguaina-cresceu-46-em-dois-anos/>. Acesso em 12.10.2013.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: Formar-se para a mudança e a incerteza**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2004

_____. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. 7ed. São Paulo: Cortez, 2009. Questões de nossa época, 77.

Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia do Tocantins. **Projeto pedagógico do curso técnico em informática integrado ao ensino médio**. Araguaína: IFTO, 2013. **ITPAC em Araguaína**. 2010. Disponível em [:http://www.itpac.br/Conteudo/?ID=ITPAC em Araguaina](http://www.itpac.br/Conteudo/?ID=ITPAC_em_Araguaina). Acesso em 12.10.2013.

KLAMMER, Celso Rogério. **Cinema e educação: possibilidades, limites e contradições**. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/setimaarte/images/pdf/cinema-e-educac3a7c3a3o-possibilidades-limites-e-contradic3a7c3b5es.pdf>. Acesso em 10.01.2015

KENSKI, Vani Moreira. **O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). *Didática: O ensino e suas relações*. São Paulo: Papirus, 1996.

KURY, Adriano da Gama; KURY, Mario da Gama. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FTD, 2008.

LOPES, José de S. Miguel. **Educação e cinema: novos olhares na produção do saber**. Porto: Profedições, 2007.

LOPES, Paula da Silva Vidal Cid. A educação de jovens e adultos em uma conversa entre o imaginário e a memória coletiva. In: AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de (org). **Imaginário e educação: reflexões teóricas e aplicações**. São Paulo: Alínea, 2006, p.1117-139

LOSADA, Manuel R. O imaginário Radical de Castoriadis: seus pressupostos. In: AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de. **Imaginário e educação: reflexões teóricas e aplicações**. Campinas-SP: Alínea, 2006. 151p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Kerley. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, Mário Osório. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí: UNIJUÍ, 1995.

MARTÍN-BARBEIRO, J. **Dos meios à mediação: comunicação, cultura e hegemonia**, 6ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MIRANDA, C.E.A. Fazer cinema na educação: uma utopia em construção. *Revista Contemporânea de educação*, v.5, n. 09, p, 104-110, 2010.

MORAIS, Itamar Araújo. **Araguaina (TO): enquanto cidade média no contexto regional**. Universidade de Brasília: 2014, 130f.

MORÉS, Andréa et al. Os saberes docentes frente a complexidade do processo educativo. IN: OLIVEIRA, Valeska Forte de (org). **Imagens de professor**. 2ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. p. 57-77

NÓVOA, António. **Professores: imagem do futuro presente**. Lisboa, Educa, 2009. 95p.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Em tempos de formação – o cinema, a vida e o cuidado de si**: Exercícios autobiográficos e coletivos na atividade docente. Santa Maria-RS: UFSM, 2012.

_____. **Imaginário social e escola de ensino médio**. 2ed. Ijuí: UNIJU, 2005

_____. **Narrativas como dispositivo de conhecimento de práticas Professorais**. UFSM. s.d

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântida, 2005.

RANCIERE, J. **El espectador emancipado**. Buenos Aires: Manantial, 2010.

RANCIERE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RAMOS, A. L. A.; TEIXEIRA, I. A. de C. **Os professores e o cinema na companhia de Bergala**. Revista Contemporânea de Educação, vol 5, n10, jul/dez 2010.

ROMANELLI, Geraldo. **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. 1ª ed. Ribeirão Preto-SP: Ed. Legis Summa Ltda, 1998.

ROSA M.V.F.P, de; ARNOLDI, M.A.G.C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 112p.

REBECA, Elaine Simoes Romual. **Cinema na sala de aula**: proposições para uma exploração estética de filmes por professores. 01/09/2011 108 f. Mestrado acadêmico em educação instituição de ensino: universidade do vale do Itajaí.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência**: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

SCHRAIBER, L. B. Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 63-74, 1995

SGANZERLA, Rogério. **Por um cinema sem limite**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

SILVA, Andressa Henning; FOSSÁ, Kerley Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. In: IV ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE. Nov.2013

SILVA, Alessandra Colaço. **Arte mídia e cinema**: um ensinar que me ensina. Florianópolis: UFSC, 2012.

SOBRE Araguaína. Disponível em: <http://www.encontraaraguaina.com.br/araguaina/> . Acesso em 26.09.2013

SOUSA, Cícero Luis de. O encontro entre cinema e educação: olhares sobre um trabalho pedagógico na escola. In: **Imagens da educação**, v.5, n.2, p.45-56, 2015

SOUZA, Albano Goes ; MENDONÇA, Edson Victor Lima Mendonça; LINHARES, Ronaldo Nunes. **Luz, câmera e educação**: a pedagogia do cinema na formação de professores. Interfaces Científicas – Educação. Aracaju, v.01, n.01, p. 9-20, out. 2012

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal.In: MORAES FILHO, Evaristo(org). **Sociologia**: Simel. São Paulo: Ática, 1983, p. 165-181

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; GRAMMONT, Kerley Jaqueline de; AZEVEDO, Ana Lúcia de Faria e. “Me ajuda a olhar”: o cinema na formação de professores(as). **Educação em foco**, ano 17, p.123-143, n.24, dez.2014,

TOKARSKI, Célia Regina. **Educando para a diversidade**: o negro na social e no ensino de história. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/980-4.pdf>

VALENTE, J,A. **Computadores e conhecimento**: repensado a educação. Campinas: UNICAMP, 1993.

VASCONCELLOS, Vanessa Alves da Silveira; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Experiências estéticas na docência: o cinema como dispositivo formativo. **Linhas Críticas**, vol.20, núm. 42, p.405-420, maio-ago, 2014.

APÊNDICE: Sugestão de Roteiro de entrevista

I. CINEMA NA VIDA

- a) Você gosta de assistir filmes
- b) Onde e com quem você assistiu?
- c) Que tipo de filmes você gosta?

II. CINEMA NA ESCOLA

Você usa algum filme ou material audiovisual em sala de aula, por que?

Você tem conhecimento dos filmes que seus alunos vêem?

Comente alguma situação na escola que usou um filme ou audiovisual e teve um resultado positivo.

Como você avalia o lugar do cinema na escola?

Quais seriam as dificuldades e facilidades na utilização do cinema no Campus?

Quais os pontos negativos e positivos do cinema na escola?

Qual a metodologia que você costuma usar após a exibição de filmes.

Qual sua avaliação sobre o cinema nacional?

Conhece ou já ouviu falar sobre a Lei 13.006/2014?

Qual sua opinião sobre essa Lei?

Você acredita que o cinema pode contribuir na formação cultural e intelectual das pessoas?

Por que?